

CRISTYANE DE CAMARGO SAMPAIO VILLEGAS

HESITAÇÕES E CONSTITUINTES PROSÓDICOS
NA FALA INFANTIL

CRISTYANE DE CAMARGO SAMPAIO VILLEGA

**HESITAÇÕES E CONSTITUINTES PROSÓDICOS
NA FALA INFANTIL**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof. Dr. Lourenço Chacon
Jurado Filho

São José do Rio Preto
2020

V732h

Villega, Cristyane de Camargo Sampaio

Hesitações e constituintes prosódicos na fala infantil / Cristyane de Camargo Sampaio Villega. -- São José do Rio Preto, 2020
109 f.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto

Orientador: Lourenço Chacon Jurado Filho

1. Linguística. 2. Hesitação. 3. Análise Prosódica (Linguística). 4.
Fonologia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CRISTYANE DE CAMARGO SAMPAIO VILLEGA

**HESITAÇÕES E CONSTITUINTES PROSÓDICOS
NA FALA INFANTIL**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientador

Profª. Drª. Lúcia Regiane Lopes Damásio
UNESP – Câmpus de Assis

Profª. Drª. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
UEPB – João Pessoa

Profª. Drª. Ana Luiza Pereira Gomes Pinto Navas
Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo – São Paulo

Profª. Drª. Gabriela Maria de Oliveira Codinhoto
UFAC – Rio Branco

Marília
31 de março de 2020.

**Àqueles que me apoiaram, direta ou indiretamente, durante
minha jornada acadêmica.**

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Lourenço Chacon, por aceitar, desde 2008, a minha participação no grupo de pesquisa. Talvez, as palavras que escrevo aqui não sejam suficientes para expressar a gratidão que sinto. Obrigada por todos os ensinamentos acadêmicos e pessoais. Obrigada pela paciência, pelas leituras, pelas discussões teóricas, pelos “puxões de orelha” necessários.

Às professoras, membros da banca de qualificação e de defesa, pela leitura cuidadosa, pelas colocações e sugestões.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, pela organização e pelas aulas ofertadas que me proporcionaram momentos de reflexão e aprendizado, sem os quais esta tese não seria possível.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem* (GPEL/CNPq), em especial Aline Santos por me socorrer com as análises sintáticas e por ser quem é.

Agradeço, também, à Mirian, à Beatriz e ao Marciel, por permitirem que eu e Suellen contribuíssemos para suas formações acadêmicas. Obrigada pela paciência, pelos encontros semanais e pela experiência que pudemos ter.

À minha família, pelo incentivo e encorajamento, por entenderem minha distância física e psicológica durante todos esses anos de pesquisa, por me acalmarem nos momentos mais difíceis.

Ao Adair, por estar sempre ao meu lado, por me ajudar com as decisões da vida e não me deixar desistir.

À Manoela, por ter uma escuta atenta, mesmo a distância. Obrigada pela calma nos momentos de angústia, pelas conversas, pelas viagens, por sempre me fazer ver um lado bom das coisas.

À Suellen, que me fez companhia nesses anos acadêmicos, em especial no doutorado. Obrigada pela parceria nas disciplinas, nas orientações, nas discussões, nas leituras. Obrigada pelas trocas de experiências teóricas, pelos estudos de casos clínicos, pelas conversas e pela amizade construída.

Às colegas rio-pretenses, Cecilia, Gabriela e Aline, por dividirem as tarefas de casa, as jantas, as angústias do dia a dia.

À Associação Renascer, em especial à equipe da saúde, que me acolheu de forma tão afetuosa, que aceitou meu afastamento e meu retorno. Obrigada por contribuírem com minha formação profissional. Agradeço, também, os momentos de lazer e risadas que pudemos ter.

A todos que me incentivaram e me constituíram direta ou indiretamente.

Por fim, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, no período de Março/2017 a Fevereiro/2018 à qual agradeço.

RESUMO

Propusemos investigar, na fala infantil, relações entre hesitações e as configurações de cinco dos constituintes prosódicos (Nespor; Vogel, 1986): *enunciado fonológico*, *frase entonacional*, *frase fonológica*, *grupo clítico* e *palavra fonológica*. A busca dessas relações foi orientada pelos objetivos: (i) verificar, nas ocorrências de hesitação, seu vínculo com constituintes prosódicos nos quais a informação fonológica se mostra relacionada a aspectos sintático-semânticos e a aspectos morfológicos e lexicais do enunciado; e (ii) observar, nos diferentes constituintes prosódicos, se as hesitações ocorrem, preferencialmente, nas posições fracas ou fortes que os compõem. Os dados foram extraídos de um banco composto por 147 situações de entrevistas (gravadas e transcritas) realizadas com crianças entre 5-6 anos de idade. Primeiramente, consideramos as ocorrências de hesitações que incidiram em dois grupos de constituintes prosódicos, de acordo com suas características estruturais: os mais altos (*enunciado fonológico*, *frase entonacional*, *frase fonológica*) – por apresentar interação com componentes sintático-semânticos; e os mais baixos (*grupo clítico* e *palavra fonológica*) – por apresentarem interação com componentes morfológicos e lexicais. Em seguida, consideramos as ocorrências de hesitações julgadas em posições fortes ou fracas dos cinco constituintes prosódicos selecionados. Foram detectadas, pelos juízes, 2.399 ocorrências hesitativas. Dessas ocorrências, verificamos que as hesitações incidiram nos dois grupos de constituintes. Fato que interpretamos como os dois modos pelos quais a língua se organiza. A hesitação, ao incidir nesses dois modos revelaria conflitos na seleção e na combinação de elementos linguísticos na emergência de uma cadeia sintagmática. Em outras palavras, as hesitações identificadas em níveis mais altos, a integração sintaxe/semântica/prosódia entre os elementos que se combinam na cadeia sintagmática ocorreu de forma conflituosa. Por outro lado, as hesitações identificadas em níveis mais baixos, a seleção de um elemento, dentre outros elementos passíveis é que se mostrou conflituosa. Embora as hesitações tenham emergido nos dois modos da língua/grupos de constituintes, estiveram mais fortemente envolvidas com os constituintes mais baixos. O que nos mostrou que, na fala das crianças analisadas, as hesitações demonstraram haver maior envolvimento/conflito com a seleção de elementos menores – grupos clíticos e palavras fonológicas / itens lexicais e morfológicos. Quanto à relação entre hesitações e proeminência relativa, verificamos: (1) maior porcentagem de hesitações em *frase entonacional*; (2) maior percentual de ocorrência hesitativas identificadas em posição fraca; (3) diferença estatística entre as posições, com exceção da *palavra fonológica*; e (4) na posição fraca, o *grupo clítico* apresentou maior incidência de hesitações. Verificamos que os fenômenos da língua vinculados a porções prosodicamente fortes e fracas de enunciados relacionem-se de forma diferente, a depender dos graus de proeminência em cada constituinte – revelando seu funcionamento extremamente complexo. Com efeito, são múltiplos os diferentes domínios prosódicos – pelos quais esse funcionamento pode ser descrito, além de que cada domínio se configura de diferentes maneiras, uma vez que estão em questão, na organização de cada constituinte prosódico, diferentes formas de relação entre a informação fonológica e a informação que com ela se relaciona, vinda de outros planos da gramática.

Palavras-chave: Hesitações; Constituintes prosódicos; Linguagem na infância.

ABSTRACT

We proposed to investigate, in children's speech, relationships between hesitations and the configurations of five of the prosodic constituents (Nespor; Vogel, 1986): *phonological utterance*, *intonational phrase*, *phonological phrase*, *clitic group* and *phonological word*. The search for these relationships was guided by the objectives: (i) to verify, in the occurrences of hesitation, its link with prosodic constituents in which the phonological information is related to syntactic-semantic aspects and to the morphological and lexical aspects of the utterance; and (ii) observe, in the different prosodic constituents, if hesitations occur, preferably, in the weak or strong positions that compose them. The data were extracted from a database composed of 147 interview situations (recorded and transcribed) conducted with children between 5-6 years of age. Firstly, we consider the occurrences of hesitations that showed two groups of prosodic constituents, according to their structural characteristics: the highest (*phonological utterance*, *intonational phrase*, *phonological phrase*) - for presenting interaction with syntactic-semantic components; and the lowest (*clitic group* and *phonological word*) - for presenting interaction with morphological and lexical components. Then, we consider the occurrences of hesitations judged on strong or weak positions of the five selected prosodic constituents. 2.399 hesitant occurrences were detected by the judges. From these occurrences, we can see that the hesitations showed up both groups of constituents. Fact that we interpret as the two modes in which the language is organized. The hesitation, when showed up on these two modes, would reveal conflicts in the selection and the combination of linguistic elements in the emergence of a syntagmatic chain. In other words, the hesitations identified at higher levels, the syntax-semantics-prosody integration between the elements that combine in the syntagmatic chain occurred in a conflicting way. On the other hand, the hesitations identified at lower levels, the selection of an element, among other possible elements, proved to be conflicting. Although hesitations emerged in the two modes of language / constituent groups, they were more strongly involved with the lower constituents. What showed us that, in the speech of the children analyzed, the hesitations demonstrated greater involvement / conflict with the selection of smaller elements - *clitic groups* and *phonological words* / lexical and morphological items. As for the relationship between hesitations and relative prominence, we found: (1) a higher percentage of hesitations in an *intonational phrase*; (2) higher percentage of hesitative occurrences identified in a weak position; (3) statistical difference between the positions, except for the *phonological word*; and (4) in the weak position, the *clitic group* had a higher incidence of hesitation. We verify that language phenomena linked to prosodically strong and weak portions of utterances are related differently, depending on the degrees of prominence in each constituent - revealing its extremely complex functioning. Indeed, there are multiple different prosodic domains - by which this functioning can be described, and each domain is configured in different ways, since they are in question, in the organization of each prosodic constituent, different forms of relationship between phonological information and information related to it, coming from other levels of grammar.

Keywords: Hesitations; Prosodic constituents; Language in childhood.

GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição das ocorrências hesitativas em cada um dos cinco constituintes prosódicos analisados 69

Gráfico 2. Distribuição de ocorrências hesitativas identificadas em posições fortes e fracas no interior dos domínios *enunciado fonológico*, *frase entonacional*, *frase fonológica*, *grupo clítico* e *palavra fonológica* 70

QUADROS

Quadro 1.	Exposição das oficinas pedagógicas realizadas durante o ano de 2011	47
-----------	---	----

TABELAS

Tabela 1.	Idade das crianças na primeira e na última coleta em situação de entrevista	51
Tabela 2.	Distribuição dos enunciados com e sem ocorrências hesitativas	56
Tabela 3.	Análise estatística e inferencial da distribuição de ocorrências hesitativas identificadas nos grupos de constituintes mais altos e mais baixos da hierarquia prosódica.....	64
Tabela 4.	Análise estatística da distribuição entre posição forte e posição fraca no interior dos diferentes domínios prosódicos	71

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	11
2. REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1. As hesitações	18
2.2. Relação hesitação e prosódia	28
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	34
3.1. Sobre Fonologia Prosódica	34
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	46
4.1. Formação do banco de dados	46
4.2. Amostra analisada	50
4.3. Critérios de análise dos dados	51
4.3.1. Classificação das hesitações	51
4.3.2. Quantificação dos enunciados	55
4.3.3. Classificação dos constituintes prosódicos	57
4.4. Análise estatística	63
5. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	64
6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	80
6.1. Relações entre hesitações e constituintes prosódicos (interface entre fonologia e outros componentes da gramática)	82
6.2. Relações entre hesitações e constituintes prosódicos (relação com a proeminência relativa)	91
7. CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS	100
ANEXO A – Normas de transcrição das sessões de conversação	106
ANEXO B – Marcas hesitativas consideradas para transcrição e análise de nosso material.....	107

1. APRESENTAÇÃO

Propomos investigar possíveis relações entre hesitações e características prosódicas (de um ponto de vista fonológico). Especificamente, visamos verificar, em enunciados produzidos por crianças, a distribuição das hesitações em função da configuração de diferentes constituintes prosódicos (tais como descritos por Nespor; Vogel, 1986).

Nosso interesse pela hesitação é fruto de investigações sobre o fenômeno hesitativo produzidas pelo Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem* (GPEL/CNPq) – do qual participamos. No GPEL, os estudos, em sua maioria, priorizaram o funcionamento das hesitações em sujeitos adultos e em condição patológica, a saber: na Doença de Parkinson. Apesar de desenvolvidos com sujeitos adultos e em condição de patologia, esses estudos, além de contribuírem para o entendimento do fenômeno da hesitação, nos fizeram questionar sobre seu funcionamento também na fala de crianças. Assim, buscamos, em um primeiro momento (em nível de Iniciação Científica)¹, investigar as instabilidades na fala de crianças em desenvolvimento típico de linguagem – olhar diferente do comumente encontrado na literatura, já que, a época da realização dessa pesquisa, os estudos privilegiavam a investigação das disfluências/ hesitações na fala considerada patológica, como a gagueira (FRIEDMAN, 2004; AZEVEDO; LUCENA, 2009; ANDRADE, 2003; MARTINS; ANDRADE, 2008; TUMANOVA TUMANOVA; ZEBROWSK; THRONEBURG; KAYIKCI, 2011), ou na fala considerada normal, mas em sujeitos adultos (MERLO, 2006; NASCIMENTO; CHACON (2008); NASCIMENTO (2010); MERLO; BARBOSA, 2010)² –, em contextos controlados (as crianças declamavam uma parlenda). Nessa investigação, procuramos demonstrar a hipótese de que as instabilidades indicariam em momentos de turbulência na relação sujeito/língua, sobretudo no que diz respeito a seus aspectos fonético-fonológicos. Detectamos, nos resultados, maior ocorrência de pausas, de alongamentos, de repetições hesitativas e de cortes bruscos em palavras com maior extensão e/ou com padrões silábicos complexos. Vimos, também, que as ocorrências de hesitação coincidiram com momentos nos quais identificamos mudanças prosódicas bruscas no fio do discurso, como aumento/diminuição de velocidade e/ou variações bruscas de intensidade (para mais ou para menos). De acordo com os resultados, essa combinação entre momentos hesitativos e variações prosódicas, sobretudo na

¹ Iniciação científica desenvolvida com apoio da FAPESP – Processo 2011/00429-1

² Considerações mais detalhadas sobre essa literatura podem ser encontradas em Villega (2011) e em Chacon; Villega (2012).

ocorrência de palavras de maior complexidade fonológica para o vocabulário das crianças, sugeria que os momentos turbulentos da fala infantil demonstravam como a complexidade da língua se mostrava para a criança, bem como a maneira como ela lidava com tal complexidade. Motivados pelos resultados, aprofundamos a investigação do fenômeno da hesitação no enunciado de crianças em nível de mestrado³.

Nesse segundo momento, buscamos um contexto de fala menos controlado do que a situação experimental em que se baseou a pesquisa de iniciação científica. Para tanto, utilizamos gravações de quatro crianças pré-escolares em situação de entrevista semidirigida, nas quais elas deveriam contar sobre atividades realizadas em sala de aula. Devido ao tempo disponível para o mestrado, analisamos apenas as hesitações em início de enunciados. Nos resultados a que chegamos, os enunciados iniciados sem hesitações ocorreram em maior número do que aqueles iniciados com hesitações. No entanto, ao buscarmos nos enunciados do interlocutor elementos que levariam a criança a hesitar mais, ou menos, encontramos correlação entre a presença/ausência de hesitações em início de enunciados e o tipo de pergunta (aberta/fechada) realizada pelo interlocutor. Com efeito, quando a pergunta era do tipo fechada, os enunciados iniciaram-se, na maioria dos casos, **sem** marcas hesitativas e, quando a pergunta era do tipo aberta, na maioria dos casos, **com** marcas hesitativas. Outro resultado a que chegamos foi quanto ao tipo de marca preferencialmente utilizada em início de enunciados pelas crianças: as pausas silenciosas e o corte brusco. Essas duas marcas foram agrupadas na categoria denominada por nós de silêncio. Tal resultado corroborou a literatura, que já previa o silêncio como marca detectada tanto na fala de sujeitos considerados como típicos quanto na daqueles em condição patológica. No entanto, foi dada, também, outra interpretação possível para a preferência pelo silêncio: a de que o silêncio pode ser “[...] um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (ORLANDI, 2007, p. 13). Desse modo, a preferência pelo silêncio poderia corresponder a um momento em que a criança dava indícios de que estava em negociação com o (não)dito, ou seja, com as escolhas com que se defrontava para produzir o (seu) dizer.

Dessa forma, foram as reflexões iniciadas ainda durante a graduação e, posteriormente, desenvolvidas no mestrado que conduziram à proposta do presente trabalho. Exposta a motivação para a presente pesquisa, passaremos, primeiramente, à descrição de estudos que investigaram as hesitações sob perspectiva linguística e, em

³ Mestrado também desenvolvido com apoio da FAPESP – Processo 2011/15367-1.

seguida, à descrição de estudos que se preocuparam em investigar a relação entre hesitações e prosódia, sobretudo de um ponto de vista fonológico.

Na primeira descrição, aquela referente à literatura que buscou destacar o papel das hesitações, detectamos diferentes perspectivas. Dentre elas, estudos que olharam para as hesitações como: (1) mecanismo de planejamento cognitivo da fala (GOLDMAN-EISLER, 1961; LEVIN; SILVERMAN, 1965; JONES, 1974); (2) aspectos interacionais da formulação do texto falado (MARCUSCHI, 1998, 1999; 2006 – com reedição em 2015); e (3) aspectos subjetivos e discursivos da fala (SCARPA, 1995; NASCIMENTO; CHACON, 2006; CHACON, 2006; RAMOS; SCARPA, 2007; CARNEIRO, 2011; CARNEIRO; SCARPA, 2012; CAMILLO, 2011; NASCIMENTO, 2012), dentre outros. Assumimos, nesta pesquisa, a terceira perspectiva – a qual, como se verá adiante, será descrita com maior especificidade em comparação aos dois olhares anteriores, já que sustentará, teórica e metodologicamente, a presente investigação. Especificamente, nos apoiamos em estudos desenvolvidos pelo GPTEL, para o qual as hesitações são interpretadas como momentos de negociação do sujeito com os *outros* constitutivos do seu discurso – sejam esses *outros* tanto a presença constitutiva do interlocutor no discurso da criança, quanto a maior/menor complexidade da língua com a qual a criança deve negociar.

Passemos à descrição de estudos que relacionaram hesitações e prosódia (de um ponto de vista fonológico). Conforme demonstraremos com mais detalhes no decorrer deste texto, são poucos os trabalhos que buscam tal relação. Além de poucos, com exceção dos de Melo (2013 e 2016) e de Scarpa (1995 e 2015), nos demais trabalhos foram realizadas análises com indivíduos adultos. Como exporemos, a relação entre hesitação e prosódia é ainda mais escassa em trabalhos desenvolvidos com dados do português brasileiro (PB). Nesses trabalhos, veremos limitações, por exemplo: a priorização de apenas um ou outro constituinte, de uma ou outra marca hesitativa específica e de análise da produção de fala de adultos, ou, ainda, de poucas ou apenas uma criança.

Até onde nosso levantamento bibliográfico permitiu chegar, além de limitações metodológicas, embora tenhamos verificado escassez de trabalhos que investigam o fenômeno da hesitação e, ainda mais, escassez de trabalhos que investigam a relação hesitação e prosódia, esses trabalhos trouxeram grande contribuição ao mostrar que as hesitações não são distribuídas aleatoriamente, tanto do ponto de vista sintático quanto do ponto de vista fonológico ou, ainda, do ponto de vista de sua periodicidade de ocorrência na fala. De um ponto de vista sintático, por exemplo, Goldman-Eisler (1961) aponta que as pausas estariam

envolvidas com o planejamento da fala, seja no âmbito sintático-semântico, seja no âmbito semântico-lexical, e não ocorreriam de forma aleatória. Apoiado nessa autora, Hawkins (1971), também de um ponto de vista sintático, afirma que as hesitações não ocorrem de forma aleatória, já que, para o autor, as pausas apareceriam em limites de sintagmas sintáticos. Ainda de um ponto de vista sintático, Marcuschi (2006/2015) aponta que as marcas hesitativas não se distribuem aleatoriamente na estrutura organizacional do enunciado. Ao contrário, as hesitações seriam elementos que indicariam a organização sintagmática da língua, apresentando certa regularidade em sua distribuição em relação ao contexto sintático. Para o autor, as hesitações apareceriam, preferencialmente, “[...] na *cabeça das construções sintagmáticas*, em geral à esquerda do núcleo de qualquer constituinte em construção.” (MARCUSCHI, 2015, p.64)

A não aleatoriedade do local de ocorrências de hesitações é apontada, também, em trabalhos desenvolvidos sob um ponto de vista fonológico: Scarpa (1995), Scarpa e Iliovitz (2002), Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012) e Scarpa (2015) destacam que as hesitações-disfluências se espalham pelo enunciado. No entanto, não são prosodicamente aleatórias e tendem a ocorrer em trechos periféricos e fronteiros anteriores ao núcleo. Para o português europeu (PE), Moniz (2006) também aponta a não aleatoriedade das hesitações de um ponto de vista fonológico. Para a autora, as hesitações – especificamente as pausas preenchidas, seu objeto de estudo – incidem de diferentes modos na fala, já que as pausas aa/uh ocorreriam preferencialmente após um constituinte prosódico menor e as pausas am/um, após um constituinte prosódico maior.

Ainda quanto à não aleatoriedade das hesitações, mas vista sob a perspectiva de sua periodicidade de ocorrência, Merlo (2006) destaca que os períodos de não hesitação são mais longos dos que os de hesitação. Tais períodos de hesitações apresentam periodicidade de aparecimento na fala, mostrando, segundo a autora, que a hesitação é um fenômeno bem organizado temporalmente. Merlo e Barbosa (2010; 2012) aprofundam essa investigação anterior sobre a periodicidade das hesitações e concluem que elas ocorrem quando o falante não encontra imediatamente uma opção adequada para produção da fala e é obrigado a temporariamente adiar a saída para resolver suas dificuldades, o que, segundo eles, demonstra que os fenômenos hesitativos não ocorrem por acaso em domínios estruturais da língua (fonético, sintático e semântico). Os autores observam, também, que as hesitações se distribuem por todo o texto falado, ou seja, que elas não se aglomeraram no início, no meio ou no fim dos textos falados.

Com base nessas considerações da literatura e de acordo com nossa proposta geral – ou seja, analisar possíveis relações entre hesitações na fala de crianças e a configuração de

diferentes constituintes prosódicos –, dois objetivos norteiam o desenvolvimento da presente pesquisa:

(1) verificar, nas ocorrências de hesitação, seu vínculo com constituintes prosódicos nos quais a informação fonológica se mostra relacionada a aspectos sintático-semânticos e a aspectos morfológicos e lexicais do enunciado;

(2) observar, nos diferentes constituintes prosódicos, se as hesitações ocorrem, preferencialmente, nas posições fracas ou fortes que os compõem⁴.

A proposição desses dois objetivos resulta de informações localizadas na literatura, as quais, a nosso ver, suscitam aprofundamento de investigação. Quanto ao primeiro objetivo, conforme veremos no decorrer deste texto, em trabalhos de diferentes filiações teóricas, as hesitações se mostraram em todo o enunciado e apresentaram certa ordenação em sua ocorrência. Dessa forma, questionamo-nos: no que diz respeito à prosódia, qual(is) constituinte(s) estaria(m) mais afetado(s) pelas hesitações? Partindo do princípio de que as ocorrências de hesitações não seriam aleatórias e de que, segundo Goldman-Eisler (1961), elas se mostrariam relacionadas ao planejamento da fala em dois planos simultâneos, um relativo a um planejamento sintático-semântico (dos conteúdos e da estrutura gramatical) e outro relativo a um planejamento semântico-lexical (nas escolhas das palavras), uma **primeira hipótese** que buscaremos demonstrar é a de que, na primeira situação, elas teriam como domínio de ocorrência os constituintes prosódicos mais altos da hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986), a saber, o enunciado fonológico, a frase entonacional e a frase fonológica, e, na segunda, o grupo clítico e a palavra fonológica. Com efeito, preveem-se, na configuração estrutural dos três primeiros constituintes, interfaces entre a informação fonológica e a sintático-semântica e, na configuração dos dois últimos, interfaces entre a informação fonológica e a informação morfológica e lexical.

Já quanto ao segundo objetivo, a ideia de que as hesitações ocorreriam em porções periféricas e fronteiriças anteriores ao núcleo e nunca em porções portadoras de acento nuclear, rítmico e melódico (formulada especialmente em estudos desenvolvidos por Scarpa ou sob sua coordenação) levou-nos à formulação de uma **segunda hipótese**: a de que as hesitações ocorreriam, preferencialmente, nas posições fracas de cada domínio prosódico.

⁴ No Capítulo 4, sobre os procedimentos metodológicos, exporemos detalhadamente as posições fortes e fracas de cada constituinte prosódico. Em linhas gerais, as posições fortes e fracas são determinadas em cada constituinte com base no *Princípio 4* que rege a Fonologia Prosódica, proposta por Nespor; Vogel (1986/2007). Nesse princípio, é estabelecida a relação de proeminência relativa entre nós irmãos, ou seja, em um dado constituinte prosódico um elemento terá valor forte e os demais elementos que o circundam o valor fraco. Buscamos, portanto, verificar, no segundo objetivo desta pesquisa, quais as relações entre proeminência e as ocorrências hesitativas que emergem em cada um dos constituintes analisados.

Ressaltemos que, diferentemente dos estudos a que tivemos acesso – expostos no Capítulo 2, sobre a revisão de literatura –, nossa análise privilegiará: (1) número grande de produções de fala de crianças, especificamente 147 situações de entrevistas; (2) ocorrências de todas as marcas hesitativas que se mostraram em nossos dados, a saber: pausa silenciosa, pausa preenchida, alongamento hesitativo, corte brusco, repetição hesitativa, gaguejamento e falso início; e (3) cinco dos constituintes prosódicos, a saber: *enunciado fonológico, frase entonacional, frase fonológica, grupo clítico e palavra fonológica*.

Além desse avanço metodológico, ressaltamos, uma vez mais, que, embora nossas hipóteses estejam pautadas em dados de literatura, sob diferentes visões teóricas, consideramos as hesitações assim como faz o GPTEL. Em outras palavras, consideramos que a emergência das hesitações são evidências de momentos de negociação do sujeito com os *outros* constitutivos do seu discurso – sejam esses *outros* tanto a presença constitutiva do interlocutor no discurso da criança, quanto a maior/menor complexidade da língua com a qual a criança deve negociar⁵.

Acreditamos que a presente investigação poderá trazer contribuições para o entendimento do fenômeno hesitativo, tanto em seu funcionamento geral quanto em seu funcionamento típico na fala infantil – ou ainda, em expectativa mais ousada, também para os estudos sobre aquisição da escrita, já que flutuações e rasuras nesse contexto também podem sugerir a presença do interlocutor na escrita da criança ou a maior/menor complexidade da língua, por exemplo, no que diz respeito à segmentação de palavras, fenômeno que envolve aspectos fonológicos, morfológicos, lexicais e ortográficos. Assim, no plano teórico, esperamos contribuir para a produção de conhecimentos que propiciem avanços na compreensão do funcionamento das hesitações. Como desdobramento de tais avanços teóricos, esperamos, ainda, que esta pesquisa contribua com uma melhor formação de terapeutas da linguagem, colaborando, assim, com o desenvolvimento de novos olhares para a avaliação e para a terapia da fala infantil.

O conteúdo do presente texto encontra-se organizado em sete capítulos. O Capítulo 1 corresponde a apresentação que acabamos de expor. No Capítulo 2, exporemos o produto de nossa revisão de literatura. Primeiramente, destacaremos contribuições dos estudos sobre hesitação sob perspectiva linguística (Seção 2.1); em seguida, apresentaremos estudos que se preocuparam em investigar a relação entre hesitações e prosódia de um ponto de vista fonológico (Seção 2.2).

⁵ Embora tenhamos como ponto de partida uma visão discursiva das hesitações, em nossa discussão dos resultados, não realizaremos análise discursiva propriamente dita.

Seguindo a exposição, no Capítulo 3, exporemos nossa fundamentação teórica, com breve descrição das características básicas da Fonologia Prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986).

Descreveremos os procedimentos metodológicos que nortearam esta pesquisa no Capítulo 4. Na Seção 4.1, apontaremos características da formação do banco do qual extraímos os dados da pesquisa. Na Seção 4.2, mostraremos características e justificaremos a amostra selecionada para análise. Na Seção 4.3, exporemos os critérios de análise dos dados, momento em que faremos: em 4.3.1, breve classificação das marcas hesitativas que utilizamos em nossa análise; em 4.3.2, descrição dos enunciados retirados da amostra analisada; e, em 4.3.3 breve descrição do que analisaremos no interior de cada constituinte prosódico. Por fim, na Seção 4.4, descreveremos os testes estatísticos em que nos basearemos para organizar e discutir os resultados que alcançamos.

Já no Capítulo 5, exporemos os resultados a que chegamos, com exemplificações retiradas de nossa amostra.

No Capítulo 6, apresentaremos nossa discussão sobre os resultados, com apontamentos das tendências do funcionamento das hesitações, bem como possíveis hipóteses explicativas para os resultados que obtivemos.

Por fim, no Capítulo 7, faremos nossas considerações finais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, apresentaremos estudos que tiveram a hesitação como ponto central de suas investigações. Primeiramente, apontaremos as diferentes perspectivas teórico-metodológicas que destacam o papel das hesitações. Esses estudos foram extraídos, sobretudo, da literatura que aborda as hesitações sob perspectiva linguística. Posteriormente, a fim de fundamentar a proposta desta pesquisa, destacaremos estudos que se preocuparam em investigar a relação entre hesitações e prosódia de um ponto de vista fonológico.

2.1. As hesitações

Frequentemente, na literatura, as hesitações são vinculadas à disfluência, a fim de se buscar o que a diferenciaria de sua contraparte da fala: a fluência. Em geral, os estudiosos concordam com a premissa de que a fluência é algo abstrato e ideal, já que, em situações reais de comunicação, a fala se caracteriza pela presença de elementos que rompem o seu fluxo. Concordam, ainda, com a premissa de que o aspecto verdadeiramente contínuo desse fluxo raramente é alcançado na fala espontânea.

Na literatura, sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas, observamos trabalhos que destacam o papel das hesitações: (1) no planejamento cognitivo da fala (GOLDMAN-EISLER, 1961; LEVIN; SILVERMAN, 1965; JONES, 1974); (2) nos aspectos interacionais da formulação do texto falado (MARCUSCHI, 1998, 1999; 2006/2015); e (3) nos aspectos subjetivos e discursivos da fala (SCARPA, 1995; NASCIMENTO; CHACON, 2006; CHACON, 2006; RAMOS; SCARPA, 2007; CARNEIRO, 2011; CARNEIRO; SCARPA, 2012; CAMILLO, 2011; NASCIMENTO, 2012). No interior desses três grupos, há diferentes recortes. Alguns trabalhos, por exemplo, são realizados com adultos e/ou com crianças em condições de linguagem consideradas atípicas, como: a gagueira (CARNEIRO, 2008, 2011; CARNEIRO; SCARPA, 2012); os desvios fonológicos (FREITAS, 2008); a afasia (PINTO, 2012); a Doença de Parkinson (CHACON, 2006; NASCIMENTO; CHACON, 2006; CAMILLO, 2011; NASCIMENTO, 2012), dentre outras. Há, também, no interior desses grupos, grande diversidade metodológica, já que os dados de hesitação são extraídos de produções consideradas como espontâneas, semi-espontâneas, ensaiadas e controladas – como leitura oral de textos (SCARPA, 1995; MERLO, 2006; MERLO; BARBOSA, 2010 e 2012) – ou, ainda, em dados de percepção de fala (MARTIN; STRANGE, 1968).

Apresentaremos aqui exemplos de trabalhos desenvolvidos nesses três grupos. Nessa apresentação, porém, deixaremos de lado aqueles que abordaram a hesitação ou a relação fluência/disfluência quando o objetivo essencial do estudo foi o diagnóstico ou a terapêutica da fluência. Faremos esse recorte para melhor nos aproximarmos de nossa proposta de análise: as relações entre hesitações e prosódia (de um ponto de vista fonológico) em enunciados falados de crianças com desenvolvimento típico de linguagem.

Conforme antecipamos, o primeiro grupo de trabalhos corresponde àqueles que se voltam para o planejamento cognitivo das hesitações. Nessa perspectiva, em trabalho pioneiro, Goldman-Eisler (1961) pensa a fala como um mecanismo complexo no qual, em cada novo ato de comunicação, o planejamento verbal cognitivo está envolvido. Da complexidade desse mecanismo resulta, para a autora, o caráter tipicamente disfluente da fala. Nesse mecanismo, embora vistas como elementos que rompem o fluxo da fala, as hesitações seriam fundamentais para a geração da informação. Ressalte-se que, para a autora, o planejamento cognitivo da fala resultaria de dois processos simultâneos: um que remeteria ao planejamento do conteúdo e da estrutura gramatical, ou seja, planejamento semântico e sintático da fala; e outro que remeteria à escolha das palavras a serem encaixadas nessa estrutura, ou seja, planejamento lexical. Assim, pausas hesitativas no interior da sentença estariam relacionadas a momentos (sintáticos/semânticos e lexicais) de indecisão na fala, o que, em outras palavras, significa dizer que os graus de fluência ou hesitação na formulação de sentenças podem depender do planejamento de sua estrutura gramatical e de sua seleção lexical.

Partindo de considerações dessa autora, Levin e Silverman (1965) expandem seu pensamento, ao proporem que pausas hesitativas na organização do pensamento poderiam estar relacionadas, também, a fatores emocionais. Essa expansão decorre de resultados a que chegaram ao analisarem a produção falada de crianças em diferentes situações, os quais apontaram que a maior ou menor incidência de pausas preenchidas e de pausas silenciosas que os autores detectaram relacionava-se a fatores emocionais, como falar em público ou não. Tais resultados foram, posteriormente, confirmados por Jones (1974), que, também apoiado em Goldman-Eisler, ao analisar as habilidades verbais de sujeitos de dois diferentes grupos sociais, concluiu que as hesitações indicariam não só o planejamento verbal, mas também tensões cognitivas e emocionais.

Ainda nesse primeiro grupo de trabalhos, Corley e Stewart (2008), ao estudarem as pausas preenchidas, questionaram se elas seriam produzidas intencionalmente pelos falantes

ou se seriam “[...] efeitos colaterais de dificuldade no processo de planejamento.” (CORLEY; STEWART, 2008, p. 589). Para os autores, as pausas preenchidas ocorreriam em enunciados quando os falantes se mostrariam inseridos em sua fala ou quando apresentariam escolhas a fazer. Os autores sugerem, ainda, que os falantes utilizam as pausas preenchidas como forma de adiar o discurso seguinte, o que levaria a crer que os falantes teriam algum controle intencional sobre a produção de pausas preenchidas, da mesma forma que apresentam controle sobre a produção de outras palavras. Embora os autores façam tal sugestão, observam serem necessárias novas pesquisas para se chegar à conclusão de que pausas preenchidas funcionariam como palavras. Para os autores, o que se pode concluir é que as hesitações fornecem informações aos ouvintes sobre a mensagem que será passada, tais como “[...] preste atenção, o falante está com problemas e a próxima parte da mensagem pode não ser o que você previu.” (CORLEY; STEWART, 2008, p.602).

Por fim, mais recentemente, Braun e Rosin (2015), também baseados em Goldman-Eisler, consideraram as diferentes marcas hesitativas como processo de planejamento verbal. Com esse olhar teórico, as autoras investigaram se o comportamento das hesitações poderia identificar falantes individuais. Para tanto, analisaram a fala de oito mulheres em três dias distintos. As autoras concluíram que cada mulher apresentou um padrão específico na utilização de marcas hesitativas, tanto quanto ao número de hesitações, quanto ao tipo de marca utilizada.

O que chama a atenção nesse grupo de trabalhos é o postulado de que as hesitações estariam vinculadas ao planejamento do enunciado. Esse postulado permitiu levantar hipóteses em nossa pesquisa, como descrevemos na apresentação deste trabalho.

Diferentemente dos trabalhos descritos, o segundo grupo a que fizemos referência vai além do aspecto cognitivo das hesitações, na medida em que não só esse aspecto, mas, também, os interacionais e formais das hesitações são destacados por seus autores. Inscritos no quadro teórico-metodológico da Perspectiva Textual-Interativa (PTI), os autores partem da organização interacional na produção do texto conversacional. Organização na qual as hesitações teriam importante papel, já que se mostrariam como elementos relacionados ao processamento simultâneo (*on-line*) entre a cognição e a execução. A PTI tem como objeto de estudo o *texto*, especificamente, os *processos de construção textual*. Para a construção de tais processos – sempre interacionalmente orientados – é levada em consideração a descrição de regularidades de estruturas textuais em diferentes contextos, de modo que se obtenha a combinação de grupos e subgrupos de enunciados para a construção de uma unidade

linguística maior: o texto. Embora seu foco sejam as particularidades mais estruturais de construção do texto, a PTI preocupa-se com as funções de tais processos na interação verbal, uma vez que se apropria de uma noção de linguagem como forma de ação verbal e de interação social. A partir dessa visão, o texto é interpretado “[...] como atividade sócio-comunicativa, que mobiliza um conjunto de conhecimentos não só de ordem linguístico textual, como também interacional, a respeito do jogo de atuação comunicativa que se realiza pela linguagem.” (JUBRAN, 2007, p. 314).

A PTI preocupa-se “[...] com o funcionamento da língua em contextos de uso, e, portanto, com a atualização da atividade discursiva em texto.” (JUBRAN, 2006, p. 30). Dessa forma, o foco de investigação centra-se na construção do texto, “[...] integrada aos fatores enunciativos que lhe dão existência e que se revelam nos próprios processos de elaboração textual” (ibid, p. 31). Mais uma vez, o texto passa ser considerado “[...] não como um produto estanque de uma interlocução verbal, mas como processo dinâmico sujeito a pressões de ordem interacional, que se mostram na materialidade linguística do texto.” (id., 2007, p. 314).

Ao longo de análises sobre a construção do texto falado no decorrer do processo interacional face a face, os estudiosos dessa abordagem verificaram que o fluxo de informação pode materializar-se por meio de estruturas linguísticas semelhantes à do texto escrito; no entanto, podem também aparecer obstáculos que originam descontinuidades. Tais descontinuidades foram privilegiadas, visto que

[...] elas refletiam, na superfície textual, um traço característico da oralidade, que é o do predomínio do modo pragmático sobre o sintático. Em situações face a face, o movimento rápido de produção da fala, não planejada com antecedência, e o envolvimento dos interlocutores no jogo de relações interpessoais acarretam uma atualização flexível do sistema sintático virtual, gerando [hesitações,] interrupções, inserções, repetições, correções, empregadas de maneira significativa na interação (JUBRAN, 2006, p. 29).

Dessa forma, ao analisar as descontinuidades, a PTI afasta-se de ideias negativas tidas como ‘defeitos’, ‘disfluências’, já que tais ideias resultam de julgamento sobre a fala feito a partir de um ponto de vista da escrita formal e suas regras de estruturação. Para a PTI, as descontinuidades são, portanto, consideradas como “[...] fenômenos constitutivos do texto falado, e integram normalmente sua construção com vistas ao estabelecimento de relações interacionais, assegurando desse modo, a comunicabilidade.” (JUBRAN, 2006, p. 36).

Das descontinuidades presentes nos textos, Marcuschi (2006/2015) aponta que as hesitações e as interrupções são específicas da oralidade, visto que se manifestam em todos os

gêneros de textos falados, mas não se manifestam em textos escritos prototípicos. O autor aponta, ainda, que as hesitações não são propriamente processos de construção textual – proposta geral da PTI – mas são tidas como atividade de processamento do texto, indicando formulações prospectivas do texto e apresentando a função de “[...] ganhar mais tempo para o planejamento/verbalização do texto, sendo condicionadas por pressões situacionais das mais diversas ordens a que estão sujeitos os interlocutores.” (MARCUSCHI, 2015, p.47). Em outras palavras, para o autor, as hesitações atuariam no plano do processamento e não no da formulação do texto.

Nas palavras do autor:

A hesitação revela as estratégias adotadas pelos falantes para resolverem os problemas que surgem devido ao processamento *on line* de formas e conteúdos. Isto quer dizer que a hesitação não é uma propriedade ou característica do falante como tal, nem da língua em si, mas um fenômeno de processamento. (MARCUSCHI, 1999, p.163)

Mais uma vez, Marcuschi (1999; 2006/2015) reforça que a hesitação faz parte da interação comunicativa de natureza oral, não sendo, portanto, uma disfunção do falante. Para o autor, as hesitações seriam, então, elementos da organização sintagmática da língua, que incidiriam na linearidade material em pontos não previsíveis exclusivamente por fatores sintáticos ou prosódicos, mas que também não seriam aleatórios. Assim, a hesitação, na visão do autor, pode “[...] **ter motivações discursivas**, preservando a fluência, já que a fala, mesmo com hesitações, pode continuar fluente.” (MARCUSCHI, 1999, p. 163, grifo do autor). Destaque-se que o mesmo autor propõe uma classificação das hesitações, segundo as características linguísticas com que elas se mostram na fala. De acordo com essa classificação, elas seriam percebidas, na fala, por meio de cinco diferentes tipos de marcas linguísticas (pausa silenciosa, pausa preenchida, gaguejamento, repetição hesitativa e falso início).

Com base no quadro teórico-metodológico da PTI, Crescitelli (2008) buscou investigar a influência do aspecto interacional nas ocorrências de hesitação e de interrupção na fala de sujeitos adultos considerados cultos. A autora observou que, embora se pudesse supor que hesitações e interrupções não ocorreriam na fala desses sujeitos, obteve-se o contrário: elas foram abundantes. A autora justifica a abundância de descontinuidade pelo fato de que os dois fenômenos são intrínsecos da oralidade e, portanto, também ocorreram nesse *corpus*. As autoras observam, também, que a hesitação indica o processamento textual,

conforme Marcuschi. Quanto ao papel interacional das hesitações e das interrupções, concluíram que essas descontinuidades emergem da própria situação comunicativa, na medida em que participam, colaborativamente, das trocas interacionais entre interlocutores. Concluíram, ainda, que trabalhos que observam a interação verbal permitem compreender os recursos e estratégias que os interlocutores utilizam, de modo a serem observadas as pressões de ordem pragmática que se sobrepõem às exigências da sintaxe, sacrificando-a em prol das necessidades de interação.

Um último trabalho encontrado sobre hesitações com base na PTI é o de Wiedemer (2017). Ao analisar o funcionamento das hesitações na fala de adultos em relação aos diferentes tipos textuais, concluiu que as hesitações incidiriam sob todos os tipos de textos. No entanto, a quantidade de hesitações e as marcas hesitativas apareceriam de diferentes modos, a depender do tipo textual.

Assim como no primeiro, esse segundo grupo de trabalhos apresenta valiosa contribuição para o estudo e para o entendimento das hesitações. Destacaremos desse segundo grupo o que julgamos pertinente à nossa análise: (i) a concepção de que a motivação da ocorrência de hesitações seria interacional; (ii) a concepção de que, mesmo com a presença de hesitações, a fala continua fluente; (iii) a visão de que as hesitações são elementos de organização sintagmática da língua; e (iv) a classificação das marcas de hesitações proposta por Marcuschi (1999, 2006). Especificamente, quanto às marcas hesitativas propostas pelo autor, apontamos sua importância para o presente trabalho, visto que utilizamos tais marcas hesitativa – complementadas por Nascimento (2005), Vieira (2009), Camilo (2011), a saber: pausa silenciosa, pausa preenchida, corte brusco, alongamento hesitativo, repetição hesitativa, gaguejamento e falso início – como base para a transcrição e a análise de nosso material, conforme serão descritas no Capítulo 4, adiante.

Passemos, agora, a exemplos do terceiro grupo que antecipamos, no interior do qual a presença de hesitações na fala é relacionada a aspectos subjetivos e/ou discursivos da linguagem. Detectamos, no interior desse grupo, duas tendências: na primeira, a hesitação é vista como indício de subjetividade; na segunda, sem excluir a subjetividade, a hesitação é vista como fenômeno que revelaria a negociação do sujeito com os *outros* constitutivos do (seu) discurso. Ressalteemos que, nesse grupo, diferentemente dos anteriores, encontramos trabalhos desenvolvidos tanto com sujeitos sem nenhuma patologia diagnosticada, quanto com sujeitos com alguma condição patológica que envolve a linguagem.

Na primeira tendência, as hesitações são destacadas ao se olhar para a gagueira sob perspectiva linguística, como o fazem Carneiro (2006, 2008, 2011) e Carneiro e Scarpa (2012). Apoiadas, principalmente, em reflexões de Claudia Thereza Guimarães de Lemos, as autoras defendem a ideia de que a relação fluência/disfluência indicaria “[...] diferentes relações do sujeito com a língua, pois [fluência/disfluência] são partes do funcionamento da fala, já que estão presentes em falas gagas e não gagas.” (CARNEIRO; SCARPA, 2012, p. 156). Por sua vez, ao analisar a gagueira infantil e apoiada em Jakobson, Carneiro (2006) afirma que “Falar implica em combinação das partes constituintes selecionadas a partir daquilo que a língua (código) oferece como possibilidades. A combinação e a seleção são possíveis dentro dos limites ou restrições impostos pela língua.” (CARNEIRO, 2006, p. 450). Para a autora, as disfluências apareceriam, então, nas relações entre sujeito e linguagem e não em uma determinada característica de um sujeito, gago ou não.

Ainda na primeira tendência desse terceiro grupo, os trabalhos mencionados a seguir também se preocuparam com a relação entre subjetividade e hesitações (no contexto das disfluências), sem, no entanto, terem como objeto de estudo a patologia – especificamente, a gagueira. Uma das mais importantes contribuições para a compreensão das hesitações na fala infantil pode ser localizada em Scarpa (1995, revisitado em 2006). Nesses estudos, a autora analisou a fala de crianças entre 22 meses e 3 anos de idade, chegando à conclusão de que “[...] a ‘fluência’ encontra-se presente em (...) enunciados estereotipados, familiares, congelados, muitas vezes em situação de especularidade imediata, em expressões que exibem maior estabilidade” (SCARPA, 1995, p. 169). Já “[...] trechos que exibem ‘disfluência’ têm seus privilégios de ocorrência [...] em instâncias que revelam complexidades [em] nível sintático-semântico ou discursivo-pragmático.” (id, p. 170). De acordo com a autora, as disfluências presentes na fala infantil tendem ocorrer em

[...] tentativas de conversão de discurso direto em indireto e vice-versa, primeiras tentativas de relatos de experiência pessoal, início de um tópico conversacional pela criança, ou quando tenta responder, com expressões não cristalizadas, a perguntas polares ou qu- [...] [Os trechos disfluentes] são aqueles em construção, instáveis, com tentativas infrutíferas de segmentação em blocos prosódicos; supõem passos mais complexos tanto paradigmática quanto sintagmaticamente na elaboração do enunciado. Autoria vs. não autoria, discurso próprio vs. discurso do outro parecem ser também traços que vale a pena levantar enquanto hipótese de elaboração formal dos enunciados [das crianças] (SCARPA, 1995, p. 171).

Em outro trabalho, Ramos e Scarpa (2007) analisaram marcas hesitativas em narrativas orais de crianças entre 2:2 e 4:4 anos de idade. Da análise, concluíram que as

marcas hesitativas seriam constitutivas da (aquisição da) linguagem e que teriam importante papel na formulação e reformulação dos enunciados, permitindo à criança errar e deslizar por múltiplas cadeias que compõem o seu dizer. A hesitação seria, portanto, um fenômeno decorrente da disfluência e poderia levar ao erro, o que indica que a criança não está tão submetida ao discurso do outro, permitindo mostrar o que a hesitação e as rupturas revelam sobre a fala da criança. As autoras afirmam, ainda, que “[...] no intervalo da hesitação há uma criança exposta ao erro [ou acerto] e, no enunciado bruscamente interrompido, é aberta a possibilidade de um material alheio [...] ser inserido” (RAMOS; SCARPA, 2007, p. 352), o que permitiria mostrar, em sua fala, seus desejos, ansiedades e acontecimentos do dia-a-dia.

Por fim, em Scarpa (2015), a autora destaca que, em seus trabalhos sobre hesitações na fala infantil, tem “[...] negado o caráter desviante da disfluência, interpretando a fluência e a disfluência de forma integrada, complementar e até mesmo necessária.” (SCARPA, 2015, p. 32)

Vemos, nessa primeira tendência, que a disfluência e a hesitação são consideradas como constitutivas da própria (aquisição da) linguagem e permitem à criança errar (ou acertar). Ressalte-se que, nestes últimos trabalhos – desenvolvidos sob a orientação de Scarpa –, o termo erro é tido como constitutivo do processo de acerto. Em trabalho anterior sobre o jogo, a construção e o erro, Scarpa (1990) observa:

Na construção da linguagem, não há erros propriamente, mas expressões externas de hipóteses sucessivas elaboradas pela criança na construção de sistemas e subsistemas comunicativos e linguísticos. [...] os desvios da forma e norma adultas demonstram exatamente a natureza da aquisição da linguagem: recortes do fluxo sonoro e experiencial, tentativas sucessivas de estruturação gramatical e organizações/reorganizações discursivas e dialógicas em diversos níveis e diversas idades, sempre, com o outro, procurando e dando sentido ao processo de objetivação da linguagem. (SCARPA, 1990, p.61)

Esses estudos se mostram, pois, importantes para a literatura especialmente pelo destaque que dão ao fato de que as hesitações (também) permitem à criança mostrar sua subjetividade.

Já na segunda tendência desse terceiro grupo, foram incluídos trabalhos que olham para a hesitação como fenômeno que revelaria a negociação do sujeito com os *outros* constitutivos do (seu) discurso.

Nessa perspectiva, os trabalhos de Camillo (2011), Chacon (2006), Nascimento e Chacon (2006) e Nascimento (2005, 2010 e 2012) foram desenvolvidos com sujeitos adultos

em condição patológica – a saber: Doença de Parkinson. Sob ótica linguístico-discursiva, e apoiados em Authier-Revuz (1990), as hesitações são vistas, pelos autores, como fenômenos do plano que a autora define como heterogeneidade mostrada, já que indicariam, segundo suas reflexões, pontos em que, na superfície discursiva, a negociação do sujeito com os *outros* constitutivos do (seu) discurso se mostraria problemática. Para os autores, é de fundamental importância a ideia de Authier-Revuz (1990) de que o sujeito, em sua ilusão necessária de centro do processo discursivo – ou seja, como o *eu* que enuncia – mostra, no fio do discurso, diferentes formas pelas quais “negocia” com a multiplicidade que o constitui. Trata-se, nesses momentos, do que a autora conceitua como *heterogeneidade mostrada*. Mostrada, porque remete às diferentes formas pelas quais o(s) outro(s) – que, na ilusão subjetiva, se constroi(em) como exterior(es) ao processo discursivo – irrompe(m) nesse processo, mas cuja irrupção tenta ser controlada pela figura do *eu* que se apresenta como centro do processo. Os autores entendem, por fim, como *outros* discursivos não só os discursos socialmente sustentados que constituem os indivíduos. Mas, também, que a própria estrutura da língua, em seus diversos subsistemas, revelaria sua presença como um *outro fundamental* no processo discursivo.

Ainda na segunda tendência do terceiro grupo, os trabalhos de Chacon e Villega (2012; 2015), Villega (2014) e Melo e Chacon (2016) investigaram as instabilidades, marcadas por hesitações, na fala de crianças em aquisição de linguagem tida como típica. Chacon e Villega (2012) demonstraram que as hesitações indicariam momentos de turbulência na relação sujeito/língua, sobretudo no que diz respeito a seus aspectos fonético-fonológicos. Com efeito, os autores detectaram maior ocorrência de hesitações em palavras com maior extensão e/ou com padrões silábicos mais complexos. Os autores detectaram, também, que as ocorrências de hesitação coincidiram com momentos nos quais foram identificadas mudanças prosódicas bruscas no fio do discurso, como aumento/diminuição de velocidade e/ou variações bruscas de intensidade (para mais ou para menos). De acordo com os autores, essa combinação entre momentos hesitativos e variações prosódicas, sobretudo na ocorrência de palavras de maior complexidade fonológica para o vocabulário das crianças, sugeria que os momentos turbulentos da fala infantil demonstravam como a complexidade da língua se mostrava para a criança, bem como a maneira como ela lidava com tal complexidade.

Villega (2014) e Chacon e Villega (2015) aprofundaram a investigação anterior, buscando um contexto de fala menos controlado do que a situação experimental do trabalho

de Chacon e Villega (2012). Nesse trabalho, ao analisarem as hesitações em início de enunciados, verificaram que os enunciados iniciados sem hesitações ocorreram em maior número do que aqueles iniciados com hesitações. No entanto, verificaram haver correlação entre a presença/ausência de hesitações em início de enunciados e o tipo de pergunta (aberta/fechada) realizada pelo interlocutor. De acordo com os autores, quando a pergunta era do tipo fechada, os enunciados iniciaram-se, na maioria dos casos, **sem** marcas hesitativas e, quando a pergunta era do tipo aberta, na maioria dos casos, **com** marcas hesitativas. Outro resultado mostrado pelos autores foi quanto ao tipo de marca preferencialmente utilizada em início de enunciados pelas crianças: as pausas silenciosas e o corte brusco. Essas duas marcas foram agrupadas na categoria denominada por eles de silêncio. Tal resultado corroborou a literatura, que já previa o silêncio como marca detectada tanto na fala de sujeitos considerados como típicos quanto na daqueles em condição patológica. No entanto, foi dada, também, outra interpretação possível para a preferência pelo silêncio, uma vez que, segundo os autores, o silêncio pode ser “[...] um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (ORLANDI, 2007, p. 13). Desse modo, a preferência pelo silêncio poderia corresponder a um momento em que a criança dava indícios de que estava em negociação com o (não)dito, ou seja, com as escolhas com que se defrontava para produzir o (seu) dizer.

Por fim, Melo e Chacon (2016) investigaram como se dava a distribuição de pausas (hesitativas e não hesitativas) na fala de crianças com desenvolvimento típico de linguagem, quanto aos limites de constituintes prosódicos. Os autores verificaram não haver diferença entre a distribuição das pausas hesitativas e não hesitativas, o que, para eles, revelou que a pausa é um importante recurso linguístico de observação dos momentos mais e menos fluentes na produção de enunciados infantis.

Resumidamente, assim como nos trabalhos desenvolvidos com adultos, as hesitações investigadas nestes últimos trabalhos desenvolvidos com crianças foram interpretadas como momentos de turbulência na relação sujeito/língua, sobretudo no que diz respeito a seus aspectos fonético-fonológicos, em Chacon e Villega (2012), de organização textual, em Villega (2014) e em Chacon e Villega (2015), e de estruturação prosódica, em Melo e Chacon (2016). Dessa forma, baseados em Authier-Revuz (1990), o principal destaque a ser feito a respeito desses trabalhos é o de seus autores enfatizarem que as hesitações mostrariam, no fio do discurso, as complexas relações entre o sujeito e os *outros* constitutivos do seu dizer.

Em outras palavras, diferentemente dos demais, o que chama atenção nos trabalhos desenvolvidos nesta última tendência é que, a nosso ver, eles jogam luz sobre aspectos das hesitações não contemplados na literatura, tais como a possibilidade de interpretá-las como fenômenos que revelariam a negociação do sujeito com os *outros* constitutivos do (seu) discurso, considerando esse *outro*, os diferentes discursos que constituem os indivíduos, bem como a própria estrutura da língua, em seus diversos subsistemas – fato que os singulariza não apenas quanto à forma de abordagem desse fenômeno, mas, sobretudo, por estendê-la a dados não analisados anteriormente na literatura sob essa perspectiva: a fala infantil.

Encerramos, aqui, nossa interpretação de como a literatura tem observado o fenômeno das hesitações. Pretendemos, como contribuição à literatura que se volta a esse fenômeno, ampliar o escopo da perspectiva que o relaciona, de maneira preferencial, à organização prosódica da língua. Para tanto, revisaremos, no próximo item, como essa relação tem sido mostrada pela literatura.

2.2. Relação hesitação e prosódia

De acordo com Scarpa (1999), no lugar do termo *prosódia*, pode-se, também, encontrar o termo *supra-segmento*, sob o argumento de que os “[...] fenômenos fônicos [...] se localiza[m] além ou 'acima' (hierarquicamente) da representação segmental linear dos fonemas.” (id, p. 8). Ainda que esse termo seja (também) encontrado, os linguistas têm preferido, segundo a autora, o termo *prosódia*, por acreditarem que os fatos fônicos segmentais e os prosódicos não seriam independentes. Ainda de acordo com a autora, o termo *prosódia* abrange variados fenômenos, como “[...] parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, bem como o estudo dos sistemas de tom, entonação, acento e ritmo das línguas naturais.” (id., ibid.). Desse modo, existiriam dois polos de interesse nos estudos prosódicos: o “mais fonético” e o “mais fonológico”.

Embora tenhamos encontrado trabalhos que relacionam as hesitações com aspectos prosódicos tidos como fonéticos – por exemplo: Levelt e Cutler (1983), Serfaty (1999), Krivokapi (2007), Delfino e Magalhães (2010), Moniz; Batista; Trancoso; Mata (2012), Moniz, Mata e Trancoso (2012), Belião e Lancheret (2013); Carvalho (2014) e Braun e Rosin (2015) –, apresentaremos, nesta seção, apenas aqueles trabalhos que relacionam hesitações e prosódia de um ponto de vista fonológico, a fim de mais nos aproximarmos de nosso objeto de estudo.

Assim, agrupamos, primeiramente, os estudos desenvolvidos com falantes do PE. Em Moniz (2006), foi analisada, na fala de adolescentes portugueses, a frequência e a distribuição das hesitações, bem como os padrões prosódicos com elas envolvidos. Ao observar, preferencialmente, as pausas preenchidas (*aa*, *aam*), a autora concluiu que há diferença no tipo de pausa preenchida quanto ao contexto prosódico. Por exemplo, pausas *aa* ocorreriam preferencialmente após os constituintes prosódicos menores; já pausas *aam* ocorreriam preferencialmente após um constituinte prosódico maior. Para a autora, essa diferença entre tipos de pausas preenchidas e localização prosódica mostra distintos graus de planejamento da mensagem, já que *aam* tende a ocorrer em localização prototípica de maior envolvimento por parte do falante, “[...] implicando exigências acrescidas de planejamento, por ser nesta localização específica que o falante tem de atender a mensagem que vai produzir, a construção sintática da mesma e as características prosódicas da unidade, necessitando de mais tempo para o fazer” (MONIZ, 2006, p.145). Ressaltamos, desse trabalho, que a autora não explicita o que considerou como constituinte prosódico.

Em outro trabalho, Cruz (2009) analisou a fala de quatro adultos – dois considerados gagos e dois considerados não gagos – a fim de se traçarem padrões prosódicos e entonacionais da gagueira. Nos resultados, a autora verificou que as disfluências que mais ocorreram nos quatro sujeitos foram o alongamento e a pausa silenciosa. De acordo com a autora, os alongamentos foram produzidos “[...] em sílabas acentuadas de palavras prosódicas finais de PhP [(sintagma fonológico ou frase fonológica)] que, por sua vez, é final de I [(sintagma entonacional ou frase entonacional)].” (id, p. 125). Já as pausas foram, em sua maioria, não hesitativas, mesmo nos gagos, funcionando como marcadores de fronteira de sintagmas entonacionais, como esperado para o PE.

Em outro trabalho, mas com sujeitos adultos considerados sem patologia (sem gagueira), Moniz, Mata e Viana (2008) verificaram que pausas preenchidas ocorreram preferencialmente em fronteira de constituinte entonacional e os alongamentos ocorreram “[...] cliticizada(s) a uma palavra” (id, p.336). As autoras chegam a conclusão semelhante à de Moniz (2006): a pausa preenchida “[...] é produzida na localização prototípica de maior envolvimento por parte do falante [...]” (id. *ibid.*), gerando mais exigências de planejamento, já que nessa localização o sujeito deve se atentar à mensagem que irá produzir, à construção sintática do enunciado produzido e às características prosódicas da unidade. Já os alongamentos foram mostrados nos constituintes hierarquicamente inferiores (tanto

prosódicos, quanto sintáticos), associados ao planejamento local, como na procura lexical ou na dificuldade de articulação das palavras a serem produzidas a seguir.

No que diz respeito ao português brasileiro (PB), encontramos seis trabalhos que relacionam hesitações (algumas vezes, vistas como marcas de disfluências) à prosódia de um ponto de vista fonológico. O primeiro trabalho, hoje clássico, é o de Scarpa (1995), estudo no qual essa autora buscou apresentar um panorama geral sobre os conceitos de fluência e disfluência, bem como analisar a distribuição de trechos tidos como fluentes e disfluentes, marcados por hesitações, na fala de crianças, com faixa etária aproximada de dois a quatro anos de idade. O que chama a atenção nesse estudo é a afirmação da autora de que, mesmo na faixa etária estudada, as porções mais fluentes do enunciado – ou seja, aquelas sem marcas de hesitação – estiveram presentes em unidades portadoras de acentos nucleares, ou em núcleos de grupos entonacionais⁶. Nas palavras da autora, as porções mais fluentes coincidiram com “[...] os centros de proeminência prosódica que revelam sinais de estabilidade formal do enunciado” (SCARPA, 1995, p. 170). Já as porções disfluentes – marcadas por hesitações – ocorreram nas partes periféricas e fronteiriças, anteriores aos núcleos, o que revelaria “[...] tentativas infrutíferas de segmentação em blocos prosódicos” (SCARPA, 1995, p. 171). Essa distribuição entre porções fluentes e disfluentes na fala de crianças com a faixa etária estudada foi também interpretada como “[...] ajuste prosódico, sobretudo de cunho rítmico, na elaboração de enunciados mais longos e mais complexos discursivamente.” (SCARPA, 1995, p. 173)

Essa tendência é confirmada em outro estudo com participação da autora – Scarpa e Iliovitz (2002) –, dessa vez, desenvolvido com sujeitos adultos falantes nativos do PB. Nesse estudo, as autoras observaram que as marcas de disfluências ocorriam preferencialmente em trechos não portadores de acento nuclear, ou seja, “[...] nos lugares prosódicos mais ‘à direita’ da frase entonacional.” (id, p.2). De acordo com as autoras, prosodicamente, as disfluências não são aleatórias e estão inseridas na língua, revelando “[...] diferentes modos de inserção do sujeito [na língua].” (id, p. 6). Em outro trabalho, também desenvolvido com um sujeito adulto, Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012) analisaram a repetição hesitativa e o alongamento vocálico não enfático no interior de domínios prosódicos *palavra fonológica*, *frase fonológica* e *frase entonacional*. A conclusão a que chegaram foi semelhante àquela

⁶ Scarpa (1995) considera como *acento nuclear* (ou acento frasal) a proeminência acentual presente em cabeça de *frase entonacional*. Quanto aos *núcleos de grupos entonacionais*, a autora se baseia em Cruttenden (1986), para quem essas unidades seriam compostas dos constituintes *frases fonológicas*, *frases entonacionais* e *enunciado fonológico*. Portanto, os núcleos desses grupos corresponderiam às suas cabeças (silabas ou palavras) proeminentes em cada nível.

enunciada em Scarpa (1995): as disfluências não ocorreriam em trechos nucleares, mas, sim, em trechos “[...] periféricos e fronteiros anteriores ao núcleo, isto é, nos pés fracos, antes da cabeça de constituinte prosódico.” (SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN, 2012, p. 30). Em outras palavras, as autoras verificaram que a distribuição das hesitações não foi prosodicamente aleatória, mas, sim, que respeitaram um padrão geral de comportamento prosódico, já que ocorreram mais em início dos domínios prosódicos *frase fonológica* e *frase entonacional* e menos em sílabas finais de unidades rítmicas e entonacionais. Dentre outras descobertas, as autoras destacaram que: (i) as repetições hesitativas e os alongamentos vocálicos não enfáticos ocorreram mais frequentemente em *clíticos prosódicos* do que nos domínios prosódicos que se propuseram investigar; e que (ii) quando a repetição hesitativa não envolveu o clítico, e sim uma *palavra fonológica*, esta foi sempre não cabeça de *frase fonológica* e não cabeça de *frase entonacional*.

Investigando a mesma questão, Scarpa (2015) comparou características prosódicas da repetição hesitativa de um sujeito adulto – dados retirados da análise relatada em Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012) – com a fala de uma criança em interação com sua mãe em dois momentos: quando a criança tinha um ano e 11 meses e, posteriormente, aos dois anos e 11 meses. A autora chegou à conclusão de que, embora as hesitações tenham se manifestado de modo diferente no adulto e na criança, sua distribuição não foi aleatória do ponto de vista de sua relação com constituintes prosódicos. Mais uma vez, retomando trabalhos anteriores, a autora verificou que as hesitações ocorreram, frequentemente, em sílabas átonas do início de enunciados e nunca em sílabas portadoras de acento nuclear, rítmico e melódico. A autora destacou, também, que, nas crianças, as hesitações se mostraram como recursos para a aquisição do ritmo e dos sistemas entonacionais. Com base nesses resultados, a autora concluiu que as hesitações mostraram a “[...] sensibilidade da criança às fronteiras prosódicas ao mesmo tempo em que se revelam nas elaborações mais complexas da produção de enunciados mais longos e da entrada do sujeito nas construções [sintático-]semântico-pragmático-discursivas mais elaboradas.” (SCARPA, 2015, p. 41).

Além desses estudos coordenados por Scarpa, encontramos outros dois que investigaram relações entre hesitações e prosódia, na fala infantil, sob um ponto de vista fonológico. Trata-se de Melo (2013) e de Melo (2016). No primeiro deles, um dos interesses da autora foi verificar a distribuição de pausas hesitativas em posição de início ou em posição de interior do constituinte prosódico *enunciado fonológico*. Tal distribuição foi observada em 40 produções de fala de crianças com faixa etária de 4-6 anos. De acordo com os resultados,

não houve diferença estatística entre ocorrências de pausas hesitativas em início ou em interior de *enunciados fonológicos*, o que não permitiu à autora detectar alguma tendência dominante de ocorrência de tais pausas no domínio prosódico investigado.

No segundo estudo, Melo (2016) se volta sobre o estudo anterior, já que, não investigou, no estudo de 2013, possíveis relações entre pausas hesitativas e início do constituinte imediatamente abaixo do *enunciado fonológico*: a *frase entonacional*. Utilizando as produções de fala do mesmo grupo de crianças do estudo anterior, a autora investigou, então, essas possíveis relações. Com essa nova preocupação, Melo (2016) verificou que, no interior dos *enunciados fonológicos*, as hesitações se concentraram em início do constituinte *frase entonacional*, especialmente quando esse início coincidia com aquele do *enunciado fonológico*, não havendo preferência estatística por algum tipo particular de marca hesitativa.

Como podemos verificar, são poucos os trabalhos que relacionam hesitações à prosódia de um ponto de vista fonológico. Essa relação é ainda mais escassa em trabalhos desenvolvidos com dados do português brasileiro, variedade na qual encontramos apenas seis estudos. Neles, embora tenham sido levantadas questões que consideramos como bastante importantes – como o apontamento de haver interação entre hesitação e prosódia, uma vez que os autores chamaram a atenção para uma distribuição não aleatória das hesitações, se vistas em sua relação com diferentes domínios prosódicos –, detectamos, porém, limitações. Em Scarpa (1995), por exemplo, não são especificados nem a quantidade de crianças analisadas, nem os constituintes que a autora analisou⁷. Em Scarpa e Iliovitz (2002), as autoras não especificaram os constituintes analisados e desenvolveram a análise com sujeitos adultos. Já em Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012), embora as autoras tenham priorizado três constituintes prosódicos (*palavra fonológica*, *frase fonológica* e *frase entonacional*), o trabalho foi desenvolvido com um único sujeito adulto e, nele, foram analisadas apenas as hesitações que, linguisticamente, se mostraram sob forma de *repetição hesitativa* e de *alongamento hesitativo*. Similarmente, embora Scarpa (2015) tenha se voltado para outros constituintes (da *palavra fonológica* ao *enunciado fonológica*), ela se ateve, uma vez mais, às marcas hesitativas *repetição* e *alongamento*, em dados extraídos de uma mesma criança em dois momentos, quando ela tinha aproximadamente dois anos e, em seguida, quando ela tinha aproximadamente três anos. Por fim, nos trabalhos de Melo (2013 e 2016), apesar de a autora ter priorizado um número grande de produções de fala de crianças, analisou, no primeiro estudo, apenas as pausas hesitativas em sua relação com o constituinte prosódico *enunciado*

⁷ Embora fique subentendido, pela leitura do artigo, que a autora tenha analisado todos os constituintes.

fonológico e, no segundo, o envolvimento de diferentes marcas hesitativas somente com o constituinte prosódico *frase entonacional*.

É, então, com base nessa não aleatoriedade das hesitações, se vistas do ponto de vista dos domínios prosódicos, que propomos verificar, em enunciados de crianças, relações entre hesitações e diferentes domínios prosódicos (tais como propostos por Nespor e Vogel, 1986).

Vale ressaltar que, diferentemente dos estudos expostos acima, nossa análise privilegiará, conforme demonstraremos no capítulo seguinte: (1) grande número de produções de fala de crianças, especificamente 147 situações de entrevistas; (2) ocorrências de todas as marcas hesitativas que se mostraram em nossos dados, a saber: pausa silenciosa, pausa preenchida, alongamento hesitativo, corte brusco, repetição hesitativa, gaguejamento e falso início; e (3) cinco dos constituintes prosódicos, a saber: *enunciado fonológico*, *frase entonacional*, *frase fonológica*, *grupo clítico* e *palavra fonológica*.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, exporemos a fundamentação teórica em que nos apoiamos para a realização desta pesquisa. Dessa forma, descreveremos o quadro teórico da Fonologia Prosódica, sobretudo aquele proposto por Nespor e Vogel (1986).

3.1. Sobre Fonologia Prosódica

Resumidamente, a Fonologia busca compreender como a língua organiza os sons da fala. Em outras palavras, é o estudo dos sons capazes de distinguir significados na língua, bem como sua organização e combinação para formar unidades linguísticas. Como ciência, a Fonologia acompanha os paradigmas e os padrões metodológicos de cada época, fazendo surgir, ao longo do tempo, diferentes modelos teóricos. Baseada na teoria gerativa clássica, a Fonologia foi descrita como uma organização linear de segmentos. Nessa teoria, a sintaxe era considerada como principal componente da gramática, e o único *input* da Fonologia era na estrutura superficial sintática, o que não permitia a interação direta entre os componentes fonológicos e os demais componentes da gramática (GAYER, 2015).

Com o avançar da teoria, os modelos tradicionais e lineares não foram capazes de explicar os fenômenos fonológicos verificados em diferentes línguas do mundo. Dessa forma, foram admitidas fonologias não lineares, tais como as fonologias Autossegmental, Lexical, Métrica e a Prosódica, que

[...] partilham a característica de conceber a fonologia como um componente da gramática, organizado em constituintes hierárquicos, portanto sujeitos a relações de dependência regidas por princípios universais comuns às gramáticas das línguas do mundo. (TENANI, 2017, p.109).

Nesses modelos, são evidenciadas relações entre fonologia, morfologia e sintaxe, de modo a fazerem “[...] parte da estrutura hierárquica que caracteriza as línguas humanas” (MATZENAUER-HERNANDORENA, 2001, p. 13).

Como apontado anteriormente, neste trabalho, baseamo-nos em uma das fonologias tida como não linear: a Fonologia Prosódica. Na literatura, há dois modelos pioneiros de análise: um proposto por Selkirk (1984) e outro proposto por Nespor e Vogel (1986). Essas autoras contribuíram para o estabelecimento “[...] da noção de que a fala é organizada hierarquicamente em constituintes prosódicos os quais são construídos a partir de informações

de outros componentes da gramática.” (TENANI, 2002, p. 3). Ao descrever os dois modelos de análise, Gayer (2015) explica que, diferentemente do modelo tradicional, o *input* da fonologia pode vir de qualquer um dos componentes da gramática (morfologia, sintaxe, semântica) e que essa interface entre tais componentes se dá a partir de regras de mapeamento, “[...] que transformam a estrutura sintática ou morfológica em estrutura prosódica, já no componente fonológico.” (GAYER, 2015, p. 169).

É justamente na natureza da informação sintática utilizada para o mapeamento sintaxe-fonologia que se verifica a principal diferença metodológica na elaboração dos dois modelos de análise. Por um lado, Selkirk (1984) propôs o modelo tido como *end-based* (baseado em limites/fronteiras) que “[...] tem como traço principal eleger fronteira sintática como informação a partir da qual constituintes prosódicos são construídos.” (TENANI, 2017, p. 110). Em outras palavras, os constituintes prosódicos são delimitados de acordo com as fronteiras direita ou esquerda dos constituintes sintáticas do tipo XP^8 , sem menção ao que ocorre em seu interior⁹. (FARIA, 2015; TENANI, 2002). Por outro lado, Nespor e Vogel (1986) propuseram um modelo do tipo *relation-based* (baseado em relações) em que se assume que as “[...] relações sintáticas são informações relevantes a partir das quais se configuram os constituintes prosódicos.” (TENANI, 2017, p. 110). Neste último modelo, para a definição dos constituintes prosódicos, levam-se em consideração elementos do interior dos constituintes sintáticos, como a relação entre cabeça e complemento sintático, e não apenas de suas extremidades.¹⁰ (FARIA, 2015).

No interior dessas duas abordagens, há outras diferenças metodológicas e variadas pesquisas que vão a favor de uma ou outra. No entanto, não pretendemos, neste trabalho, problematizar e/ou argumentar sobre tais diferenças, visto que não está em questão argumentarmos a favor de uma ou de outra dessas abordagens. Pretendemos, apenas, apontar

⁸ Os modelos de fonologia prosódica baseiam-se na Teoria Gerativa X-barra, “[...] em que o constituinte sintático (ou sintagma) é constituído por um núcleo. Este núcleo, também chamado de categoria mínima, é representado por X e equivale a um item lexical: verbo (V), nome (N), adjetivo (A), etc. Dominando este núcleo, temos o nível X’ (X linha) ou nível intermediário, o qual também domina os complementos do núcleo. Acima de todos estes níveis, temos a projeção máxima do sintagma ou XP. Dependendo da categoria do núcleo, a variável X vai sendo delimitada. Se o núcleo for um verbo, teremos a categoria VP; se for um nome, NP; e assim por diante”. (GAYER, 2015, p. 163)

⁹ Exemplo de mapeamento sintático-fonológico retirado de Tenani (2017): “[...] a *fronteira* sintática definida pela projeção máxima do sintagma verbal (SV) constitui a *fronteira* do sintagma fonológico, como em: [comprei livros caros]_{SV} = [comprei livros caros]_{Phl}.” (TENANI, 2017, p. 122). A sigla PhP corresponde ao sintagma fonológico/frase fonológica.

¹⁰ Exemplo de mapeamento sintático-fonológico retirado de Tenani (2017): “[...] um sintagma nominal constituído de substantivo e adjetivo constitui dois sintagmas fonológicos quando a relação for substantivo-adjetivo, como em: [livros caros]_{SN} = [livros]_{Phl} [caros]_{Phl}. Porém, se a *relação* for do tipo adjetivo-substantivo, o sintagma nominal será mapeado como um sintagma fonológico, como em: [caros livros]_{SN} = [caros livro]_{Phl}.” (TENANI, 2017, p. 122)

um panorama geral e sucinto delas. A partir deste momento, descreveremos mais detalhadamente a abordagem que utilizamos como arcabouço teórico na presente pesquisa, ou seja: a Fonologia Prosódica, proposta por Nespor e Vogel (1986).

No modelo proposto por essas autoras, no interior dos constituintes prosódicos, são aplicados processos e regras fonológicas. Assim como já apontamos, é prevista pelo modelo a relação entre estruturas prosódicas e outros subsistemas da gramática. De acordo com Nespor e Vogel (1986), cada componente da hierarquia prosódica baseia-se em diferentes informações fonológicas e não fonológicas. As informações não fonológicas são, portanto, referentes a outros componentes da gramática, como as morfológicas, semânticas e sintáticas. Essa relação que se estabelece entre componentes fonológicos e não fonológicos não é isomórfica, uma vez que as regras de mapeamento que agrupam os elementos terminais para formar unidades gramaticais, embora possam coincidir, não são as mesmas dos constituintes da hierarquia prosódica. Como se pode verificar no Exemplo 01 adaptado de Bisol (1999, p. 237):

Exemplo 01:

Estrutura sintática: [O dia sombrio]_{SN} [entristecia o solitário viajante]_{SV}

Estrutura prosódica: [o dia]_φ [sombrio]_φ [entristecia]_φ [o solitário viajante]_φ

Esse exemplo demonstra que não há total simetria entre os constituintes sintáticos e os prosódicos, visto que “os constituintes prosódicos não são simplesmente cópias dos constituintes sintáticos.” (GAYER, 2015, p. 156). Assim, é o conjunto de regras de mapeamento que mantém a interface entre a fonologia e os outros componentes da gramática, já que “[...] as regras que definem os vários constituintes prosódicos fazem uso de diferentes tipos de noções gramaticais para cada nível da hierarquia.”¹¹ (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 5). De modo geral, como se verá mais adiante, as regras que mapeiam os diferentes constituintes prosódicos não apresentam os mesmos núcleos dos constituintes sintáticos. No Exemplo 01, embora do ponto de vista sintático, haja dois sintagmas – o sintagma nominal (SN) *o dia sombrio*; e o sintagma verbal (SV) *entristecia o solitário viajante* –, do ponto de vista prosódico, há quatro frases fonológicas (*o dia*; *sombrio*; *entristecia* e *o solitário viajante*).

Ainda quanto à não isomorfia, não há espelhamento entre os componentes fonológicos e sintáticos, pois há, também, diferenças quanto a suas naturezas, já que, por exemplo, um

¹¹ “[...] the rules that define the various prosodic constituents make use of different types of grammatical notions for each level of the hierarchy.” (NESPOR & VOGEL, 1986, p. 5)

constituente sintático apresenta extensão infinita, mas, contrariamente, um constituinte prosódico apresenta extensão finita (NESPOR; VOGEL, 1986). Com efeito, de acordo com o gerativismo, o homem é capaz de produzir um número infinito de sentenças, a partir de um conjunto finito de regras, produção que se assenta, também, no mecanismo sintático conhecido, no gerativismo, como recursividade, como mostra o Exemplo 02, a seguir:

Exemplo 02:

- A) [A menina]_{SN} [cantou]_{SV}
- B) [A menina [de [Pelotas]_{SN}]_{Sprep}]_{SN} [cantou]_{SV}
- C) [A menina [de [Pelotas]_{SN}]_{Sprep}]_{SN} [cantou [a música]_{SN}]_{SV}
- D) [A menina [de [Pelotas]_{SN}]_{Sprep}]_{SN} [cantou [a música [alegremente]_{SAdv}]_{SN}]_{SV}
- E) [A menina [de [Pelotas]_{SN}]_{Sprep}]_{SN} [cantou [a música [beija-flor]_{SN}]_{SN} [alegremente]_{SAdv}]_{SV}¹²

No Exemplo 02, inicialmente, em A, há uma estrutura sintática composta por um sintagma nominal (SN) – *A menina* – e um sintagma verbal (SV) – *cantou*. Em B, o sintagma nominal ganha um acréscimo de material linguístico – *A menina de Pelotas* – gerando, no interior desse sintagma nominal, dois complementos, ou seja, um sintagma nominal – *Pelotas* – e um sintagma preposicionado com a inserção da preposição *de* – formando *de Pelotas*. Da mesma forma, em C, o sintagma verbal também ganha um acréscimo de material linguístico – *cantou a música* – gerando, no interior desse sintagma verbal, um complemento, ou seja, um sintagma nominal – *a música*. Mais uma vez, em D, o mesmo sintagma verbal ganha, novamente, um acréscimo de material linguístico – *cantou a música alegremente* – gerando, no interior desse sintagma verbal, mais um complemento, ou seja, um sintagma adverbial (SAdv) – *alegremente*. Por fim, em E, há outro acréscimo no interior do sintagma verbal – *cantou a música beija-flor alegremente* – gerando, no interior desse sintagma verbal, mais um complemento, ou seja, um sintagma nominal – *beija-flor*. Pode-se, pois, verificar que não há limites previamente estabelecidos para o número de elementos linguísticos (por exemplo: sintagmas) que uma dada estrutura linguística (por exemplo: uma frase) poderá conter. Em outras palavras, o Exemplo 02, demonstra que “[...] é sempre possível construir uma sentença mais complexa, composta de formas menores.” (LIMBERGER; RATTOVA, 2016, p. 44), já que, no interior de um único sintagma nominal (*A menina*), houve a inserção de elementos menores (sintagma preposicional (*de*) ou sintagma nominal (*Pelotas*)) deixando a estrutura mais complexa (*A menina de Pelotas*), ou também, no interior de um único sintagma verbal

¹² Exemplo elaborado por nós.

(*cantou*) houve a inserção de elementos menores (sintagmas nominais (*a música* e *beija-flor*) e sintagma adverbial (*alegremente*)).

Por outro lado, o constituinte prosódico apresenta, por natureza, extensão finita, visto que, a partir de regras de mapeamento de cada nível, não é possível inserir novos elementos menores. Vejamos o Exemplo 03, a seguir:

Exemplo 03:

[*A menina*]_φ [*de Pelotas*]_φ [*cantou*]_φ [*a música*]_φ [*beija flor*]_φ [*alegremente*]_φ

Em primeiro lugar, verificamos, uma vez mais, que a quantidade de constituintes sintáticos não corresponde à quantidade de constituintes prosódicos, visto que, no Exemplo 02 (parte E), há sete constituintes sintáticos e, no Exemplo 03, seis constituintes prosódicos, todos eles frases fonológicas (ϕ). Observa-se, portanto, que esse nível da hierarquia prosódica não apresenta isomorfia com constituintes sintáticos – no decorrer deste capítulo, serão expostos mais detalhes das regras de mapeamento desse constituinte. Em segundo lugar, verificamos que a infinitude dos constituintes sintáticos, assegurada pelo mecanismo de recursividade, permite que, no interior de um mesmo constituinte (por exemplo, no sintagma verbal), se insiram ilimitados sintagmas nominais, adjetivais, adverbiais etc. Por outro lado, no interior de um mesmo constituinte prosódico (por exemplo, numa frase fonológica), as regras que definem esse constituinte não permitem que haja outra frase fonológica em seu interior. Com efeito, é admitida, no interior de uma frase fonológica, uma única cabeça lexical, como será demonstrado na descrição desse constituinte mais à frente.

Por fim, ressaltamos que o “[...] lado recursivo de uma língua é definido pela ordem em que cabeças e seus complementos se encontram nas frases, sendo o português [...] de ordem cabeça-complemento, isto é, recursiva à direita.” (CHOUPINHA; GUEDES, 2010, p. 15).

De acordo com Nespor e Vogel (1986), as unidades fonológicas das línguas são organizadas em sete constituintes prosódicos dispostos hierarquicamente, sendo eles (do mais alto ao mais baixo):

Enunciado Fonológico (U)

Frase Entonacional (I)

Frase Fonológica (ϕ)

Grupo Clítico (C)

Palavra Fonológica (ω)

Pé Métrico (Σ)

Sílaba (σ)

No interior desses constituintes, são aplicadas regras fonológicas específicas, sempre respeitando os quatro seguintes princípios gerais que regem a Fonologia Prosódica proposta pelas autoras:

Princípio 1. Um dado nó terminal da hierarquia prosódica, X^p , é composto de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, X^{p-1} ;

Princípio 2. Uma unidade de um dado nível da hierarquia é exaustivamente contida em uma unidade hierarquicamente superior da qual ela faz parte;

Princípio 3. As estruturas hierárquicas da fonologia prosódica são ramificações n-árias;

Princípio 4. A relação de proeminência relativa definida por nós irmãos é tal que a um só nó é atribuído o valor forte (s) e a todos os outros nós o valor fraco (w) (NESPOR & VOGEL, 1986, p.7)¹³.

Assim, a estrutura interna de cada constituinte prosódico é organizada da mesma maneira, seguindo a regra de *construção do constituinte prosódico*: “Junte em ramificações n-árias X^p todos os X^{p-1} incluídos em uma cadeia delimitada pelo domínio de X^p .” (NESPOR; VOGEL, 1986, p.7)¹⁴

Com base nesses princípios e, também, na regra de *construção dos constituintes prosódicos*, descritos acima, exporemos, a seguir, características estruturais básicas de cada um dos cinco constituintes que analisaremos neste trabalho: *enunciado fonológico, frase entonacional, frase fonológica, grupo clítico e palavra fonológica*.

¹³ “Principle 1. A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X^p , is composed of one or more units of the immediately lower category, X^{p-1} . Principle 2. A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part. Principle 3. The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching. Principle 4. The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w).” (NESPOR & VOGEL, 1986, p.7).

¹⁴ “Join into na n-ary branching X^p all X^{p-1} included in a string delimited by the definition of the domain of X^p .” (NESPOR & VOGEL, 1986, p.7).

1) o **enunciado fonológico (U)**: é o mais alto constituinte da hierarquia e é formado por uma ou mais frases entonacionais (I). O enunciado fonológico geralmente é delimitado pelo começo e pelo fim de um constituinte sintático. Em outras palavras, é dominado pelo nó mais alto da cadeia sintática. Embora apresente interação entre informações fonológicas, sintáticas e semânticas, essa interação não é isomórfica. Segundo Nespor e Vogel (1986), Us podem ser delimitados por pausas – portanto, tais pausas não são consideradas hesitativas. Além disso, no domínio de U, são aceitas reestruturações, desde que respeitadas *condições pragmáticas e condições fonológicas*. No que diz respeito às primeiras condições: (i) os dois enunciados devem ser produzidos pela mesma pessoa; e (ii) devem ser dirigidos ao(s) mesmo(s) interlocutor(res). Já no que diz respeito às segundas condições: (i) os dois enunciados devem ser relativamente curtos; e (ii) não deve haver pausas entre eles. O exemplo 04 a seguir exemplifica este constituinte. Nesse exemplo, vemos um enunciado fonológico composto, por sua vez, de três frases entonacionais:

Exemplo 04: (situação de entrevista 03 – sujeito 01)

[o feijãozinho não nasceu + só do pedro + e da maria luiza]_U

[[o feijãozinho não nasceu]_I + [só do pedro]_I + [e da maria luiza]_I]_U

Uma das características básicas para a definição do domínio de U diz respeito à proeminência relativa, que, no PB, significa atribuir valor *forte* ao nó mais à direita. Em outras palavras, a frase entonacional mais à direita que compõe um enunciado fonológico receberá o valor *forte*; todas as demais receberão o valor *fraco*. Dessa forma, no Exemplo 04, a frase entonacional mais à direita *e da maria luiza* é o nó forte, já as frases entonacionais *o feijãozinho não nasceu* e *só do pedro* são os nós fracos.

2) a **frase entonacional (I)**: é o constituinte imediatamente abaixo de U e é formada por uma ou mais frases fonológicas (**φ**). De acordo com Nespor e Vogel (1986), uma frase entonacional se configura no nível de uma sentença raiz/estrutura oracional¹⁵ e apresenta contorno entonacional reconhecível. Assim como em U, os limites em I podem coincidir com pontos de pausas silenciosas (como verificamos no limite de cada I do Exemplo 04 acima) – portanto, tais pausas não são consideradas hesitativas. Algumas construções formam

¹⁵ Com base na teoria X-barra, Nespor; Vogel (1986) afirmam que as “[...] frases coordenadas são tipicamente sentenças raízes, enquanto frases subordinadas não são” (NESPOR; VOGEL, 1986, p.21). “[...] coordinated sentences are typically root sentences, while subordinated sentences are not.” (NESPOR; VOGEL, 1986, p.21).

contornos entonacionais por si mesmas, como, por exemplo, expressões parentéticas, perguntas de confirmação, vocativos e elementos deslocados da sentença. Como em U, também nesse domínio, verifica-se interação não isomórfica entre informações fonológicas, sintáticas e semânticas. Uma característica fundamental da I é sua variabilidade estrutural, por dois motivos: pela possibilidade de reestruturação de Is e pela proeminência relativa deste domínio. Quanto à possibilidade de reestruturação – em junções ou em separações –, ela depende de situações de fala, velocidade de fala, e variações de estilos de fala ou, ainda, de ênfases que se colocam em certas partes do enunciado. Observamos a reestruturação de Is no Exemplo 05, abaixo. Nele, há, pelo menos, duas possibilidades de organização do enunciado fonológico: na primeira, as duas Is [*eu vi umas crianças jogando bola*] e [*lá no mateiro*] apresentam contorno entonacional característico; já na segunda, essas duas Is se juntam, formando um enunciado fonológico composto por uma única frase entonacional.

Exemplo 05: (situação de entrevista 08 – sujeito 18)

[[[eu vi]_φ [umas crianças]_φ [jogando]_φ [bola]_φ]_I [[lá]_φ [no mateiro]_φ]_I]_U
 [[[eu vi]_φ [umas crianças]_φ [jogando]_φ [bola]_φ [lá]_φ [no mateiro]_φ]_I reestruturada]_U

Quanto à proeminência relativa, a variabilidade se verifica, uma vez que seu elemento forte pode estar presente em qualquer uma das frases fonológicas que a compõem – a depender da ênfase que se dê a uma ou a outra frase fonológica. No enunciado exposto no Exemplo 06, a frase entonacional *o feijãozinho não nasceu* é composta por duas frases fonológicas *o feijãozinho* e *não nasceu*. Entre esses dois elementos “irmãos”, há duas possibilidades: se a ênfase estiver na frase fonológica *o feijãozinho*, ou seja, se essa I for topicalizada no enunciado, ela terá valor forte e a frase fonológica *não nasceu* terá valor fraco; no entanto, se ocorrer o inverso, ou seja, se a ênfase estiver na frase fonológica *não nasceu* essa receberá valor forte e a frase fonológica *o feijãozinho* receberá valor fraco.

Exemplo 06: (situação de entrevista 03 – sujeito 01)

[[[o feijãozinho]_φ [não nasceu]_φ]_I + [[só]_φ [do pedro]_φ]_I + [[e da maria]_φ [luiza]_φ]_I]_U

3) a **frase fonológica (φ)**: é formada por um ou mais grupos clíticos (C). Em outras palavras, “O domínio de φ consiste de um grupo clítico que contém uma cabeça lexical (X) e

todos os grupos clíticos em seu lado não recursivo”¹⁶ (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 168). Em ϕ , verifica-se a interação não isomórfica entre informações fonológicas e sintáticas. Observemos o Exemplo 07 abaixo. Nele, verificamos uma frase entonacional composta por três frases fonológicas *eu moro*, *perto* e *do campo*. Na frase fonológica (*perto*) há um grupo clítico composto por uma única cabeça lexical – a palavra *perto*. Já na frase fonológica (*do campo*) há um grupo clítico composto por uma cabeça lexical (*campo*) e um elemento clítico (*do*). Por último, na frase fonológica (*eu moro*) há dois grupos clíticos (*eu*) e (*moro*). Esta última frase fonológica apresenta como cabeça lexical a palavra (*moro*) e o grupo clítico (*eu*) em seu lado não recursivo. O pronome *eu*, de acordo com Nespor e Vogel (1986), pode, também, não ser considerado cabeça lexical por razões fonológicas, visto que se trata de uma palavra monossilábica não acentuada. Com efeito, no modelo de sintaxe adotado pelas autoras, são consideradas cabeças lexicais (X) os verbos, os nomes e os adjetivos; já aos nós irmãos das cabeças lexicais são considerados como complementos de X ou como especificadores de X¹⁷.

Exemplo 07: (situação de entrevista 04 – sujeito 20)

$[[[eu]_C [moro]_C]_\phi [[perto]_C]_\phi [[do\ campo]_C]_\phi]_I]_U$

De acordo com Nespor e Vogel (1986), assim como em U e em I, também nesse nível da hierarquia prosódica pode haver reestruturação de duas frases fonológicas, desde que a frase mais à direita não seja ramificada. Fato que ocorre nas duas primeiras frases fonológicas

¹⁶ “The domain of ϕ consists of a C which contains a lexical head (X) and all Cs on its nonrecursive side [...]” (NESPOR & VOGEL, 1986, p. 168).

¹⁷ De acordo com Nespor; Vogel (1986) “Uma afirmação fundamental da teoria X-barra é que existe um paralelismo na estrutura interna das frases de uma língua. Assim, as categorias lexicais N, V, A [...] não precisam ser mencionadas nas regras de estrutura de frases, já que elas representam os valores que a variável X pode assumir.” (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 20)

“O formato básico de uma regra de estrutura de frase é: $X_n \rightarrow \dots X_{n-1} \dots$, em que o valor máximo que n pode ter é uma questão empírica. Em princípio, também é possível que esse valor varie de língua para língua ou de categoria para categoria dentro de uma língua, ao longo de algum parâmetro. Para os fins deste livro, no entanto, vamos assumir que o valor máximo de n é 2. Cada frase terá, portanto, três níveis distintos: X, X1, e X2. X é a cabeça; os nós irmãos de X em X(1) são conhecidos como os complementos de X, e os nós irmãos de X(1) em X(2) são conhecidos como os especificadores de X.” (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 20)

“A fundamental claim of X-theory is that there is a parallelism in the internal structure of the phrase of a language. Thus, the lexical categories N, V, A [...] need not be mentioned in the phrase structure rules, since they represent the values that the variable X may assume.” (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 20)

“The basic format of a phrase structure rule is: $X_n X_{n-1}$, where the maximal value that n may have is an empirical question. In principle, it is also possible that this value from language to language or from category to category within a language, along some parameter. For the purposes of this book, however, we will assume that the maximum value of n is 2. Each phrase will thus have three distinct levels: X, X1 and X2. X is the head; the sister nodes of X in X1 are referred to as the complements of X, and the sister nodes of X1 in X2 are referred to as the specifiers of X.” (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 20)

do Exemplo 07: (*eu moro*) e (*perto*). Essas duas frases fonológicas podem ser reestruturadas, tornando-se uma só frase fonológica (*eu moro perto*). Veja-se que esse processo de reestruturação não ocorre, por exemplo, entre as frases fonológicas (*perto*) e (*do campo*), uma vez que a frase mais à direita (*do campo*) é ramificada. Resumidamente, o Exemplo 07 passa ao Exemplo 08, a seguir:

Exemplo 08: (situação de entrevista 03 – sujeito 01)

$[[[eu]_C [moro]_C [perto]_C]_{\phi} \text{ reestruturada } [[do \text{ campo}]_C]_{\phi}]_I]_U$

Por fim, no constituinte *frase fonológica*, a proeminência relativa apresenta a seguinte regra: em línguas com ramificação sintática à direita – como o PB – o elemento (grupo clítico) considerado forte será sempre o mais à direita; conseqüentemente, todos os demais elementos “irmãos” serão considerados fracos. No Exemplo 08, a frase fonológica reestruturada (*eu moro perto*) é composta por três grupos clíticos: *eu*, *moro* e *perto*. Assim, o mais à direita (*perto*) é considerado como a parte forte dessa frase fonológica e os grupos clíticos “irmãos” (*eu* e *moro*) suas partes fracas.

4) o **grupo clítico (C)**: é o constituinte imediatamente abaixo da frase fonológica e é o primeiro constituinte que apresenta interação, embora não isomórfica, entre informações fonológicas e morfológicas. Para Nespor e Vogel (1986), o grupo clítico é composto por uma única palavra de conteúdo (não clítica) e todos os elementos clíticos (por exemplo: palavras funcionais como os artigos definidos e algumas preposições) adjacentes a ela. No exemplo 9, abaixo, observamos cinco frases fonológicas (*o feijãozinho*), (*não nasceu*), (*só*), (*do pedro*) e (*e da maria luiza*) e seis grupos clíticos (*o feijãozinho*), (*não nasceu*), (*só*), (*do pedro*), (*e da maria*) e (*luiza*). Em (*o feijãozinho*), (*não nasceu*), (*do pedro*) e (*só*) os grupos clíticos coincidem com frases fonológicas, sendo que os três primeiros grupos clíticos são compostos por uma palavra de conteúdo (*feijãozinho*), (*nasceu*) e (*pedro*) e seus elementos clíticos adjacentes (*o*), (*não*) e (*do*), respectivamente. Já o último grupo clítico é composto por apenas uma palavra de conteúdo (*só*). Já na frase fonológica que pode passar pelo processo de reestruturação (*e da maria luiza*) há dois grupos clíticos (*e da maria*) e (*luiza*), em que o primeiro é composto por uma palavra de conteúdo (*maria*) e seus clíticos adjacentes (*e*) e (*da*) e o segundo é composto por uma única palavra de conteúdo (*luiza*).

Exemplo 09: (situação de entrevista 03 – sujeito 01)

[[[o feijãozinho]_C]_φ [[não nasceu]_C]_φ]_I + [[sô]_C]_φ [do pedro]_C]_φ]_I + [[[e da maria]_C [luíza]_C]_φ reestruturada]_I]_U

Quanto à proeminência relativa neste nível da hierarquia prosódica, de acordo com Nespor e Vogel (1986), na maioria das línguas do mundo – assim como no PB –, o elemento considerado forte é a palavra de conteúdo, ou seja, o elemento considerado não clítico que compõe o grupo clítico. No Exemplo 09, as palavras de conteúdo *feijãozinho*, *nasceu*, *pedro*, *maria* e *luíza* recebem o valor forte, já seus elementos clíticos – *o*, *não*, *do* e *e*, *da*, respectivamente – o valor fraco.

5) a **palavra fonológica**: é o constituinte imediatamente abaixo do grupo clítico. É o mais baixo constituinte da hierarquia prosódica que apresenta interação com outros componentes da gramática. Nesse nível da hierarquia, as informações fonológicas interagem com o componente morfológico, embora, assim como nos demais níveis, essa interação não seja isomórfica. Quanto a essa não isomorfia, é importante ressaltar as diferenças entre a palavra fonológica e a palavra morfológica – como se pode verificar na palavra morfológica *guarda-chuva*. Com efeito, do ponto de vista morfológico, *guarda-chuva* é uma única palavra, pois corresponde ao elemento terminal de uma árvore sintática, além de ser um nome com significado; por outro lado, do ponto de vista fonológico, são duas palavras, visto que tanto *guarda* quanto *chuva* são portadoras de acento primário.

Pelo princípio de exaustividade que rege a Fonologia Prosódica, um constituinte deve dominar, necessariamente, o constituinte imediatamente abaixo. Isso significa que a palavra fonológica é formada por um ou mais pés. No entanto,

[...] a sílaba agrupa os sons em material linguístico; o pé métrico agrupa as sílabas ritmicamente e projeta o acento da palavra. [Assim,] o pé métrico se define pelo nível imediatamente inferior, que é a sílaba, ambos, sílaba e pé métrico, são elementos constitutivos da palavra fonológica. (BISOL, 2004, p. 61)

Vejamos o Exemplo 10, abaixo, em que se observam três palavras fonológicas: *chocolate*, *farinha* e *água*:

Exemplo 10: (situação de entrevista 05 – sujeito 19)

[[[chocolate]_ω]_C]_φ [[farinha]_ω]_C]_φ]_I + [[[água]_ω]_C]_φ]_I]_U

Quanto à proeminência relativa de palavra fonológica, o elemento considerado forte é a “[...] sílaba com acento projetado pelo pé métrico e o fraco são as sílabas não acentuadas” (BISOL, 2004, p. 61). Dessa forma, a relação de proeminência varia de acordo com a relação de acento entre as sílabas e os pés que compõem a palavra fonológica. No Exemplo 10, as três palavras são paroxítonas, por apresentarem acento na penúltima sílaba. Há, no entanto, diferenças na sua configuração prosódica. A palavra *chocolate* é composta por dois pés – *choco* e *late* – com cabeça (ou seja, com proeminência) na sílaba mais à esquerda, respectivamente *cho* e *la*. Como a proeminência em *la* coincide com o acento primário da palavra, ela receberá o valor forte tanto do pé *late* quanto de toda a palavra fonológica *chocolate*. Já a palavra *farinha* apresenta apenas um pé de cabeça medial, a saber, a sílaba *ri*. Assim, essa sílaba, além de corresponder à proeminência do pé, também será a sílaba proeminente de toda a palavra fonológica *farinha*, já que corresponde ao seu acento primário. Por fim, em *água*, há apenas um pé composto por duas sílabas, sendo que a primeira apresenta o valor forte por corresponder tanto à proeminência do pé quanto ao acento primário da palavra.

Finalizada nossa breve descrição sobre a fundamentação teórica em que nos basearemos para o desenvolvimento desta pesquisa, passemos ao Capítulo 4, em que trataremos dos procedimentos metodológicos da investigação.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1. Formação do banco de dados

Os dados analisados no presente trabalho fazem parte de amostras de fala que integram o projeto *Aquisição das modalidades escrita e falada da linguagem por crianças do interior paulista*, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Marília, sob o número 0132/2010, coordenado por Lourenço Chacon. A sede do projeto foi a Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) *Sítio do Pica-pau Amarelo*.

A proposta geral desse projeto foi observar em que medida as crianças se mostravam afetadas pelos conteúdos trabalhados em sala de aula e em que medida elas integravam esses conteúdos a outros que as afetavam em sua vida cotidiana fora do ambiente escolar.

Os dados desse banco que utilizamos na presente pesquisa foram coletados no ano de 2011, em uma única turma, na qual as crianças frequentavam, à época da coleta, o nível Infantil II em período integral¹⁸. A escolha dessa turma resultou de um acordo entre direção da escola e coordenador do projeto, pelas razões que se expõem a seguir. A escolha do período integral se justificou pelo fato de as crianças raramente faltarem à escola, devido a seus pais trabalharem o dia todo. Também nesse nível da Educação Infantil, como as crianças já estão com cinco/seis anos de idade, apresentam desenvolvimento linguístico mais elaborado em relação às menores.

Anteriormente à coleta de dados, todas as crianças passaram por triagem auditiva e de linguagem, sendo excluídas da amostra (e encaminhadas para avaliação) aquelas que apresentaram algum padrão desviante. Além desse procedimento, os responsáveis pelas crianças que participaram da presente investigação assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Desse modo, no total, a amostra ficou composta por dados de 24 crianças, sendo 16 do sexo masculino e oito do sexo feminino.

O projeto propunha acompanhar, durante o ano de 2011, o desenvolvimento de dez oficinas pedagógicas, elaboradas pela equipe pedagógica da referida EMEI e discutidas com o coordenador do projeto. Os temas e as datas de realização dessas oficinas, bem como os objetivos e estratégias utilizados, estão expostos no Quadro 01, abaixo:

¹⁸ O projeto que culminou na formação do banco de dados *Apropriação do conhecimento da linguagem infantil* contemplou coletas realizadas durante os anos de 2011 e 2012. No entanto, para esta pesquisa, utilizamos apenas os dados referentes ao ano de 2011, os quais se apresentam descritos neste capítulo.

Quadro 01. Exposição das oficinas pedagógicas realizadas durante o ano de 2011.

Oficinas (temas)	Data	Objetivo	Estratégias em sala de aula
1 Experiência como o som: instrumentos de corda	24/04/2011	1 - reconhecer a interpretação musical como elemento expressivo de sensações, sentimentos e pensamentos; 2 - conhecer vários instrumentos musicais de corda, bem como suas características.	1 - roda de conversa, para levantamento dos conhecimentos prévios sobre os instrumentos de corda; 2 - leitura de texto informativo sobre os instrumentos musicais de corda; 3 - conversa aberta sobre os instrumentos musicais de corda.
2 Leitura da Fábula: A lebre e a tartaruga	20/05/2011	1 - escutar/apreciar a leitura realizada pelo professor, assumindo um papel interativo e participativo, fazendo intervenções e apontamentos em relação ao conteúdo da fábula; 2 - escrever, ditando para o professor, a mesma fábula, considerando as ideias principais do texto e características da linguagem na escrita.	1 - roda de leitura; 2 - conversa sobre a integração entre cenário e ações, sobre a caracterização física e psicológica das personagens e sobre a sequência cronológica das ações.
3 Projeto Moringa: esperança para a fome e a saúde no mundo	10/06/2011	1 - identificar as etapas do desenvolvimento da planta <i>moringa</i> ; 2 - descrever as características de cada etapa desse desenvolvimento.	1 - roda de conversa para retomada de conteúdos previamente trabalhados de forma teórica (em sala de aula); 2 - prática: nas atividades de plantio e conservação da planta <i>moringa</i> .
4 Leitura da fábula: O rato do campo e o rato da cidade	05/08/2011	1 - escutar/apreciar a leitura realizada pelo professor, assumindo um papel interativo e participativo, fazendo intervenções e apontamentos em relação ao conteúdo da fábula; 2 - ser capaz de recontar para o professor a mesma fábula, considerando as ideias principais do texto e a estrutura de um texto narrativo.	1 - roda de leitura; 2 - roda de conversa.

5		1 - destacar as propriedades nutricionais do vegetal <i>moringa</i> ; 2 - elaborar um prato culinário com o ingrediente <i>moringa</i> ; 3 - elaborar um segundo prato culinário.	1 - participação direta na elaboração dos pratos culinários.
6	26/08/11		
Pintores e quadros	09/09/11	1 - resgatar características biográficas de pintores; 2 - resgatar características dos quadros dos pintores conhecidos; 3 - desenhar e pintar o quadro de preferência das crianças.	1 - roda de conversa; 2 - desenho livre.
7		1 - lembrar instrumentos musicais vivenciados pelas crianças na escola; 2 - identificar características físicas desses instrumentos; 3 - identificar o modo de tocar de cada um desses instrumentos.	1 - roda de conversa; 2 - confecção de violão em caixa de sapato; 3 - apresentação musical de um grupo do Projeto Guri.
Instrumentos musicais	16/09/11		
8		1 - lembrar a integração entre cenário e ações; 2 - lembrar características físicas e psicológicas das personagens; 3 - lembrar a sequência cronológica das ações; 4 - promover relações entre aspectos da vida das personagens na fábula e a vida real das crianças.	1 - roda de conversa
O rato do campo e o rato da cidade	30/09/11		
9		1 - lembrar características das brincadeiras da festa das crianças; 2 - lembrar características dos alimentos da festa das crianças.	1 - roda de conversa; 2 - participação na festa do dia das crianças.
Festa das crianças	13/10/11		

10 Formatura	28/10/11	1 - trabalhar o conceito de formatura; 2 - descrever adereços e características do ensaio da festa de formatura.	1 - roda de conversa; 2 - ensaio da festa de formatura.
--	---	--	---

Fonte: banco de dados *Apropriação do Conhecimento na Linguagem Infantil (ACoLI)*.

Na prática, o desenvolvimento da coleta de dados se deu da seguinte maneira. Mensalmente foi registrado, em sessões videogravadas, o desenvolvimento de tais oficinas em sala de aula pela professora responsável – acompanhada de duas documentadoras. Após uma semana do registro dessas oficinas, cada criança da sala de aula foi entrevistada, individualmente, por uma assistente de pesquisa (uma das documentadoras). Essas entrevistas foram registradas, integralmente, no interior de uma cabine acústica instalada na instituição de coleta, com uso dos seguintes equipamentos de alta fidelidade: um gravador digital MARANTZ (modelo PMD 670) acoplado a um microfone cardióide dinâmico SENNHEISER (e855), permitindo, assim, melhor qualidade acústica das gravações; e uma filmadora SONY (modelo DCR-SR68), permitindo, além do registro acústico, a observação de aspectos que a gravação em áudio não possibilita observar, como, por exemplo, momentos de silêncio, expressões faciais e/ou gesticulações. A condução de tais entrevistas acompanhou os objetivos que nortearam a proposta e o desenvolvimento da oficina em sala de aula.

Após a gravação de cada situação de entrevista, os dados foram organizados no banco *Apropriação do Conhecimento na Linguagem Infantil (ACoLI)*, por integrantes do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a linguagem* (GPEL/CNPq). Nessa organização, foram feitos: quadros de frequência de cada criança; identificação dos arquivos de áudio e de vídeo de acordo com uma identificação prévia de cada criança; e, por fim, organização das transcrições de cada situação de entrevista realizada por cada criança.

As situações de entrevistas foram transcritas por seis pesquisadores, integrantes do GPEL, de acordo com normas adaptadas do Projeto NURC (PRETTI; URBANO, 1998), de Marcuschi (1998) e de Koch (2000), complementadas por procedimentos de transcrição descritos em Nascimento (2005). As normas de transcrições utilizadas estão organizadas e demonstradas no Anexo A. As gravações foram divididas, aleatoriamente, entre cada um dos seis pesquisadores para a realização da transcrição.

Foram utilizados, prioritariamente, os arquivos de filmagem, já que se buscava observar e transcrever não só os aspectos conversacionais, mas também os gestos e expressões feitos pelas crianças. Por se tratar de oficinas que se desenvolveram fora da sala de

aula, em ambiente amplo e muito diversificado, três das oficinas pedagógicas (e suas correspondentes situações de entrevistas) não puderam ser gravadas em vídeo¹⁹; portanto, nesses casos, as transcrições foram baseadas apenas nos arquivos em áudio.

Após a realização das transcrições pelos seis pesquisadores, esses foram divididos em dois grupos a fim de revisarem tais transcrições. De acordo com essa divisão, um primeiro pesquisador transcrevia e, posteriormente, passava o texto transcrito para os outros dois integrantes do seu grupo, que julgavam, juntos, a transcrição e anotavam casos em que houvesse possíveis discordâncias de julgamento. Em seguida, a transcrição voltava para a primeira pessoa, aquela que a elaborou. Nos casos de eventuais discordâncias entre o primeiro transcritor e os dois revisores, foi adotado o critério de concordância comum a dois desses três pesquisadores, de modo a reduzir, significativamente, a subjetividade inerente à interpretação dos dados. Após todas as transcrições revisadas, os seis juízes, ainda divididos nos dois grupos, juntaram-se para revisar uma última vez todas as transcrições. Por fim, elas foram juntadas para compor o banco de dados.

Vale ressaltar que os seis pesquisadores foram especialmente treinados para a realização das transcrições e dos julgamentos. Ao fim, chegou-se a um total de 147 transcrições.

4.2. Amostra analisada

Optamos pelo uso desse banco por se tratar de dados de natureza semicontrolada de conversação entre cada criança e um adulto (entrevistador). Os dados que compõem o ACoLI mostraram-se, pois, privilegiados para o desenvolvimento de nossa pesquisa, uma vez que sua constituição teve como principal preocupação dar grande destaque e realizar uma escuta atenta das hesitações nas produções das crianças.

Levando-se em consideração o tempo para o desenvolvimento de uma tese de doutorado, e a fim de aumentar a amostra de produções de fala analisadas, quando comparadas à de investigações anteriores – como apontamos em nosso levantamento bibliográfico –, optamos por investigar a possível relação entre hesitações e prosódia (de um ponto de vista fonológico) em todas as 147 transcrições.

Na Tabela 01, encontra-se a distribuição da idade das crianças conforme o início e o fim da coleta de dados:

¹⁹ As situações de entrevistas que não apresentaram gravação em vídeo correspondem às oficinas pedagógicas: 1 - experiência como o som: instrumentos de corda; 3 - Projeto Moringa: esperança para a fome e saúde no mundo e 5- Prato culinário com o ingrediente *moringa*.

Tabela 01. Idade das crianças na primeira e na última coleta das situações de entrevistas.

	MÉDIA	IDADE MÍNIMA	IDADE MÁXIMA
1ª situação de entrevista Abril de 2011	5:0	4:11	5:9
10ª situação de entrevista Outubro de 2011	5:7	5:11	6:3

Para organizar a exposição dos dados, foi adotada a seguinte identificação das crianças: S01, S02... S23, S24. Para as documentadoras, foi adotada a identificação D01 e D02. Por fim, as situações de entrevista foram enumeradas de 1 a 10 de acordo com a ordem cronológica de realização de cada oficina pedagógica. Vale ressaltar que cada oficina pedagógica gerou um grupo de situações de entrevistas de acordo com a frequência de cada uma das crianças. Os exemplos 11 e 12, a seguir, expõem essa organização:

Exemplo 11: (situação de entrevista 01)

D02 mas não teve uma música com violã::o com violi::no + você lembra?

S01 lembro

D02 então me fala o que você lembra?

S01 eh:: + que também eu vi + um violino

Exemplo 12: (situação de entrevista 09)

D01 e:: elas brincaram com vocês do quê? + você lembra?

S24 de:: batata quente + boliche + e lenço que corra

D01 e além delas brincarem com vocês com isso que mais teve de brincadeira/ de brinquedo?

S24 de/ + eh:: cama elástica e pula pula

4.3. Critérios de análise dos dados

4.3.1 Classificação das hesitações

Temos um olhar teórico sobre o fenômeno hesitativo diferente daquele proposto por Marcuschi (1999 e 2006) – autor em que, fundamentalmente, nos basearemos para a classificarmos as marcas linguísticas das hesitações. Com efeito, para o autor, as hesitações são vistas como fenômenos intrínsecos da oralidade e que desempenham papéis formais, cognitivos e interacionais envolvidos no processamento/planejamento do texto falado. Para nós, diferentemente de Marcuschi e com base nos trabalhos desenvolvidos pelo GPEL, as

hesitações são vistas, sob à ótica linguístico-discursiva, como fenômenos que revelariam a negociação do sujeito com os *outros* constitutivos do (seu) discurso.

Apesar dessa diferenciação teórica-metodológica, neste trabalho, partimos de descrições das marcas linguísticas de hesitação feitas por Marcuschi (1999 e 2006), com a complementação dessas descrições iniciais feita em trabalhos desenvolvidos por integrantes do GPEL, como Nascimento (2005), Vieira (2009) e Camillo (2011). Ressalte-se que não realizaremos análise das marcas hesitativas propriamente dita. No entanto, descreveremos tais marcas a fim de demonstrar aquelas que consideramos em nosso *corpus* para a análise das hesitações.

Passaremos à descrição de cada uma dessas marcas, seguida de pelo menos um exemplo retirado de nossos dados – no Anexo 2 será apresentado um quadro resumo das marcas hesitativas, símbolos utilizados e exemplos:

1) **pausas silenciosas (PS):** também chamada de pausas não preenchidas por Marcuschi (1999 e 2006), constituem-se em silêncios, prolongados ou não, que se dão em lugares não previstos pela sintaxe (MARCUSCHI, 1999 e 2006). As pausas hesitativas, para Marcuschi, diferem dos silêncios interturnos, ou seja, manifestações discursivas que podem até mesmo constituir um turno. Diferem, também, das pausas de juntura, já que essas apareceriam nas fronteiras sintáticas entoacionalmente marcadas (MARCUSCHI, 2006). Estes dois últimos tipos de pausas não caracterizam hesitações, uma vez que seriam sintática e discursivamente previstas. Na transcrição de nossos dados, utilizamos o sinal “+” para representar os momentos de pausas silenciosas hesitativas, sendo que a utilização do sinal variou de acordo com a percepção de pausas mais breves “+” e de pausas mais longas, chegando ao sinal “+++”. Durante as transcrições, foi de comum acordo entre os juízes a utilização do sinal “++++” seguido da frase ((o interlocutor fica à espera de uma resposta)) quando não houve resposta da criança à pergunta realizada pela entrevistadora (interlocutor):

Exemplo 13: (situação de entrevista 02)

S06 ++ correram no amigo dele

2) **cortes bruscos (CB):** são interrupções do que se fala, sem retomada adiante (MARCUSCHI, 1999). A representação dos momentos desses cortes foi feita, em nossos dados, com uma barra inclinada, a saber, “/”:

Exemplo 14: (situação de entrevista 07)

S20 hum +++ hum ++ hum + t + violão

3) **pausas preenchidas (PP)**: mostram-se geralmente marcadas acusticamente por sons que não formam palavras lexicalizadas, tidos como expressões hesitativas, como *éh*, *ah*, *hum*. Para Marcuschi (2006), as pausas preenchidas ocorrem com alta frequência no português. Muitas delas costumam ocorrer precedidas e/ou seguidas de pausas breves (silenciosas) ou ainda, ocorrer de forma alongada. Para a transcrição deste tipo de marca, utilizamos as formas “ah”, “eh” e “hum”, tal como convencionadas pelas normas de transcrição do Projeto NURC:

Exemplo 15: (situação de entrevista 05)

S23 hum:: + chocolate eh:: + eh:: + não lembro mais

4) **alongamentos hesitativos (AL)**: trata-se do prolongamento de duração de segmentos da fala, geralmente dos segmentos vocálicos de finais de palavras, sobretudo em palavras monossilábicas. Segundo Marcuschi (1999), há alongamentos que funcionam como coesão rítmica, frequentes, sobretudo, na formação de listas, bem como alongamentos (geralmente acompanhados de elevação do tom) que operam como ênfase. Em geral, conforme salienta o autor, quando, no interior de uma palavra, os alongamentos são coesivos ou enfáticos e recaem em sílabas tônicas, não se constituíram, desse modo, em hesitações. Assim, esses tipos de alongamentos não foram levados em consideração em nossos dados. Na transcrição, representamos os alongamentos hesitativos com o sinal “::” logo à direita da letra correspondente ao fonema que se encontra alongado. Como feito nas pausas silenciosas, também nos alongamentos a menor ou maior quantidade de **dois pontos** (“::” ou “:::”) representam a percepção (consensual dos juízes) da menor ou da maior duração do prolongamento:

Exemplo 16: (situação de entrevista 03)

S13 + ali perto do:: muro

Vale ressaltar que, embora Marcuschi (2006) tenha considerado como uma única marca as pausas preenchidas seguidas de alongamentos, consideramos, em nossa análise, como duas marcas distintas que se apresentaram combinadas – como no Exemplo 15, em que

a pausa preenchida *hum* apresenta um alongamento hesitativo :: Fizemos essa diferenciação, pois encontramos, em nossos dados, muitas pausas preenchidas sem a ocorrência de tal alongamento.

5) **repetições hesitativas (RH)**: são reduplicações de palavras, de grupos de palavras ou de frases julgadas como não significativas semanticamente. Essas reduplicações podem incidir tanto sobre itens funcionais quanto sobre itens lexicais (MARCUSCHI, 1999; 2006). Sua representação nos dados foi feita pela transcrição de todos os elementos repetidos:

Exemplo 17: (situação de entrevista 04)

S08 o ratinho do campo + ficou / ficou correndo

Marcuschi (2006) diferencia as repetições hesitativas das repetições consideradas pela PTI como mecanismo de organização textual. Para o autor, enquanto processo de construção do texto falado, não se trata de uma simples repetição de palavras ou de frases, uma vez que a repetição enfatiza a retomada do conteúdo falado. Além dessa ênfase, apresenta diversificadas funções, como dar coesividade ao texto, continuidade à organização tópica, argumentatividade e auxílio em atividades interativas (por exemplo, na retomada de turnos).

6) **gaguejamentos (GA)**: são repetições truncadas de fonemas ou de sílabas, não significativas para a compreensão do enunciado, ou seja, repetições de unidades inferiores a um item lexical ou funcional e “pedaços” de palavras iniciados (MARCUSCHI, 1999). Em nossos dados, essa marca também foi representada pela transcrição dos segmentos repetidos, seguidos de uma barra inclinada (“/”):

Exemplo 18: (situação de entrevista 08)

S18 + ah:: n/não é assim que começa não vou voltar

7) **falsos inícios (FI)**: caracterizam-se como enunciados – “unidades sintáticas oracionais”, nas palavras de Marcuschi (1999) – iniciados, sob a perspectiva do enunciador, com algum “problema”, de tal modo que a estrutura é rejeitada e, posteriormente, refeita ou retomada na sequência da produção do enunciado. De acordo com Marcuschi (2006), os falsos inícios podem ocorrer junto com a interrupção quando há, também, o corte lexical – ou

seja, quando “[...] a quebra que se verifica ocorre no interior da palavra.” (MARCUSCHI, 2006, P.71):

Exemplo 19: (situação de entrevista 10)

*S16 + éh:: + éh:: + a do:: éh + a da:: + do lu/ quer dizer **a do:: a do** luciano hu::ck*

4.3.2 Quantificação dos enunciados²⁰

Conforme antecipado, foram selecionadas as 147 situações de entrevistas realizadas no ano de 2011. Nesse conjunto de dados foi computada uma média de 260,7 segundos de duração em cada entrevista e uma média de 33,82 enunciados produzidos pelas crianças, também em cada entrevista. No entanto, desse total de enunciados, excluimos aqueles em que não houve material linguístico, ou seja, excluimos os enunciados em que a criança respondeu com gestos (Exemplo 20) ou, ainda, os momentos em que houve silêncio e/ou o interlocutor ficou à espera de uma resposta (Exemplo 21):

Exemplo 20: (situação de entrevista 01)

D02 eh os outros também tinham né?

S01 ((faz gesto de sim com a cabeça))

Exemplo 21: (situação de entrevista 02)

D01 quem eram as personagens da história?

S02 ((longa pausa - o interlocutor fica à espera de uma resposta))

Dessa forma, foi computado um total de 3.674 enunciados que apresentaram material linguístico. Desse total de enunciados, foram identificados, pelos juízes, aqueles sem nenhuma ocorrência de hesitações e aqueles com ocorrências de hesitação em algum ponto da cadeia linguística, distribuídos na Tabela 2, a seguir:

²⁰ Tomamos por enunciado, a fim de classificá-lo, toda a materialidade linguística produzida pelas crianças, em cada par dialógico.

Tabela 02. Distribuição dos enunciados com e sem ocorrências hesitativas.

ENUNCIADOS	N. (%)
Sem ocorrências hesitativas	1.880 (53,05%)
Com ocorrências hesitativas	1.674 (46,95%)
Total	3.674 (100%)

Seguem-se exemplos de enunciados sem nenhuma ocorrência de hesitação identificada:

Exemplo 22: (situação de entrevista 06)

D01 eu lembro que você foi o único na sala que lembrou como é que o Portinari morreu + conta pra mim?

S04 com o chumbo da tinta

Exemplo 23: (situação de entrevista 02)

D02 quem mais que tinha na/na historinha?

S03 tinha o esquii::lo e o ra::to + lo::bo + segurando a tartaru::ga tudo

Como apontado, no Exemplo 22 e no 23, não foram identificadas, nas respostas das crianças, ocorrências hesitativas. Observa-se, no Exemplo 23, a presença de pausas (grafadas com o símbolo +) e de alongamentos (como em *lo::bo*). No entanto, tais pausas não se configuraram como hesitativas, já que ocorreram em locais que delimitam constituintes prosódicos – no caso, frases entonacionais. Similarmente, os alongamentos não se configuraram como hesitativos, uma vez que sua presença nos enunciados indicou ênfase nos pontos prosódicos em que ocorreram.

A seguir, apresentamos exemplos de enunciados com ocorrências hesitativas identificadas em algum ponto da cadeia linguística:

Exemplo 24: (situação de entrevista 05)

D02 me conta o que que ia de ingrediente nesse bolo?

S18 + hum + eu não sei²¹

²¹ As partes sublinhadas nos exemplos referem-se aos destaques que demos às ocorrências hesitativas que foram identificadas pelo conjunto de juízes.

Exemplo 25: (situação de entrevista 09)

D01 e do que vocês brincaram com elas?

S13 éh de basquete + de boliche + de:: + de:: ++ de:: ++ batatinha quente

Exemplo 26: (situação de entrevista 08)

D01 e onde tinham essas comidas todas?

S03 + ãh:: n/não é assim que começa não vou voltar + você sabe? + ãh:: o rato do/o rato do campo queria comer uma espiga de milho então + ele fo/ele foi na casa do irmão + do primo dele + comer + comer + comer + comer bolo

Vemos, em 24, apenas uma ocorrência de hesitação indiciada por uma marca hesitativa complexa (+ *hum* +), já que nela se combinam duas pausas silenciosas e uma pausa preenchida. Já em 25, foram detectadas duas ocorrências: a primeira, mostrada por meio de uma marca hesitativa simples, ou seja, uma pausa preenchida (*éh*); a segunda, mostrada por meio de uma marca hesitativa complexa (*de::* + *de::* ++ *de::* ++), em que se combinam repetição hesitativa, alongamento hesitativo e pausa silenciosa. Por fim, em 26, foram identificadas quatro ocorrências, todas elas mostradas por meio de marcas complexas, em que se combinam variadas marcas hesitativas, como, dentre outras, pausa silenciosa, pausa preenchida, alongamento hesitativo e gaguejamento (+ *ãh::* *n/não*), ou pausa preenchida, alongamento hesitativo e repetição hesitativa (*ãh::* *o rato do/o rato do*).

Assim como nos exemplos de 24 a 26, em todas as produções de fala, todos os enunciados em que se detectaram hesitações se mostraram ora com uma única ocorrência hesitativa, como em 24, ora com mais de uma ocorrência hesitativa, como em 25 e em 26. Dessa forma, em seu conjunto, foi identificado um total de **2.399 ocorrências** de hesitações.

4.3.3 Classificação dos constituintes prosódicos

Conforme descrito em nossa fundamentação teórica, basearemos nossa análise na Fonologia Prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986). Verificaremos as ocorrências hesitativas identificadas em cinco dos sete constituintes prosódicos: Enunciado Fonológico (U), Frase Entonacional (I), Frase Fonológica (ϕ), Grupo Clítico (C) e Palavra Fonológica (ω).

Embora tenhamos selecionado esses constituintes prosódicos para verificar suas possíveis relações com as hesitações, utilizar-nos-emos de diferentes características de sua formação para cada um de nossos dois objetivos, conforme descreveremos, a seguir.

Para responder ao primeiro objetivo (*verificar, nas ocorrências de hesitação, seu vínculo com constituintes prosódicos nos quais a informação fonológica se mostra relacionada a aspectos sintático-semânticos e a aspectos morfológicos e lexicais do enunciado*), criamos duas categorias principais, no interior das quais juntamos esses cinco constituintes prosódicos em dois grupos, de acordo com suas características estruturais:

- (i) **constituintes mais altos:** dessa categoria constam os constituintes prosódicos enunciado fonológico, frase entonacional e frase fonológica, pois, de acordo com Nespor; Vogel (1986), tais constituintes apresentam interação – embora não isomórfica – entre o componente fonológico e os componentes sintático e semântico da gramática;
- (ii) **constituintes mais baixos:** dessa categoria constam os constituintes prosódicos grupo clítico e palavra fonológica, pois, de acordo com Nespor e Vogel (1986), tais constituintes apresentam interação – embora não isomórfica – entre o componente fonológico e os componentes morfológicos e lexicais da gramática.

Já para responder ao segundo objetivo (*observar, nos diferentes constituintes prosódicos, se as hesitações ocorrem, preferencialmente, nas posições fracas ou fortes que os compõem*), baseamo-nos nas características essenciais de formação de cada um dos cinco constituintes prosódicos, principalmente no *Princípio 4* que rege a Fonologia Prosódica – sobre a relação de proeminência relativa estabelecida entre nós irmãos, de acordo com a qual, em um dado constituinte prosódico, um elemento terá **valor forte** e os demais elementos que o circundam o **valor fraco**. Desse modo, definimos as posições fortes e fracas da seguinte maneira:

- (i) **posição forte** – aquela que corresponde ao elemento em destaque na organização de cada um dos níveis da hierarquia prosódica investigados, como demonstraremos nos exemplos 27 a 31:

(a) a frase entonacional proeminente na constituição de um enunciado fonológico;

Exemplo 27: (situação de entrevista 08)

S15 [[+ *porque*]_I + [**o::** gato queria pegar ele]_I]_U
Frase entonacional proeminente

(b) a *frase fonológica* proeminente na constituição de uma *frase entonacional*;

Exemplo 28: (situação de entrevista 07)

S02 [[[*pra poder sair*]_φ] [*éh:: a música*_φ]_I]_U
 Frase fonológica proeminente

(c) o grupo clítico proeminentes na constituição de uma frase fonológica;

Exemplo 29: (situação de entrevista 02)

S02 [[[proque]_C]_Φ [[*ela*]_C [correucorreu]_C]_Φ [[*mais*]_C [*rápido*]_C]_Φ]_I]_U
 Grupo clítico proeminente

(d) a *palavra fonológica* proeminente na constituição de um *grupo clítico*;

Exemplo 30: (situação de entrevista 03)

S08 [[[[[*pra*]_ω [*gen::te::* +]_ω]_φ [*nãõ*]_ω [*ficar*]_ω]_C [*doente*]_ω]_φ]_I]_U
 Palavra fonológica proeminente

(e) a *sílaba* (no interior do pé) proeminente na constituição de uma *palavra fonológica*.

Exemplo 31: (situação de entrevista 05)

S15 [[[[‘+ lo/lon]_Σ [ge]_Σ]_ω]_C]_φ]_I]_U
 Sílabo proeminente

(ii) **posição fraca** – aquela que corresponde a constituintes e/ou a partes de constituintes que circundam as posições fortes destacadas acima. Seguem-se exemplos de posições fracas em cada um dos constituintes:

(a) enunciado fonológico

Exemplo 32: (situação de entrevista 07)

S03 [[*eu **lembro:: do::** violão*]_I + [*pia::no*]_I + [*e a flauta*]_I]_U

Frase entonacional **não** proeminente Frase entonacional proeminente

Exemplo 37: (situação de entrevista 04)

D02 e você lembra o que o ratinho do campo comia?

S15 éh:: queijo

[[[[éh:: queijo]_ω]_c]_φ]_i]_U

No Exemplo 37, o enunciado fonológico produzido pela criança *éh:: queijo* é composto por uma única frase entonacional, por sua vez composta por uma única frase fonológica, por um único grupo clítico e por uma única palavra fonológica. A ocorrência hesitativa – mostrada pelas marcas *pausa preenchida* e *alongamento hesitativo* (*éh::*) – é um exemplo de ocorrência hesitativa com incidência em apenas um constituinte prosódico, a saber: palavra fonológica. Classificamos essa ocorrência hesitativa somente em palavra fonológica, pois, de acordo com o princípio 4 que rege a fonologia prosódica, a relação de proeminência só é estabelecida quando há, em um mesmo constituinte prosódico, dois elementos (nós) irmãos que, juntos, compõem o domínio do constituinte. É o que ocorreu na palavra fonológica *queijo*, composta de um único pé no interior do qual se encontra uma sílaba proeminente à esquerda (*quei*) e uma sílaba irmã sem proeminência (*jo*).

Por sua vez, quando um constituinte foi o domínio de, no mínimo, outros dois constituintes imediatamente abaixo dele, a relação de proeminência pode ter se mostrado diferente em função no nível do(s) constituinte(s) dominado(s). É o que veremos no Exemplo 38:

Exemplo 38: (situação de entrevista 09)

D01 teve brinquedo + teve palhaço + que que você lembra G.?

S10 a gente bebeu guaraná + e depois nós brincou de + de:: de correr

[[[a gente bebeu guaraná]_i] + [e depois]_i [nós brincou de + de:: de correr]_i]_U

[[[a gente]_φ [bebeu]_φ [guaraná]_φ]_i + [[e depois]_φ]_i [[nós brincou]_φ [de + de:: de correr]_φ]_i]_U

[[[[a gente]_c]_φ [[bebeu]_c]_φ [[guaraná]_c]_φ]_i + [[[[e depois]_c]_φ]_i [[nós]_c [brincou]_c]_φ]_i [[[[de + de:: de correr]_c]_φ]_i]_U

Diferentemente do Exemplo 37, em 38, a ocorrência hesitativa *de + de:: de* – mostrada pelas marcas repetição hesitativa, pausa silenciosa e alongamento hesitativo – foi classificada em domínio de três constituinte prosódico, a saber, em:

- (1) enunciado fonológico: visto que tal enunciado foi composto por três frases entonacionais *a gente bebeu guaraná, e depois e nós brincou de correr*, a ocorrência hesitativa situou-se na última frase entonacional – aquela com destaque prosódico, nesse nível da hierarquia;
- (2) frase entonacional: visto que a ocorrência hesitativa incidiu sobre a frase entonacional composta de duas frases fonológicas *nós brincou* e *de correr* – a ocorrência hesitativa situou-se na frase fonológica *de correr*, a que apresentou o destaque prosódico nesse nível da hierarquia; e
- (3) grupo clítico: visto que a ocorrência hesitativa incidiu, justamente, no elemento clítico *de* que compõe esse constituinte, a ocorrência hesitativa mostrou-se justamente no de valor fraco nesse nível da hierarquia.

Observe-se que a ocorrência hesitativa, em 38, não foi classificada em frase fonológica, pois, em seu interior, houve apenas um grupo clítico (*de correr*); portanto, sem a possibilidade de relação de proeminência nesse nível da hierarquia. Também não foi possível classificar tal ocorrência em nível de palavra fonológica, visto que incidiu sobre um elemento clítico, não considerado palavra do ponto de vista prosódico.

Além dessa possibilidade de classificação – em que uma mesma ocorrência hesitativa pode ter sido computada em um único constituinte ou em mais de um constituinte –, houve, em nossos dados, outra particularidade de incidência das hesitações em relação às posições fortes e fracas. Em razão dessa possibilidade de ocorrer em mais de um plano da hierarquia prosódica, uma mesma ocorrência hesitativa pode ter incidido em posição fraca em um nível da hierarquia, mas em posição forte em outro nível. Assim, as hesitações podem mudar seu estatuto de posição forte e de posição fraca a depender do nível do constituinte a ela associado. Demonstremos essa possibilidade, voltando ao Exemplo 38. Nesse exemplo, a ocorrência hesitativa *de + de:: de* pode ser classificada da seguinte forma:

(1) em **posição forte** dos constituintes

- enunciado fonológico: pois, de acordo com a regra de proeminência relativa neste nível da hierarquia, é atribuído o valor *forte* à frase entonacional mais à direita do enunciado;
- frase entonacional: pois, a frase fonológica (*de correr*), nesse nível da hierarquia, foi a que recebeu o destaque prosódico;

(2) em **posição fraca** do constituinte

- grupo clítico: pois a ocorrência hesitativa incidiu, justamente, no elemento clítico que compõe esse constituinte. De acordo com a regra de proeminência relativa desse nível da hierarquia, é atribuído o valor *forte* à palavra de conteúdo (elemento não clítico) e o valor *fraco* aos elementos clíticos que a circundam.

4.4. Análise estatística

Foi feito tratamento estatístico dos dados com o uso do *software Statistica* (versão 7.0). Foram realizadas análise descritiva e análise inferencial.

Para o primeiro objetivo (*verificar, nas ocorrências de hesitação, seu vínculo com constituintes prosódicos nos quais a informação fonológica se mostra mais relacionada a aspectos sintático-semânticos e a aspectos morfológicos e lexicais do enunciado*), utilizamos o teste paramétrico *T-test de Student* para variáveis dependentes – na comparação entre ocorrências hesitativas identificadas nos constituintes mais altos e nos constituintes mais baixos da hierarquia prosódica. A escolha do teste paramétrico se baseou na verificação da não violação da curva do teste de normalidade, adotando-se o valor de $\alpha \leq 0,05$.

Para o segundo objetivo (*observar, nos diferentes constituintes prosódicos, se as hesitações ocorrem, preferencialmente, nas posições fracas ou fortes que os compõem*) utilizamos, também, o teste paramétrico *T-test de Student* para variáveis dependentes – na comparação entre ocorrências hesitativas identificadas em posições fortes e em posições fracas em cada um dos cinco constituintes prosódicos. Mais uma vez, a escolha do teste paramétrico se baseou na verificação da não violação da curva do teste de normalidade, adotando-se o valor de $\alpha \leq 0,05$.

5. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Como descrito, em nosso material, nas 147 situações de entrevistas realizadas com as crianças, foram detectadas, pelos juízes, **2.399 ocorrências hesitativas** em algum ponto da cadeia linguística.

Com base nessa detecção, partiremos para análise dos resultados relativos ao primeiro objetivo norteador da pesquisa, qual seja, *verificar, nas ocorrências de hesitação, seu vínculo com constituintes prosódicos nos quais a informação fonológica se mostra relacionada a aspectos sintático-semânticos e a aspectos morfológicos e lexicais do enunciado*. Para tanto, verificaremos, em um primeiro momento, a distribuição das ocorrências hesitativas identificadas no interior dos constituintes mais altos (*enunciado fonológico, frase entonacional e frase fonológica*) e, em um segundo momento, sua distribuição no interior dos constituintes mais baixos (*grupo clítico e palavra fonológica*).

Na Tabela 3, observamos maior porcentagem de ocorrências hesitativas nos constituintes **mais baixos**. Essa diferença mostrou-se, ainda, estatisticamente significativa:

Tabela 3. Análise estatística descritiva e inferencial da distribuição de ocorrências hesitativas identificadas nos grupos de constituintes mais altos e mais baixos da hierarquia prosódica.

Constituintes	%	Média	Desvio Padrão	Teste t de Student
MAIS ALTOS (n = 921)	38,62 %	40,43	31,18	t = -5,422 p = 0,00001* df = 22
MAIS BAIXOS (n = 1.478)	61,38 %	64,26	48,48	

Legenda: n: número total de ocorrências hesitativas em cada nível da hierarquia. Teste t para amostras dependentes ($p \leq 0,05$).

Exemplificaremos, a seguir, as ocorrências hesitativas identificadas em cada um dos grupos de constituintes prosódicos analisados: os mais altos (U, I e ϕ) e os mais baixos (C e ω). Para melhor expormos nossos resultados, separamos os exemplos conforme sua inclusão em cada nível da hierarquia. Começaremos com exemplos de ocorrências hesitativas identificadas nos constituintes **mais altos**. Ressaltemos, entretanto, que, na análise de nosso primeiro objetivo, não encontramos, em nossos dados, hesitações em nível de enunciado fonológico, já que classificamos as hesitações identificadas em início de enunciado como ocorrência em fase entonacional, conforme demonstraremos nos exemplos 39 e 40:

Frase entonacional

Exemplo 39: (situação de entrevista 07)

D02 + ó::timo e o violino?

S08 é um vi/ é um violão pequeno + tem aquele arco aí ele faz assim ((imita o som do violino e faz gesto com as mãos))

$[[[é um vi/ é um violão pequeno]_{\phi \text{reestruturada}}]_I + [[tem]_{\phi} [aquele arco]_{\phi}]_I [[aí]_{\phi} [ele faz assim]_{\phi \text{reestruturada}}]_I]_U$

Exemplo 40: (situação de entrevista 05)

D01 foi semana retrasada sexta-feira retrasada

S18 + ah + ((clique palatal)) eu sei que + eu sei + eu sei s/ + eu sei só que + ((clique palatal)) eu num sei falar nada

$[[[+ ah + ((clique palatal)) eu sei que + eu sei + eu sei s/ + eu sei só que + ((clique palatal)) eu num sei falar]_{\phi} [nada]_{\phi}]_I]_U$

Em 39 e em 40, as ocorrências hesitativas incidem sobre (em 39) ou antecedem (em 40) uma frase entonacional. Em 39, o enunciado produzido pela criança é composto por um único enunciado fonológico, no interior do qual se detectam três frases entonacionais (*é um violão pequeno; tem aquele arco; aí ele faz assim*). A ocorrência hesitativa – indiciada pela marca repetição hesitativa (*é um vi/ é um violão*) e pelo corte brusco da palavra *violão* – ocorre no início da primeira I. Classificamos essa ocorrência no domínio de I em decorrência de uma das regras de formação desse constituinte prosódico, já que "[...] outra noção sintática que é relevante para a formação de I é a da sentença raiz [...]" (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 189)²³. A I *é um violão pequeno* corresponde, em termos sintáticos, a uma sentença raiz com sujeito não explicitado (*o violino*) e um sintagma verbal (*é um violão pequeno*), o qual é delimitado por um contorno entonacional de natureza oracional. Além dessa correspondência, tal frase entonacional é delimitada por uma pausa silenciosa, fato característico desse constituinte – "[...] a frase entonacional é o domínio de um contorno entonacional e [...] os finais de frases entonacionais coincidem com as posições nas quais pausas podem ser introduzidas em uma sentença."²⁴ (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 188). Acrescente-se a essas características o fato de que "Numa sequência de mais de dois constituintes do mesmo tipo, i.e. $x_1, x_2... x_n$, uma quebra

²³ "[...] the other syntactic notion that is relevant for I formation is the root sentence [...]. Specifically, the boundaries of a root sentence delimit an I [...]" (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 189).

²⁴ "[...] the intonation phrase is the domain of an intonation contour and [...] the ends of intonational phrases coincide with the positions in which pauses may be introduced in a sentence." (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 188)

entonacional pode ser inserida antes de cada repetição do nó X [...]”²⁵ (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 201). É o que se verifica na frase entonacional aqui em análise, *é um violão pequeno*, que, juntamente com as outras duas do mesmo enunciado fonológico (*tem aquele arco; aí ele faz assim*) faz parte de uma enumeração x_1, x_2, x_3 que remete a características do violino. Não poderíamos classificar tal hesitação em nível de *frase fonológica*, visto que a repetição hesitativa ultrapassa o nível desse constituinte, que deveria ser $[[[é]_\phi [um\ violão]_\phi [pequeno]_\phi]_I]$. Em outras palavras, a repetição hesitativa ocorre justamente na junção de duas frases fonológicas (*é*) e (*um violão*), portanto, acima desse nível.

Em 40, o enunciado produzido pela criança é composto por uma única frase entonacional (*eu não sei falar nada*). Da mesma forma que em 39, a frase entonacional é composta por uma sentença raiz – composta pelo sintagma nominal *eu* e pelo sintagma verbal *não sei falar nada* – delimitada por um contorno entonacional característico. A ocorrência hesitativa – indiciada por marca complexa em que ocorrem pausas silenciosas, repetições hesitativas, corte brusco e falso início²⁶ (+ *ah* + ((*clique palatal*)²⁷)) *eu sei que* + *eu sei* + *eu sei s/* + *eu sei só que* + ((*clique palatal*))) – antecede essa frase entonacional (*eu num sei falar nada*) que compõe e/ou coincide com o enunciado produzido pela criança.

Vamos, a seguir, aos exemplos de ocorrências hesitativas em nível de frase fonológica:

Frase fonológica

Exemplo 41: (situação de entrevista 02)

D02 por que a tartaruga ganhou da lebre?

S03 porque ela era ela era mais forte

$[[[porque]_\phi [ela\ era\ ela\ era]_\phi [[mais\ forte]_\phi]_I]_U]$

$[[[porque]_\phi [[ela]_C [era]_C]_\phi [[mais\ forte]_\phi]_I]_U]$

Exemplo 42: (situação de entrevista 08)

D01 onde?

S13 em uma ca/ + em uma casa dos humanos

$[[[em\ uma\ ca/ + em\ uma\ casa]_\phi [[dos\ humanos]_\phi]_I]_U]$

$[[[em\ uma\ casa]_C]_\phi [[dos\ humanos]_\phi]_I]_U]$

²⁵ "In a sequence of more than two constituents of the same type, i.e. $x_1, x_2... x_n$, an intonation break may be inserted before each repetition of the node X [...]." (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 201).

²⁶ Consideramos, no Exemplo 37, o falso início, pois, o enunciado iniciado com diferentes marcas hesitativas foi rejeitado e, posteriormente, refeito em *eu num sei falar nada*.

²⁷ Não consideramos o clique palatal (audível pelos transcritores como um estalo de língua) como uma marca hesitativa propriamente dita; mas, podemos sugerir que tal ocorrência reforça todo o evento hesitativo.

De acordo com Nespor e Vogel (1986), a frase fonológica é formada por uma palavra de conteúdo (cabeça lexical) e todos os grupos clíticos de seu lado não recursivo. Respeitando essa formulação, em 41 e em 42, as ocorrências hesitativas – indiciadas, respectivamente, por repetição hesitativa (*ela era ela era*) e por repetição hesitativa, corte brusco e pausa silenciosa (*em uma ca/ + em uma casa*) – foram identificadas no interior desse constituinte. Em 41, a repetição hesitativa envolveu os dois grupos clíticos (*ela*) e (*era*) que compõem a frase fonológica (*ela era*). Já em 42, a repetição hesitativa (*em uma*) seguida do corte brusco (*ca/*) envolveu a passagem dos clíticos *em* e *uma* para a palavra de conteúdo *casa* que compõem a frase fonológica *em uma casa*.

A seguir, exemplificaremos ocorrências hesitativas identificadas nos constituintes **mais baixos**, iniciando pelo grupo clítico:

Grupo clítico

Exemplo 43: (situação de entrevista 05)

D02 mas como que faz + tem que colocar um monte de ingredientes lá + você lembra?

S06 e depois colocar os + os ovo

[[[[*e depois*]_C]_φ [[*colocar*]_C]_φ [[*os + os* *ovo*]_C]_φ]_I]_U

Exemplo 44: (situação de entrevista 04)

D01 e da onde que ele era?

S15 éh::: ++ do ++ do::: ++ do::: + do::: buraco

[[[[*éh::: ++ do ++ do::: ++ do::: ++ do:::* *buraco*]_C]_φ]_I]_U

Em 43 e em 44, as ocorrências hesitativas foram identificadas no domínio de grupo clítico. Relembrando características desse constituinte, o grupo clítico é formado por uma palavra independente (não clítica) e todos os elementos clíticos adjacentes a ela. Dessa forma, como se pode observar, em 43, a hesitação incidiu justamente sobre o clítico *os*, indiciada pelas marcas repetição hesitativa e pausa silenciosa (*os + os*). Semelhantemente, em 44, a hesitação envolveu o clítico *do* (formado pelo processo de contração da preposição *de* e artigo *o*), mostrada pelas marcas repetição hesitativa, alongamento hesitativo, pausa preenchida e pausa silenciosa (*éh::: ++ do ++ do::: ++ do::: ++ do:::*).

Passemos, agora, aos exemplos de ocorrências hesitativas em nível de palavra fonológica:

Palavra fonológica

Exemplo 45: (situação de entrevista 05)

D01 e me conta L. quantas moringas foram?

S13 éh:: + três

[[[[éh:: + três]_ω]_C]_φ]_I]_U

Exemplo 46: (situação de entrevista 02)

D02 me conta como que a tartaruga era você lembra?

S10 + us/usava óculos + usava bolsa + usava ben/+bengala + e usava chapéu

[[[[+ us/usava]_ω]_C [[óculos]_C]_{φ reest.}]_I + .[[[usava]_ω]_C [[bolsa]_C]_{φ reest.}]_I + [[usava]_ω]_C [[ben/+bengala]_C]_{φ reest.}]_I + [[e usava]_ω]_C [[chapéu]_C]_{φ reest.}]_I]_U

Em 45, a ocorrência hesitativa – indiciada por pausa preenchida, alongamento hesitativo e pausa silenciosa (*éh::*+) – antecedeu o enunciado composto por uma única palavra fonológica (*três*). Nesse exemplo, as possibilidades de resposta são escassas, visto que a pergunta feita pela documentadora dirige para uma resposta curta e/ou de uma única palavra – o que, a nosso ver, justifica a classificação dessas hesitações em nível de palavra fonológica e não em constituintes mais altos. Em outras palavras, em 45, na pergunta *quantas moringas foram?*, a possibilidade de resposta seria a de um numeral, levando-nos a pensar que a ocorrência hesitativa marca não propriamente um conflito entre enunciados mas entre palavras de um mesmo tipo, em concorrência.

Já em 46, no enunciado fonológico há duas ocorrências hesitativas – mostradas pelas marcas pausa silenciosa e gaguejamento + *us/usava* e *ben/+bengala* – incidindo sobre o domínio da palavra fonológica. Essas duas ocorrências foram classificadas nesse nível da hierarquia prosódica, pois é justamente nas palavras que o conflito é verificado, visto que suas partes iniciais são repetidas: *us* na palavra *usava* e *ben* na palavra *bengala*.

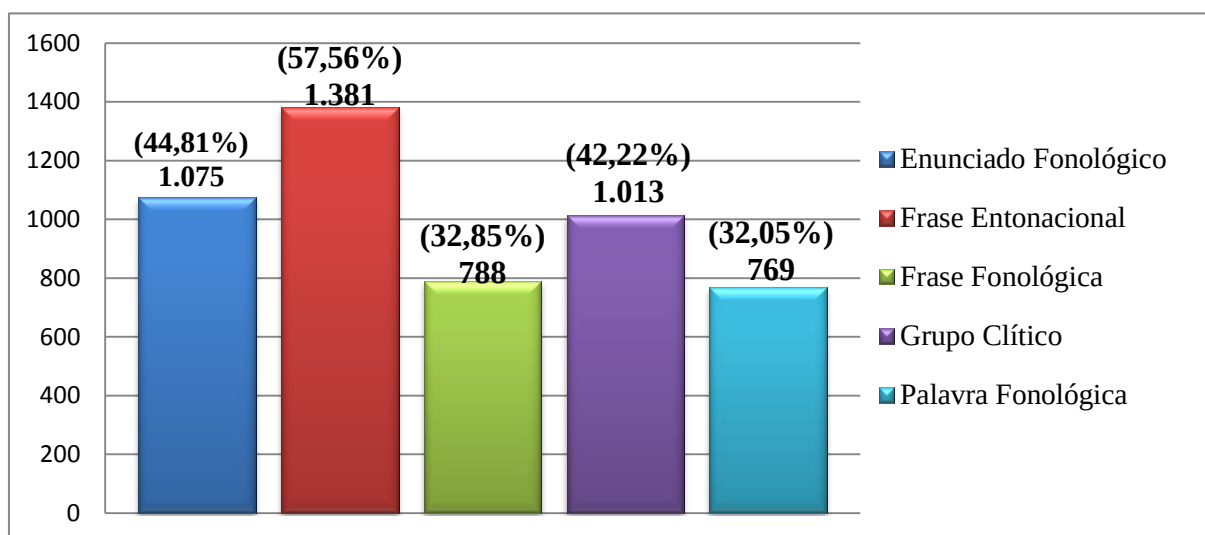
* * *

Encerrada nossa descrição dos resultados relativos ao primeiro objetivo da pesquisa, partiremos para a descrição dos resultados encontrados para o segundo objetivo que a orienta, qual seja, *observar, nos diferentes constituintes prosódicos, se as hesitações ocorrem, preferencialmente, nas posições fracas ou fortes que os compõem.*

Primeiramente, ressaltamos que o total de ocorrências hesitativas identificadas em posição forte e em posição fraca não coincide com as 2.399 ocorrências hesitativas identificadas pelos juízes em nosso material. Isso porque, conforme exposto no Capítulo 4 – sobre o material e os métodos –, uma mesma ocorrência hesitativa pode ter sido classificada em um único constituinte prosódico, ou em mais de um constituinte. Além dessa possibilidade, deve-se também lembrar que uma mesma ocorrência hesitativa pode mudar seu estatuto de posição forte e de posição fraca a depender do nível do constituinte a ela associado, conforme alertamos no mesmo Capítulo 4.

O Gráfico 1 mostra a distribuição de hesitações – independentemente de sua distribuição em posições fortes e fracas – em cada um dos cinco constituintes prosódicos analisados²⁸:

Gráfico 1. Distribuição das ocorrências hesitativas em cada um dos cinco constituintes prosódicos analisados.

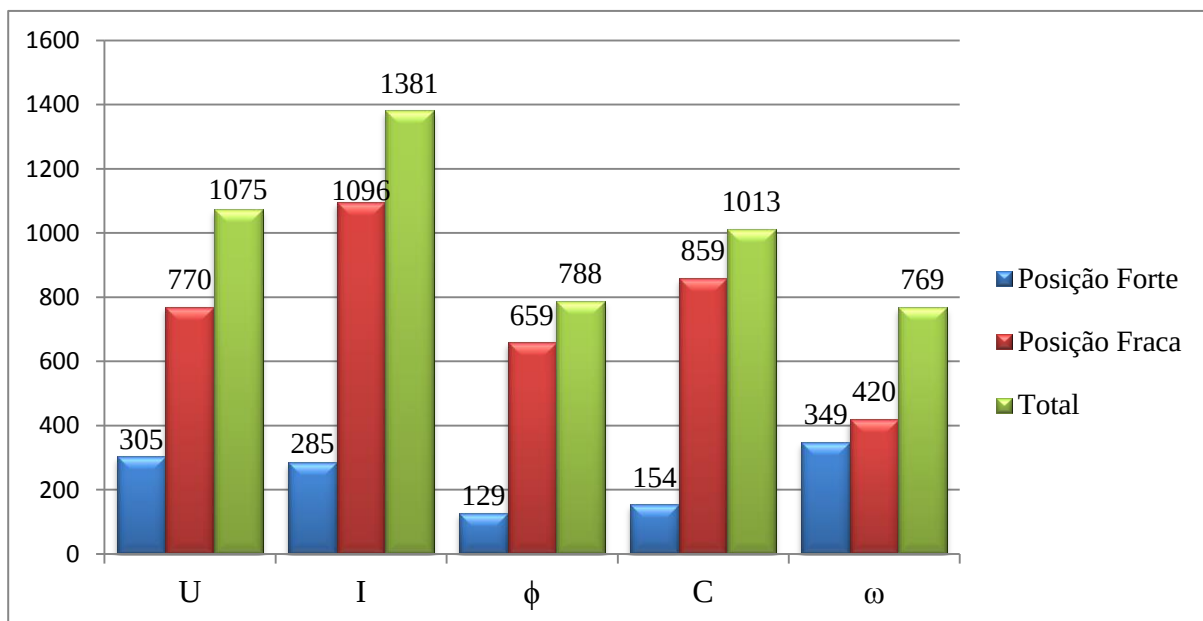


Para a realização da distribuição das ocorrências hesitativas em cada um dos constituintes prosódicos, consideramos como 100% o total de ocorrências hesitativas identificadas em nosso material, ou seja, 2.399 ocorrências. Dessa forma, vemos que, proporcionalmente, em frase entonacional as ocorrências hesitativas estiveram mais envolvidas, seguidas do enunciado fonológico, do grupo clítico, da frase fonológica e da palavra fonológica.

²⁸ Relembremos que a análise dos objetivos 1 e 2 apresenta metodologias diferentes já que se baseia em diferentes princípios que organizam a teoria dos constituintes prosódicos (NESPOR; VOGEL, 1986). Dessa forma, pode-se observar que, diferentemente do primeiro objetivo, no segundo objetivo classificamos ocorrências hesitativas identificadas em Enunciado Fonológico. Essa classificação foi possível devido ao *princípio 4*, sobre as proeminências relativas, já que foram identificadas hesitações em enunciados fonológicos compostos de duas ou mais frases entonacionais.

Estabelecida a distribuição das ocorrências hesitativas em cada um dos constituintes prosódicos, veremos no Gráfico 2, a seguir, a distribuição dessas hesitações em posições fortes e fracas no interior de cada um dos cinco constituintes prosódicos analisados:

Gráfico 2. Distribuição de ocorrências hesitativas identificadas em posições fortes e fracas no interior dos domínios *enunciado fonológico*, *frase entonacional*, *frase fonológica*, *grupo clítico* e *palavra fonológica*.



Legenda: U = *enunciado fonológico*; I = *frase entonacional*; φ = *frase fonológica*; C = *grupo clítico*; ω = *palavra fonológica*.

No Gráfico 2, as hesitações são distribuídas em posição forte e em posição fraca em relação a cada um dos cinco constituintes prosódicos. Verifica-se maior porcentagem de ocorrência para a posição **fraca** em todos os constituintes. Deve-se observar que a diferença na proporção da distribuição das hesitações identificadas em posições forte e fraca varia em função do constituinte em que elas figuram. Ela é maior no constituinte *grupo clítico* e menor no constituinte *palavra fonológica*, ficando em graus intermediários nos demais constituintes. Em termos estatísticos, a Tabela 4 mostra essa mesma distribuição, revelando, porém, que apenas a diferença presente no constituinte *palavra fonológica* não foi significativa:

Tabela 4. Análise estatística da distribuição entre posição forte e posição fraca no interior dos diferentes domínios prosódicos.

	Posição forte	Posição fraca	Teste t de Student
Enunciado fonológico (n = 1.075)	28,37% (305)	71,63% (770)	t = - 4,072 p = 0,0005* df = 22
Frase entonacional (n = 1.381)	20,64% (285)	79,36% (1096)	t = - 5,408 p = 0,00002* df = 22
Frase fonológica (n = 788)	16,37% (129)	83,63% (659)	t = - 5,444 p = 0,00001* df = 22
Grupo clítico (n = 1.013)	15,20% (167)	84,80% (859)	t = - 7,0441 p = 0,0001* df = 22
Palavra fonológica (n = 769)	45,38% (349)	67,62% (420)	t = - 2,0407 p = 0,0534 df = 22

Legenda: n: número total de ocorrências hesitativas em cada nível da hierarquia. Teste t para amostras dependentes ($p \leq 0,05$)

A seguir, daremos exemplos de ocorrências hesitativas identificadas em posições **fortes** e **fracas** nos cinco constituintes analisados. Iniciaremos com exemplo de posição **forte** de enunciado fonológico:

Exemplo 47: (situação de entrevista 10)

D01 quais danças que vocês vão fazer? conta 'pra mim

S11 do lenço + da bandeira + da + da + da varinha + **e:: ++ do + do** arco

[[do lenço]_I + [da bandeira]_I + [da + da + da varinha]_I + [**e:: ++ do + do** arco]_I]_U

Exemplo 48: (situação de entrevista 05)

D01 me conta pra que que a gente coloca moringa no bolo?

S13 pra ficar gostoso **pra + e+ pra nós fi/+ pra nós ficar** forte

[[pra ficar gostoso]_I [**pra + e+ pra nós fi/+ pra nós ficar** forte]_I]_U

No Exemplo 47, o enunciado fonológico é composto por quatro frases entonacionais: *do lenço*, *da bandeira*, *da varinha* e *e do arco*. De acordo com os princípios que regem a fonologia prosódica e com as regras desse nível da hierarquia, há "[...] uma entonação de final

de sentença que ocorre na frase entonacional final para indicar que a sentença se completou."²⁹ (BING, apud NESPOR;VOGEL, 1986, p. 223). Dessa forma, embora nesse enunciado fonológico tenham sido identificadas duas ocorrências hesitativas (*da + da + da*) e (*e::++do + do*), apenas a segunda ocorrência – indiciada pelas marcas alongamento hesitativo, pausa silenciosa e repetição hesitativa – foi identificada em posição forte, visto que essa foi a frase entonacional mais à direita no interior desse enunciado fonológico.

Já em 48, o enunciado fonológico é composto por duas frases entonacionais. Da mesma forma que em 47, em 48, a ocorrência hesitativa – indiciada pelas marcas repetição hesitativa, pausa silenciosa e corte brusco (*pra + e+ pra nós fi/+ pra nós ficar*) – foi identificada em posição forte, já que também essa foi a frase entonacional mais à direita do enunciado fonológico.

Seguem-se exemplos de ocorrências hesitativas identificadas em posição **fraca** de enunciado fonológico:

Exemplo 49: (situação de entrevista 01)

D02 como é que era o tambor?

S15 + é:: só colocar na cintu::ra + e tocar com dois pauzinhos

[[+ é:: só colocar na cintu::ra]_I + [e tocar com dois pauzinhos]_I]_U

Exemplo 50: (situação de entrevista 04)

D02 o que tinha de diferente?

S12 ++ lá dentro ± da casa + e também tinha de diferente a:: a ca:::ma ++ e a mesa

[[++ lá dentro ± da casa]_I + [e também tinha de diferente a:: a ca:::ma]_I ++ [e a mesa]_I]_U

Mais uma vez, seguindo as regras de formação de enunciados fonológicos, a frase entonacional mais à direita é a considerada proeminente nesse nível. Dessa forma, em 49 e em 50, as ocorrências hesitativas foram identificadas em posições fracas. Em 49, o enunciado fonológico compõe-se de duas frases entonacionais: *é só colocar na cintura* e *e tocar com dois pauzinhos*. A ocorrência hesitativa – indiciada pelas marcas pausa silenciosa e alongamento hesitativo (+ *é::*) – foi identificada na primeira I, que imediatamente antecede a I que apresenta o acento prosódico, ou seja, a I mais à direita do enunciado fonológico. Já em 50, observa-se um enunciado fonológico composto por três frases entonacionais (*lá dentro da*

²⁹ "[...] a 'sentence-final intonation which occurs on the final intonation phrase to indicate that the utterance is finished'." (BING, apud NESPOR;VOGEL, 1986, p. 223)

casa, e também tinha de diferente a cama, e e a mesa), sendo que três ocorrências hesitativas foram identificadas em duas dessas frases entonacionais. Com efeito, na primeira frase entonacional, foram identificadas duas ocorrências hesitativas, ambas indiciadas pela marca pausa silenciosa, no início (++) e no interior do constituinte (+); na segunda frase entonacional, a ocorrência hesitativa é indiciada pelas marcas combinadas alongamento hesitativo e repetição hesitativa (*a:: a*). Vê-se, pois, que todas as ocorrências hesitativas foram identificadas anteriormente à proeminência relativa nesse nível da hierarquia, que corresponde à frase entonacional mais à direita do enunciado fonológico: *e a mesa*.

A seguir, mostraremos exemplos de ocorrências hesitativas identificadas em posição **forte** de frases entonacionais:

Exemplo 51: (situação de entrevista 01)

D01 é sobre o que essa coisa super importante que você quer falar?

S13 eu quero falar do:: ++ xilofone

$[[[eu\ quero\ falar]_{\phi} \text{ reestruturada } [do:: ++\ xilofone]_{\phi}]_I]_U$

Exemplo 52: (situação de entrevista 06)

D01 o Portinari e:: o que que ele pintou você lembra os quadros dele?

S18 lembro + ele pinta vari/ + vários animais + onça + ahm gato + passarinho

$[[[ele\ pinta]_{\phi} \ [vari/ + \ vários\ animais]_{\phi \text{reest.}}]_I + [[onça]_{\phi}]_I + [[ahm\ gato]_{\phi}]_I + [[passarinho]_{\phi}]_I]_U$

Em 51, a ocorrência hesitativa foi identificada na posição forte do domínio frase entonacional. Nesse exemplo, a frase entonacional (*eu quero falar do xilofone*) é composta por duas frases fonológicas (*eu quero falar*) e (*do xilofone*). Como não se trata de uma frase entonacional em que se detectam processos enfáticos em uma de suas frases fonológicas, a ocorrência hesitativa – indiciada pelas marcas alongamento hesitativo e a pausa silenciosa (*do:: ++*) –, foi identificada no interior da segunda frase fonológica, aquela que se apresentou com maior destaque prosódico e, portanto, considerada com valor forte nessa frase entonacional. Esse maior destaque na segunda frase fonológica é reforçado pelo fato de ela corresponder à porção que finaliza um enunciado. Já em 52, o enunciado fonológico é composto por quatro frases entonacionais *ele pinta vários animais, onça, gato e passarinho*. A ocorrência hesitativa exemplificada – indiciada pelas marcas gaguejamento e pausa silenciosa (*vari/+vários*) – incide sobre a primeira delas. Nessa frase entonacional, há duas

frases fonológicas *ele pinta* e *vários animais*, sendo que a última apresenta o acento frasal, forte nesse nível, pois coincide com a porção mais à direita da estrutura oracional dessa frase entonacional.

A seguir, mostraremos exemplos de ocorrências hesitativas identificadas em posição **fraca** de frase entonacional.

Exemplo 53: (situação de entrevista 06)

D01 mas o que que tinha no quadro?

S02 + éh:: + hum:: + também não sei

$[[[+ \text{éh::} + \text{hum::} + \text{também}]_{\phi} [\text{não sei}]_{\phi}]_I]_U$

Exemplo 54: (situação de entrevista 08)

D02 e chegando lá na casa o que que eles fizeram?

S20 hum:: + o rato da cidade ofereceu + uma:: + mesa com MUIta comida

$[[[+ \text{hum::} + \text{o rato}]_{\phi} [\text{da cidade}]_{\phi} [\text{ofereceu}]_{\phi} [+ \text{uma::} + \text{mesa}]_{\phi} [\text{com MUIta comida}]_{\phi}]_I]_U$

Em 53, há uma única frase entonacional, composta por duas frases fonológicas: *também* e *não sei*. A ocorrência hesitativa identificada com as marcas pausas silenciosas, pausas preenchidas e alongamentos hesitativos (+ *éh::* + *hum::*) incidiu sobre a primeira frase fonológica. Tal frase fonológica foi identificada como fraca no domínio da frase entonacional, uma vez que, de acordo com o princípio de proeminência relativa desse constituinte, o elemento identificado como de maior ênfase foi a frase fonológica mais à direita (*não sei*).

Da mesma forma, em 54, também há uma única frase entonacional; no entanto, diferentemente de 53, ela é composta por cinco frases fonológicas (*o rato*), (*da cidade*), (*ofereceu*), (*uma mesa*) e (*com MUIta comida*). Nesse exemplo, foram identificadas duas ocorrências hesitativas (*hum::* +) e (+ *uma::* +), ambas em frases fonológicas anteriores à frase fonológica proeminente (*com MUIta comida*) do domínio frase entonacional; portanto, incidiram sobre porções identificadas como fracas desse constituinte. Destaquemos que a proeminência prosódica desta última frase fonológica é reforçada pelo próprio fato de haver um elemento transcrito, segundo normas de Pretti e Urbano (1998), com letras maiúsculas (o que demonstra ênfase na fala).

Após verificarmos ocorrências de hesitação no constituinte frase entonacional, partiremos para a descrição delas no constituinte imediatamente inferior: a frase fonológica.

Assim, seguem-se exemplos de ocorrências hesitativas identificadas em posição **forte** desse constituinte:

Exemplo 55: (situação de entrevista 08)

D01 muito bem + e o rato da cidade gostou + do campo?

S02 gostou + aí o rato da cidade + perguntou se o rato do campo queria + conhe/ + éh:: conhecer a cidade

[[[[[gostou]_C]_φ]_I]_U + [[[[[aí]_C]_φ]_I [[[[[o rato]_C]_φ [[da cidade]_C]_φ [[+ perguntou]_C]_φ [[se o rato]_C]_φ [[do campo]_C]_φ [[queria]_C [+ conhe/ + éh:: conhecer]_C]_φ [[a cidade]_C]_φ]_I]_U

Exemplo 56: (situação de entrevista 02)

D01 uh:: a lebre acordou + por que a lebre estava onde?

S02 estava na árvore enco/encostada e dormindo

[[[[[estava]_I]_φ [[na árvore]_C [enco/encostada]_C]_φ _{reest.} [e dormindo]_φ]_I]_U

Em 55, a frase entonacional em que a ocorrência hesitativa incide é composta por oito frases fonológicas: *o rato, da cidade, perguntou, se o rato, do campo, queria conhecer e a cidade*. Vemos que apenas uma dentre as frases fonológicas é composta por dois constituintes imediatamente mais abaixo: os grupos clíticos *queria* e *conhecer*. É justamente nessa ϕ composta de dois grupos clíticos que incide a hesitação – mostrada pelas marcas pausa silenciosa, corte brusco, pausa preenchida (+ *conhe/ + éh::* *conhecer*). Classificamos essa ocorrência hesitativa em posição forte, pois, de acordo com as regras de proeminência relativa desse nível da hierarquia prosódica: “Em línguas cujas árvores sintáticas são ramificadas à direita [como no PB], o nó mais a direita de ϕ é rotulado s [forte] [...]. Todos os nós irmãos de s são rotulados como w [fraco]”³⁰ (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 168). É o que ocorre em 55, já que *conhecer* é o grupo clítico mais à direita da frase fonológica *queria conhecer*.

Da mesma forma que em 55, em 56, a ocorrência hesitativa identificada com a marca gaguejamento (*enco/encostada*) incidiu sobre uma frase fonológica composta, também, por dois grupos clíticos *na árvore* e *encostada*, sendo *encostada*, o mais à direita, o elemento com valor forte. Em 56, o que permitiu a aplicação da regra de proeminência relativa proposta por Nespor e Vogel (1986) foi a possibilidade de reestruturação de frases fonológicas. Com efeito, a frase fonológica *encostada* – cabeça lexical nesse nível da hierarquia – não apresenta ramificação, o que possibilitou sua reestruturação junto à frase fonológica anterior *na árvore*,

³⁰ “In languages whose syntactic trees are right branching, the rightmost node of ϕ is labeled s [...]. All sister nodes of s are labeled w .

passando a uma única frase fonológica, composta por dois grupos clíticos. Nessa reestruturação, o grupo clítico mais à direita (*encostada*), pelo algoritmo que define a estrutura da frase fonológica, necessariamente será considerado o forte.

A seguir, exemplificaremos ocorrências hesitativas identificadas em posição **fraca** de frase fonológica:

Exemplo 57: (situação de entrevista 05)

D02 do que que a gente fez bolo na semana passada?

S18 ++ éh + põe chocolate primeiro

$[[[++ \text{éh} + \text{põe}]_C]_\phi]_I [[\text{chocolate}]_C]_\phi [[\text{primeiro}]_C]_\phi]_I]_U$

$[[[++ \text{éh} + \text{põe}]_C]_\phi]_{\text{reest.}} [[\text{chocolate}]_C]_\phi [[\text{primeiro}]_C]_\phi]_I]_U$

Exemplo 58: (situação de entrevista 09)

D01 e do que vocês brincaram com elas?

S13 de boliche + de:: + de:: ++ de:: ++ batatinha quente

$[[[de \text{ boliche}]_C]_\phi]_I + [[[de:: + de:: ++ de:: ++ \text{ batatinha}]_C]_\phi]_I [[\text{quente}]_C]_\phi]_I$

$[[[de \text{ boliche}]_C]_\phi]_I + [[[de:: + de:: ++ de:: ++ \text{ batatinha}]_C]_\phi]_{\text{reest.}} [[\text{quente}]_C]_\phi]_I$

Em 57, respeitando os princípios que regem a Fonologia Prosódica, o enunciado fonológico é composto por uma frase entonacional, composta, por sua vez, por três frases fonológicas *põe*, *chocolate* e *primeiro*. As duas primeiras frases fonológicas (já que são adjacentes e a segunda não apresenta estrutura ramificada) podem passar pelo processo de reestruturação, tornando-se uma única frase fonológica reestruturada *põe chocolate*, composta por dois grupos clíticos. Como a ocorrência hesitativa, identificada pelas marcas hesitativas pausas silenciosas e pausa preenchida (*++ éh +*), incidiu justamente sobre a frase fonológica que passou por tal reestruturação, conseqüentemente, nesse processo, a ocorrência hesitativa ficou no grupo clítico à esquerda, aquele com o valor fraco (*++ éh + põe*), uma vez que, conforme dissemos há pouco, nesse nível da hierarquia, a porção proeminente está sempre no grupo clítico mais à direita – no caso, o grupo clítico (*chocolate*). Processo semelhante se dá em 58, situação na qual a ocorrência hesitativa indiciada pelas marcas repetição hesitativa, alongamento hesitativo e pausa silenciosa (*de:: + de:: ++ de:: ++*) incide, também, sobre o grupo clítico com valor fraco, uma vez que, na reestruturação (*de batatinha quente*), composta de dois grupos clíticos, (*quente*) é o de valor forte por se situar mais à direita na estrutura reestruturada.

Na organização hierárquica do componente prosódico, como vimos, o nível imediatamente abaixo da frase fonológica é o grupo clítico. A seguir, exemplificaremos ocorrências hesitativas identificadas em posição **forte** desse constituinte:

Exemplo 59: (situação de entrevista 08)

D01 muito bem + e daí chegando lá na cidade o que ele viu?

S24 ele viu + um homem/ + um homem

$[[[[[ele]_C [viu]_C]_\phi [+ \text{um homem/} + \text{um homem}]_C]_\phi]_I]_U$

Exemplo 60: (situação de entrevista 07)

D02 e usa só as mãos? + o pé não usa pra tocar a bateria?

S03 ele ele senta numa cadeira + e d/ e daí toca a bateria + mas não é com a mão

$[[[[[ele\ ele]_C [senta]_C]_\phi [[numa]_C [cadeira]_C]_\phi]_I + [[[\text{e d/ e daí}]_C]_\phi]_I [toca\ a\ bateria]_C]_\phi]_I + [[mas]_C]_\phi [[não\ é]_C]_\phi [[com\ a\ mão]_C]_\phi]_I]_U$

Respeitando a regra de formação do constituinte prosódico grupo clítico, que prevê, em seu interior, uma palavra de conteúdo e todos os elementos clíticos do seu lado não recursivo, consideramos como posição forte quando a ocorrência hesitativa foi identificada não só no clítico, mas também, na palavra de conteúdo que compõe esse constituinte. Nas palavras de Nespor e Vogel (1986):

Quanto à proeminência relativa do grupo clítico, há duas opções. A primeira opção é, até onde sabemos, a escolhida pela maioria das línguas do mundo, ou seja, o nó forte é a palavra fonológica que contém o elemento não clítico. Se uma filha de C é forte ou fraca, portanto, depende de sua natureza intrínseca, e não de sua posição dentro de C. (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 155).³¹

Vemos, em 59, que a ocorrência hesitativa indiciada pelas marcas pausa silenciosa e repetição hesitativa (+ *um homem/ + um homem*) incidiu não só sobre o elemento clítico (*um*), mas também, sobre a palavra de conteúdo (*homem*) que compõem o grupo clítico *um homem*; portanto, na posição forte desse grupo clítico. Da mesma forma que em 59, em 60, a ocorrência hesitativa indiciada pela marca repetição hesitativa e corte brusco (*e d/ e daí*)

³¹ “As far as the relative prominence of the clitic group is concerned, there are two options. The first option is, as far as we know, the one chosen by most languages of the world, that is, that the strong node is the phonological word that contains the nonclitic element. Whether a daughter of C is strong or weak thus depends on its intrinsic nature rather than on its position within C.” (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 155)

incidiu tanto sobre o elemento clítico (*e*), quanto sobre parte da palavra de conteúdo (*daí*) que compõem o grupo clítico *e daí*.

A seguir, exemplificaremos ocorrências hesitativas identificadas em posição **fraca** de grupo clítico:

Exemplo 61: (situação de entrevista 02)

D02 e aí o que elas foram fazer lá

S02 elas correram na + na descida

[[[[[elas]_C [correram]_C]_φ [[na + na descida]_C]_φ]_I]_U

Exemplo 62: (situação de entrevista 06)

D01 isso MESmo + e:: + que mais que tinha de quadro?

S14 tinha do:: + pula carniça

[[[[[tinha]_C]_φ [[do:: + pula]_C [carniça]_C]_φ]_I]_U

Em 61, a ocorrência hesitativa – iniciada pelas marcas repetição hesitativa e pausa silenciosa (*na + na*) – incidiu sobre o grupo clítico *na descida*. Classificamos essa ocorrência hesitativa em posição fraca de grupo clítico pois, de acordo com a regra de proeminência relativa desse constituinte prosódico, o elemento considerado fraco é o clítico que compõe esse constituinte. Como vemos em 61, a ocorrência hesitativa envolve precisamente o elemento clítico *na*. Já em 62, a frase fonológica reestruturada *do pula carniça* é composta por dois grupos clíticos (*do pula* e *carniça*), sendo que a ocorrência hesitativa – iniciada pelas marcas alongamento hesitativo e pausa silenciosa (*do:: +*) – envolve o elemento clítico *do* que compõe o grupo clítico *do pula*.

Por fim, exemplificaremos o último constituinte analisado, ou seja, a palavra fonológica. Iniciaremos com as ocorrências hesitativas identificadas em posição **forte** desse constituinte:

Exemplo 63: (situação de entrevista 10)

D01 isso mesmo – olha pra mim + isso – e me conta quem que vai estar nessa formatura?

S16 éh:: + todo mundo

[[[[[[éh:: + ‘todo’]_Σ]_ω]_C [mundo]_C]_φ]_I]_U

Exemplo 64: (situação de entrevista 03)

D02 e aí vocês colheram a moringa e levou lá:: + na cozinha pra fazer uma?

S06 + ((inspiração)) hum:: + água

[[[[[+ ((inspiração)) hum:: + 'água]_Σ]_ω]_C]_φ]_I]_U

Vemos, em 63 e em 64, que as ocorrências hesitativas – indicadas por pausa preenchida, alongamento hesitativo e pausa silenciosa (*éh::* +), em 63, e alongamento hesitativo e pausa silenciosa (*hum::* +), em 64 – antecederam as palavras *todo* e *água*, respectivamente. Essas duas palavras são compostas por um único pé, sendo o acento (a proeminência) presente na primeira sílaba (*to*) da palavra *todo* e (*á*) da palavra *água*.

A seguir, exemplificaremos ocorrências hesitativas identificadas em posição **fraca** de palavra fonológica:

Exemplo 65: (situação de entrevista 01)

D02 que que teve nessa festa?

S07 +++ comida

[[[[[+++ co]_Σ [^ˈmi]_Σ [da]_Σ]_ω]_C]_φ]_I]_U

Exemplo 66: (situação de entrevista 02)

D01 ah:: entendi

S13 e a lebre + morreu de assustar + que a tartaruga ven/venceu

[[[[[e a lebre]_I + [morreu de assustar]_I + [que a tartaruga]_φ [ven/ven]_Σ [^ˈceu]_Σ]_ω]_C]_φ]_I]_U

Em 65 e em 66, vemos ocorrências hesitativas em posição fraca de palavra fonológica. Em 65, a ocorrência hesitativa – indiciada por pausa silenciosa – antecede a palavra fonológica *comida*. Essa ocorrência foi considerada em posição fraca, pois essa palavra é composta de um único pé, com cabeça medial (*mi*). Dessa forma, como a pausa silenciosa incide anteriormente a essa sílaba acentuada, a consideramos em posição fraca deste constituinte. Já em 66, a ocorrência hesitativa – indiciada por gaguejamento (*ven/venceu*) – incide sobre a sílaba fraca (*ven*) da palavra fonológica *venceu*, composta por um único pé com cabeça à direita.

Expostos os resultados a que chegamos, bem como a exemplificação de ocorrências hesitativas em relação a cada um dos constituintes prosódicos analisados, passaremos, a seguir, a apontamentos e hipóteses explicativas para eles.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A fim de desenvolver o que propusemos neste estudo, ou seja, verificar as possíveis relações entre hesitações e prosódia (de um ponto de vista fonológico) na fala infantil, levantamos, nas 147 situações de entrevistas que compõem nossos dados, um total de 2.399 ocorrências hesitativas identificadas pelo conjunto de juízes.

Chamamos atenção, uma vez mais, para o elevado número de dados que analisamos. Como apontamos em nossa revisão de literatura, os estudos que se preocuparam com as hesitações – com diferentes referenciais teóricos – na fala de crianças foram escassos. Dentre eles, descrevemos, em capítulo anterior, estudos desenvolvidos com dados nacionais e internacionais. Nos dados nacionais, verificamos nos estudos desenvolvidos por Scarpa ou com sua participação, por exemplo, que: (i) Scarpa (1995), não quantificou o número de crianças que participaram da pesquisa, apenas informou que analisou a fala de crianças entre 22 meses a três anos de idade; (ii) da mesma forma, Ramos e Scarpa (2007) também não deixaram explícita a quantidade de dados analisados, apenas declararam que analisaram a fala de crianças entre dois e quatro anos; (iii) Scarpa e Fernandes-Svartman (2012) analisaram a fala de três crianças com média de idade de um ano e meio; por fim, (iv) Scarpa (2015) analisou a fala de uma única criança em dois momentos: primeiro quando ela tinha um ano e 11 meses e, posteriormente, quando ela completou dois anos e 11 meses. Ainda nos estudos nacionais, verificamos nos trabalhos desenvolvidos pelo GPEL que: Melo (2013) analisou 40 amostras de fala de crianças entre cinco e seis anos de idade, em seguida, Melo (2016), aumentou para 46 a sua amostra; Villega (2011) analisou amostras de fala de 26 crianças entre cinco e seis anos de idade e, por último, Villega (2014) analisou 40 amostras de fala de crianças entre cinco e seis anos.

Nos estudos internacionais, verificamos, por exemplo, que: (i) Levin e Silverman (1965) analisaram a fala de 48 crianças que frequentavam o quinto ano de uma escola primária em Nova Iorque, em duas situações diferentes (uma, com a presença de um adulto; outra, com a presença de um microfone), totalizando 96 dados analisados; (ii) Hawkins (1971) também analisou a fala de 48 crianças entre seis e oito anos; (iii) Rasgdale e Sisterhen (1984) analisaram a fala de 40 crianças entre cinco e seis anos, divididas em dois grupos (com desenvolvimento tido como normal e com deficiência de fala); (iv) Edrington e Buder; Jarmulowics (2007) analisaram a fala de 20 crianças com média de 8 anos de idade; por fim, Altıparmak e Kuruglu (2018) compararam disfluências em diferentes idades, sendo 14 as crianças entre 4 a 8 anos.

Nos estudos citados, além da grande variabilidade entre a quantidade de amostras de fala analisadas, embora desenvolvidos com crianças, há variabilidade também quanto à faixa etária estudada. De qualquer forma, devido à quantidade de dados que analisamos, nossos resultados fornecem dados representativos para a análise da ocorrência de hesitações e de sua localização em relação à fonologia prosódica na faixa etária dos cinco aos seis anos de idade.

Outro fato que nos chamou atenção (e que reforça a afirmação de que nossos resultados fornecem dados representativos para a análise das hesitações) é quanto aos dados presentes na Tabela 2 (ver pag. 57), sobre a distribuição dos enunciados com e sem ocorrências hesitativas. Nessa distribuição, os percentuais de enunciados sem e com ocorrências hesitativas em algum ponto da cadeia linguística são muito próximos. Desse modo, essa distribuição muito próxima permite constatar que a hesitação é um “mecanismo” linguístico tão frequente como a não hesitação, revelando o que estudiosos já vêm assumindo: a fala é caracterizada por elementos que rompem o seu fluxo. Sendo assim, se as hesitações estão presentes em boa parte da fala, é de suma importância estudar seu funcionamento.

A partir do levantamento das ocorrências hesitativas, selecionamos os constituintes prosódicos (conforme propostos por Nespor e Vogel, 1986) que possivelmente abrigariam as ocorrências hesitativas: *enunciado fonológico*, *frase entonacional*, *frase fonológica*, *grupo clítico* e *palavra fonológica*. Relembremos que a escolha desses constituintes não foi aleatória, uma vez que se deu por dois motivos. O primeiro deles refere-se à caracterização desses constituintes, já que, de acordo com Nespor e Vogel (1986), os domínios entre enunciado fonológico e palavra fonológica são os que utilizam, em suas regras de mapeamento, não apenas informações fonológicas, mas, também informações de outros componentes da gramática – sintático-semânticas nos constituintes mais altos (U, I e ϕ) e morfológica e lexical nos constituintes mais baixos (C e ω). Não incluímos, assim, os constituintes mais baixos da hierarquia (pé e sílaba) justamente por eles se basearem, em essência, em informações fonológicas nas suas regras de mapeamento. O segundo motivo refere-se aos dados de literatura a que tivemos acesso, já que esses foram os constituintes mais investigados – principalmente frase entonacional e frase fonológica – em sua relação com as hesitações.

Após essa seleção, partimos à nossa investigação com base em dois objetivos específicos. Dessa forma, para melhor expormos nossa discussão, dividiremos este capítulo em duas seções, conforme os objetivos que nortearam a presente pesquisa.

6.1. Relações entre hesitações e constituintes prosódicos (interface entre fonologia e outros componentes da gramática)

Em nosso primeiro objetivo – *verificar, nas ocorrências de hesitação, seu vínculo com constituintes prosódicos nos quais a informação fonológica se mostra relacionada a aspectos sintático-semânticos e a aspectos morfológicos e lexicais do enunciado* –, buscamos verificar as relações entre ocorrências hesitativas e constituintes prosódicos, principalmente quanto à sua interface entre informações fonológicas e de outros componentes da gramática. Com efeito, de acordo com as características estruturais de cada um dos níveis da hierarquia prosódica, os constituintes mais altos (U, I e ϕ) apresentam relação – não isomórfica – com componentes sintático-semânticos, já os constituintes mais baixos (C e ω) apresentam relação – não isomórfica – com componentes morfológicos e lexicais.

Anteriormente à análise das hesitações em relação aos dois grupos de constituintes prosódicos, verificamos que as ocorrências hesitativas detectadas pelos juízes distribuíram-se por toda a materialidade linguística. Fato que corrobora a literatura, que aponta que as hesitações se distribuem ao longo da produção falada em relação ao seu começo, meio e fim (MERLO; BARBOSA, 2012). No entanto, essa distribuição não seria aleatória, como já apontava Goldman-Eisler (1961) – uma das pioneiras no estudo das hesitações. Essa não aleatoriedade das hesitações é associada, na literatura, a três aspectos: sintáticos, prosódicos e quanto sua periodicidade na fala.

No primeiro aspecto (sintático), Hawkins (1971) relacionou pausas com estruturas sintáticas acima do morfema, em narrativas de crianças. De acordo com seus resultados, as hesitações apareceriam, preferencialmente, nos limites de sintagmas sintáticos e não no interior de tais sintagmas. Os dois locais com maior prevalência de pausas encontrados pelo autor foram: anteriormente a uma conjunção que liga dois sintagmas ou anteriormente a um predicado. Para o autor essas pausas se relacionariam à situação de fala e à variedade de opções com as quais o falante se confrontaria no início de um sintagma.

Ainda de um ponto de vista sintático, Marcuschi (2006/2015) revela que as hesitações não se distribuem aleatoriamente na linearidade material, já que seriam elementos que indicariam a organização sintagmática da língua, apresentando certa regularidade em sua distribuição em relação ao contexto sintático. Para o autor, as hesitações apareceriam, preferencialmente, “[...] na *cabeça das construções sintagmáticas*, em geral à esquerda do núcleo de qualquer constituinte em construção.” (MARCUSCHI, 2015, p. 64, destaque do autor). Especificamente, o autor aponta que as hesitações ocupam posições bastante regulares

no interior da estrutura linguística, sendo as mais típicas entre: sujeito e verbo; verbo e complemento; complemento e adjuntos; determinantes e seus membros constituintes; e uma oração e outra. Embora não tenhamos observado aspectos sintáticos, esses dois trabalhos mostram que as hesitações também não ocorrem de forma aleatória nesse subsistema da gramática.

No segundo aspecto (prosódico), autores como Scarpa (1995), Scarpa e Iliovitz (2002), Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012) e Scarpa (2015) chegam a conclusão semelhante: a de que as hesitações não são prosodicamente aleatórias e tendem a ocorrer em trechos periféricos e fronteiros anteriores ao núcleo (SCARPA, 1995; SCARPA; ILIOVITZ, 2002; SCARPA, 2015); especificamente, em início de frase fonológica e de frase entonacional (SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN, 2012). Em outro trabalho, Moniz (2006) aponta que as hesitações – especificamente as pausas preenchidas, seu objeto de estudo – incidem de diferentes modos na fala, já que pausas preenchidas *aa/uh* ocorreriam preferencialmente após um constituinte prosódico menor e *am/um*, após um constituinte prosódico maior.

Ainda de um ponto de vista prosódico, Melo e Chacon (2016) analisaram a distribuição das pausas hesitativas em relação ao início e ao interior de enunciado fonológico. Diferentemente dos trabalhos anteriores, os autores verificaram não haver diferença entre essas duas posições, o que, para os autores, aponta para a complexidade do papel da pausa, tanto na delimitação de fronteiras prosódicas quanto em sua formulação interna.

Por fim, no terceiro aspecto, hesitações apresentam não aleatoriedade de incidência quanto à sua periodicidade de ocorrência. Assim, Merlo (2006) investigou a organização temporal das hesitações, ou seja, procurou descrever o comportamento das hesitações ao longo do tempo em textos falados, observando que os períodos de não hesitação são mais longos dos que os de hesitação. Tais períodos de hesitações apresentam periodicidade de aparecimento na fala, mostrando, segundo a autora, que a hesitação é um fenômeno bem organizado temporalmente. Em outros trabalhos, Merlo e Barbosa (2010; 2012) concluem que as hesitações ocorrem quando o falante não encontra imediatamente uma opção adequada para produção da fala e é obrigado a temporariamente adiar a saída para resolver suas dificuldades. Os autores observam, também, que as hesitações se distribuem por todo o texto falado, ou seja, que elas não se aglomeraram no início, no meio ou no fim dos textos falados.

Resumidamente, a literatura aponta que as hesitações apareceriam relacionadas aos aspectos sintáticos, prosódicos e apareceriam de forma cíclica na fala. De acordo com essa

literatura, geralmente, tanto do ponto de vista sintático, quanto prosódico, as hesitações aparecem em limites (fronteiras) de constituintes, como apontam Hawkins (1971) e Marcuschi (2006/2015) – em nível sintático; e Scarpa (1995), Scarpa e Iliovitz (2002); Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012); Scarpa (2015) – em nível prosódico. No entanto, a análise de Melo e Chacon (2016) demonstrou que as pausas hesitativas na fala de crianças espalham-se tanto em início quanto no interior de enunciados fonológicos. Dessa forma, assim como os dados de literatura, em nossos dados observamos que as hesitações foram identificadas em todas as situações de entrevistas. A partir dessa identificação, buscamos investigar possíveis relações entre hesitações e constituintes prosódicos acima do pé métrico.

Confirmada essa não aleatoriedade das hesitações, passamos a analisar, efetivamente, a distribuição das hesitações em relação aos constituintes prosódicos. Dessa forma, tínhamos a hipótese de que elas estariam envolvidas com os dois grupos de constituintes (mais altos e mais baixos) que se relacionam de diferentes formas com informações de outros componentes da gramática. Com efeito, para Goldman-Eisler (1961), as hesitações não apareceriam, na materialidade linguística, de forma aleatória e essa não aleatoriedade estaria relacionada ao planejamento da fala que acontece, para a autora, em dois planos simultâneos: um relativo a um planejamento sintático-semântico – ou seja, da estrutura gramatical e dos conteúdos –; outro relativo a um planejamento morfológico-lexical – ou seja, nas escolhas das palavras. Nossa preocupação foi, então, buscar demonstrar que se realmente a fala se desenvolve em dois planos, como aponta Goldman-Eisler (1961), no primeiro plano, as hesitações teriam como domínio de ocorrência os constituintes prosódicos mais altos da hierarquia prosódica e, no segundo plano, os constituintes mais baixos da hierarquia.

Em nossos resultados, as marcas hesitativas ocorreram tanto nos constituintes mais altos, quanto nos mais baixos. No entanto, elas apresentaram preferência de posição em relação aos constituintes prosódicos inferiores, já que houve percentual maior de ocorrências hesitativas com incidência em constituintes mais baixos do que em constituintes mais altos da hierarquia prosódica. Essa diferença mostrou-se, ainda, estatisticamente significativa. Dessa forma, de um ponto de vista fonológico, embora as hesitações tenham ocorrido nas duas posições, mais fortemente se relacionaram aos constituintes mais baixos do que aos mais altos.

Buscamos, na literatura, possíveis justificativas para esse nosso resultado. Primeiramente, discutiremos sobre a possibilidade de as hesitações ocorrerem nos dois planos, ou, em nossa análise, nos dois grupos de constituintes – mais altos e mais baixos.

De um ponto de vista que podemos interpretar como de natureza cognitivista, Goldman-Eiler (1961) aponta que os graus de hesitações – em sua análise, especificamente as pausas – na formulação de sentença dependeriam do planejamento da estrutura gramatical ou da seleção lexical, envolvidos nos planos de estruturação da fala. Se a fala se estrutura nesses dois planos, poderíamos dizer que, em nossos dados, quando as hesitações apareceram em constituintes superiores, elas estariam envolvidas na “construção” da estrutura gramatical e, quando as hesitações apareceram em constituintes inferiores, elas estariam mais envolvidas na “escolha” lexical. De fato, e lembrando, os constituintes mais altos da hierarquia prosódica, conforme Nespor e Vogel (1986), apresentam interação com os componentes sintáticos e semânticos. Já os constituintes mais baixos da hierarquia prosódica, apresentam interação com os componentes morfológicos e lexicais.

Assim como Goldman-Eisler (1961), Hawkins (1971) propõe que as hesitações, de um ponto de vista sintático, revelariam os locais em que o planejamento da fala está ocorrendo, demonstrando, para o autor, que a posição da pausa é o local em que o falante toma decisões importantes: “As pausas forneceria, assim, fortes evidências do início de uma nova unidade, que poderiam ser combinadas com as evidências sintáticas e lexicais.” (HAWKINS, 1971, p. 287).

Já de um ponto de vista textual-interativo (mas que também dialoga com questões de cognição) que relaciona hesitações e sintaxe, “[...] as hesitações têm a função de ganhar mais tempo para o planejamento/verbalização do texto, sendo condicionadas por pressões situacionais das mais diversas ordens a que estão sujeitos os interlocutores.” (MARCUSCHI, 2006, p. 47). No entanto, não se deve buscar explicações para as hesitações só na estrutura sintática, mas também, “[...] no aspecto cognitivo e no processamento linguístico, que tem a ver com a seleção lexical.” (MARCUSCHI, 2015, p. 61). Para o autor, ainda, as hesitações apresentam papéis formais de indicar a orientação/reorientação de seleções sintagmáticas e de ser uma atividade de busca/confirmação de seleção lexical. Quanto ao primeiro papel, o autor aponta que é um indicio de planejamento linguístico, na medida em que se trata de um indicador da busca de um item lexical com a antecipação de um elemento que lhe convém formalmente – por exemplo, como a busca de um elemento plural quando o elemento seguinte será um nome no plural. Já quanto ao segundo papel, não se trata da afirmação de que uma hesitação diante de um nome revelaria dificuldade em encontrar aquele nome ou sua baixa predizibilidade. Trata-se, antes, para o autor, da busca de elementos adequados de natureza

sintática ou lexical – as razões para isso podem ser muitas, e não apenas o grau de dificuldade do item procurado.

Relacionando hesitações e prosódia, nossa interpretação, de algum modo, também reforça considerações de Moniz, Mata e Viana (2008), segundo as quais as hesitações marcadas por pausas preenchidas e alongamentos ocorreriam de diferentes formas, associadas aos domínios de frase entonacional e aos elementos clíticos ou palavras. Para as autoras, embora essas duas marcas hesitativas estejam envolvidas com o planejamento global da fala, mostram diferentes exigências de planejamento. Em sua análise, as pausas preenchidas foram detectadas em locais “[...] de maior envolvimento por parte do falante” (MONIZ; MATA; VIANA, 2008, p. 336), que coincidiram com a construção sintática do enunciado, no domínio de frases entonacionais. Já os alongamentos foram detectados em constituintes hierarquicamente inferiores (tanto prosódicos, quanto sintáticos), associados ao que as autoras interpretaram como planejamento local, procura lexical ou dificuldade de articulação de palavras a serem produzidas imediatamente após as hesitações. Essa diferença, para as autoras, mostrou, portanto, diferentes interações não só quanto à localização da hesitação em relação aos constituintes (sintáticos e prosódicos), mas também em relação ao tipo de marca hesitativa que sinalizava essa diferença de interação.

Embora tenhamos arcabouço teórico metodológico diferente dos estudos apresentados e não tenhamos analisado marcas hesitativas específicas, como em Moniz, Mata e Viana (2008), também observamos que as ocorrências hesitativas que incidiram sobre os constituintes mais altos da hierarquia demonstraram que o conflito – evidenciado pela hesitação – associou-se à elaboração do enunciado como um todo (como nos exemplos 26 e 27) ou à elaboração de parte do enunciado (como nos exemplos 28 e 29). Por outro lado, as ocorrências hesitativas que incidiram sobre os constituintes mais baixos da hierarquia, o conflito – evidenciado pela hesitação – localizou-se num elemento clítico ou numa palavra.

Desse modo, em outras palavras, no primeiro caso – nos constituintes mais altos –, a combinação de elementos (no interior de uma integração sintaxe/semântica/prosódia) na cadeia sintagmática do enunciado não ocorreu a contento. Já no segundo caso – nos constituintes mais baixos – não foi exatamente a combinação de elementos, mas a seleção de um deles, dentre os elementos possíveis de figurarem num ponto específico da cadeia, é que se mostrou conflituosa.

Para melhor exemplificar o que queremos dizer, vejamos o exemplo abaixo:

Exemplo 67: (situação de entrevista 05)

A – D01 *tem algum motivo pra colocar a moringa?*

S14 TEM

B – D01 *qual o motivo?*

S14 éh:: + p/ pra fazer ba/ + eu/ *a minha mãe tem receita lá na minha casa + mas só que é da amiga dela + a professora pediu emprestado*

Vemos na sequência de enunciados do Exemplo 67, produzidos por S14 em conversa com a documentadora (D01), que, em A, a ocorrência hesitativa – indiciada pela marca pausa silenciosa – antecedeu o enunciado fonológico composto por uma única frase entonacional, que, por sua vez, foi composta por uma única frase fonológica e uma única palavra fonológica (*tem*). Nesse exemplo, as possibilidades de resposta são escassas, visto que a pergunta feita pela documentadora é uma pergunta do tipo fechada. Esse tipo de pergunta, de acordo com Fávero; Andrade; Aquino (2006), restringe sintática e semanticamente a resposta, possibilitando respostas do tipo *sim* ou *não* ou formulações equivalentes a *sim* e *não* – no caso do exemplo 67 (A), a resposta se caracterizou pela retomada do verbo usado na pergunta (*tem*) com o sentido de afirmação. Em outras palavras, em 67 (A), na pergunta *tem algum motivo pra colocar a moringa?*, a possibilidade de resposta dada pela pergunta seria a negação (*não*) ou a afirmação (*sim*), ou o verbo equivalente, e portanto uma resposta curta ou de uma única palavra – o que justificaria a classificação dessa ocorrência hesitativa em nível de palavra fonológica e não em constituintes mais altos. Desse modo, ocorrências hesitativas semelhantes a 67 (A) marcariam não propriamente um conflito entre enunciados – ou a combinação de elementos no enunciado –, mas entre palavras de um mesmo tipo, em concorrência – ou seja, na seleção de palavras possíveis.

Na sequência da entrevista, em 67 (B), a ocorrência hesitativa – indiciada por marca complexa que inclui falso início, pausas silenciosas e preenchidas, bem como gaguejamento – incide em início do enunciado fonológico composto por três frases entonacionais (*a minha mãe tem receita lá na minha casa, mas só que é da amiga dela e a professora pediu emprestado*). Nesse exemplo, a parte em que ocorre a hesitação é abandonada para dar origem a um novo enunciado. Observe-se que a pergunta da documentadora foi do tipo aberta, ou seja, pergunta em que se busca uma resposta sobre algo. Esse tipo de pergunta favorece a emergência de respostas sintática e semanticamente mais elaboradas. Podemos dizer, então, que o processo hesitativo em 67 (B) é diferente de 67 (A), já que, em B, a ocorrência hesitativa marca um conflito entre enunciados possíveis de funcionarem como resposta, ou

seja, enunciados em concorrência. Assim, é toda a combinação de elementos que constituiriam um primeiro enunciado que, marcada por hesitação em seu início, é abandonada em função de outro enunciado que emerge sem marcas de conflitos em sua formulação. Trata-se, em (B), de um conflito na produção da cadeia sintagmática e não do conflito entre palavras possíveis de emergirem em determinado ponto de uma cadeia, como em A.

Desse modo, não se trata, propriamente, de um planejamento da fala, tal como postulado por Goldman-Eisler (1961) – complementado por Hawkins (1971), Marcuschi (2006/2015) e Moniz, Mata e Viana (2008) –, nesses dois modos de funcionamento das hesitações que acabamos de apontar. Tal funcionamento indicaria, antes, conflitos de seleção e de combinação de elementos linguísticos na emergência de uma cadeia sintagmática. Fazemos essa afirmação inspirados em Jakobson (1975), para quem a organização dessa cadeia envolve os processos de seleção de elementos linguísticos e de sua combinação em unidades linguísticas mais amplas. Ou, nas palavras do autor: “Falar [diríamos enunciar] implica a seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade.” (JAKOBSON, 1975 p.37).

Embora tenhamos feito essa análise do exemplo 67 (A) e (B), poderíamos também interpretar a ocorrência em (B) como um problema de seleção do conteúdo geral da resposta, visto que diferentes formulações, em termos de combinações sintagmáticas, podem resultar em um mesmo conteúdo (semântico). Em outras palavras, em (B), a reformulação do enunciado poderia, também, indicar que a seleção do conteúdo adequado para a pergunta mostrou-se problemática. Dessa forma, a pergunta aberta – *qual o motivo* – embora predisponha a uma resposta sintática e semanticamente mais elaborada, a seleção deverá ser em relação ao conteúdo geral (ou tema) da conversação. Ou seja, nesse exemplo, além do conflito na produção da cadeia sintagmática, parece que a seleção do conteúdo geral da resposta também se mostrou conflituosa.

Essas duas possibilidades de interpretação em uma mesma situação hesitativa é possível, pois, de acordo com Jakobson, os dois modos de organização da língua ocorrem concomitantemente. No entanto, há momentos em que um ou outro modo mostra-se mais em evidência, como procuramos demonstrar em 67 (A) e (B).

Conforme procuramos demonstrar, em nossos resultados as hesitações apareceram relacionadas aos dois planos, ou melhor, aos dois modos de organização da língua. Mas, é justamente a afirmação de que um dos modos se mostraria mais em evidência que justificaria a ocorrência preferencial de hesitações em constituintes mais baixos, ou seja, mais ligados à

natureza da palavra, do que em constituintes mais altos (mais ligados à estrutura oracional). Em outras palavras, as hesitações analisadas demonstraram haver maior envolvimento/conflito com a seleção de elementos menores – grupos clíticos e palavras fonológicas / itens lexicais e morfológicos – do que com a combinação de elementos maiores – frase entonacional e frase fonológica / estrutura sintática e semântica.

Essa maior ocorrência de hesitações em constituintes menores já é apontada por Butterworth (1975), para quem, numa visão sintática, pausas que ocorrem anteriores às escolhas lexicais apresentam-se maiores e, segundo o autor, revelam a necessidade de maior tempo de planejamento do falante. Embora com arcabouço teórico diferente, nosso estudo corrobora o desse autor, já que, como vimos, as hesitações que analisamos apareceram relacionadas, mais fortemente, aos constituintes mais baixos prosodicamente (ou seja, relacionados aos itens lexicais).

Nesse aspecto, nosso trabalho corrobora também outro estudo, desenvolvido sob a perspectiva da fonologia prosódica. Com efeito, Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012), verificaram que as hesitações – especificamente as repetições hesitativas e os alongamentos – incidiram, predominantemente, em clíticos prosódicos, considerados por elas como itens funcionais desprovidos de acento lexical.

Noutro aspecto, nossos resultados corroboram também Ramos e Scarpa (2007), as quais, ao analisarem a fala de crianças, também consideram que a língua se organiza nos dois modos propostos por Jakobson. Para as autoras, entre os processos de selecionar elementos da língua e combiná-los em uma cadeia, há a possibilidade de “[...] observar a emergência da criança na língua e negar que a aquisição da linguagem seja um processo de desenvolvimento que visa chegar a um estágio final no qual não haveria mais ressignificações.” (RAMOS; SCARPA, 2007, p. 348).

Acreditamos, com Ramos e Scarpa (2007), que as hesitações indicariam “[...] pontos em que o sujeito se revela, evidências da emergência do sujeito a cada intervalo, a qual se dá através dos processos metafóricos [seleção] e metonímicos [combinação] que permitem o trânsito da criança na/pela linguagem.” (RAMOS; SCARPA, 2007, p. 367) – fato que procuramos demonstrar na análise que fizemos de 67 (A) e (B). Esses momentos de conflitos de seleção e combinação mostrados por hesitações indiciam, ainda, que as hesitações se mostram constitutivas de “[...] elaborações mais complexas da produção de enunciados mais longos e da entrada do sujeito nas construções semântico-pragmático-discursivas mais elaboradas.” (SCARPA, 2015, p. 41).

Em síntese, as hesitações podem “[...] favorecer pistas ao sujeito – e ao pesquisador – de interface entre componentes [fonológicos e gramaticais]” (SCARPA, 2015, p.32). Ou, ainda, sugerem “[...] diferentes graus de mestria no uso das disfluências [bem como] a possibilidade de estes graus poderem revelar, ou estar associados, a diferentes níveis de conhecimento explícito da língua” (MONIZ; MATTA; TRANCOSO, 2012, p.12).

Mas ao considerarmos que as hesitações apareceriam relacionadas aos diferentes modos de organização da língua, revelando a entrada da criança em complexas elaborações sintática-semânticas, morfológica-lexical e discursivas integradas em constituintes prosódicos, vemos como questionáveis ideias de Marcuschi (2006/2015) de que as hesitações seriam vistas como fatos do processamento verbal e cognitivo. Nossos resultados permitem, ao contrário, pensar que, mesmo no interior da PTI³², as hesitações deveriam ser tratadas, junto com a repetição, a paráfrase, o parêntese, a correção, a referenciação, como mecanismo envolvido no processo de formulação/organização textual, pois pensamos, e buscamos demonstrar, que elas seriam mais do que um mecanismo de processamento (*on line*), já que se mostram como constitutivas do texto falado.

Nossa afirmação de que as hesitações são constitutivas da/na linguagem parte de concepções sobre hesitações elaboradas por integrantes do GPEL. Seus integrantes (dentre os quais nos incluímos) vêm buscando interpretar as hesitações como fenômeno que indicaria a negociação do sujeito com os *outros* constitutivos do seu discurso. Desse modo, as hesitações não apareceriam como uma operação de ajuste do discurso, mas como uma turbulência no/do discurso (NASCIMENTO, 2012). A esse respeito, os dados que analisamos mostram que a própria língua – em nosso caso específico, na integração de seus subsistemas em unidades prosódicas – se mostra como um *outro* fundamental na fala das crianças, na medida em que seus diferentes modos de organização (combinação/constituintes mais altos; e seleção/constituintes mais baixos) mostraram diferentes maneiras com as quais as hesitações emergiram no fio do discurso.

Assim, diferentemente da ideia de aspectos (ou perturbações) do planejamento cognitivo do texto falado, as hesitações preferencialmente seriam “[...] indícios da presença

³² Ressaltamos que nosso aparato teórico-metodológico diverge do de Marcuschi em várias instancias. A título de exemplo, para citar uma, nossa concepção de sujeito é diferente daquela resgatada no quadro teórico da PTI. Para Marcuschi, por exemplo, trata-se de um sujeito cognitivo, centrado, fonte do dizer. Para nós, diferentemente, consideramos um sujeito descentrado, cindido que é assujeitado, e na ilusão necessária, acredita exercer sua livre vontade de dizer. Portanto, um sujeito que é atravessado pelo interdiscurso – ou, em outras palavras, por toda uma rede de dizeres.

do sujeito no movimento da língua, o que marca uma diferença entre a fala do outro e a fala da criança” (RAMOS; SCARPA, 2007, p. 367)

6.2. Relações entre hesitações e constituintes prosódicos (relação com a proeminência relativa)

Em nosso segundo objetivo – *observar, nos diferentes constituintes prosódicos, se as hesitações ocorrem, preferencialmente, nas posições fracas ou fortes que os compõem* – verificamos, em nossos dados, quatro tendências no que diz respeito à distribuição das hesitações em posições fortes e fracas dos cinco constituintes analisados, a saber:

1. houve, na relação ocorrências hesitativas / proeminência relativa (independentemente das posições forte x fraca), maior porcentagem de hesitações em frase entonacional, seguida de enunciado fonológico, de grupo clítico, de frase fonológica e de palavra fonológica;
2. houve preferência percentual pela ocorrência de hesitações identificadas em **posição fraca**, ou seja, ocorreram mais hesitações em porções **não portadoras de proeminência prosódica**;
3. em termos estatísticos, essa diferença entre posições forte e fraca mostrou-se significativa na maioria dos domínios prosódicos, com exceção da palavra fonológica – embora a diferença estatística nesse constituinte tenha se mostrado no limite da relevância estatística; e
4. das ocorrências hesitativas que incidiram em posição fraca, o **grupo clítico** foi o constituinte que mais esteve envolvido, percentualmente, nessa posição, seguido dos constituintes frase fonológica, frase entonacional, enunciado fonológico e palavra fonológica.

Quanto à **primeira tendência**, como vimos, as hesitações que estiveram envolvidas nas relações de proeminência relativa (independentemente da posição forte/fraca) dos constituintes prosódicos apresentaram diferentes distribuições. Fato a ser destacado é que as porcentagens de ocorrência em cada constituinte não seguiram a hierarquia prosódica.

Acreditamos que esse diferente grau de distribuição das hesitações em relação à proeminência relativa pode ser justificado pela própria natureza de nossos dados. Antes de demonstrarmos, relembremos o princípio de proeminência relativa que rege a fonologia

prosódica: é estabelecido que, em um dado constituinte prosódico, um elemento terá valor forte e os demais elementos que o circundam o valor fraco, conforme Nespor e Vogel (1986). Nesse princípio, a relação de proeminência só é estabelecida quando há, em um mesmo constituinte prosódico, dois elementos (nós) irmãos que, juntos, componham o domínio do constituinte. Em outras palavras, é necessário que um constituinte seja o domínio de, no mínimo, outros dois constituintes imediatamente abaixo para que haja relação de proeminência entre eles. Por exemplo, em nível de I, é necessário haver pelo menos duas ϕ s para que seja estabelecida relação de proeminência entre elas.

Em nossos dados, houve muitos enunciados como os que se seguem:

Exemplo 68: (situação de entrevista 06)

D02 uhm:: + e o outro quadro + o que você lembra?

S11 + éh:: eu lembro da:: + do + hum + das casa

$[[[[[+ \text{éh::} \text{eu}]_{\omega}]_C [\text{lembro}]_{\omega}]_C]_{\phi} [[[\text{da::} + \text{do} + \text{hum} + \text{das} \text{casa}]_C]_{\phi}]_I]_U$

Exemplo 69: (situação de entrevista 06)

D02 quais foram os quadros que vocês fizeram na sala de aula?

S11 eu fiz + eu fiz a + de barbante + e a pipa dos dos meninos

$[[[[[\text{eu fiz} + \text{eu}]_{\omega}]_C [\text{fiz}]_{\omega}]_C]_{\phi} [[[a + \text{de barbante}]_C]_{\phi}]_I + [[[e \text{ a pipa}]_C]_{\phi} [[\text{dos dos} \text{meninos}]_C]_{\phi}]_I]_U$

Primeiramente observemos a diferença entre os constituintes U e I. Houve menos hesitações envolvidas nas relações de proeminência em U do que em I, pois, muitas vezes, as crianças apresentaram resposta envolvendo um enunciado fonológico composto por apenas uma única frase entonacional, geralmente composta por mais de uma frase fonológica. Assim, a relação de proeminência relativa nesse tipo de enunciado só foi possível de ser verificada no plano hierárquico de I. É o que ocorre em 68, exemplo no qual o enunciado fonológico *eu lembro da casa* é composto por uma única I, composta por duas ϕ s (*eu lembro* e *da casa*). Portanto, sua classificação em relação à proeminência relativa só foi possível em nível de I e não em nível de U. Além dessa possibilidade de enunciados compostos por uma única I, muitas vezes, quando o enunciado fonológico apresentou mais de uma I – como no exemplo 69, em que o enunciado fonológico é composto por duas frases entonacionais (*eu fiz a de barbante* e *e a pipa dos meninos*), essa I, como em 68, também foi composta de pelo menos duas ϕ s. Portanto, esses tipos de situações, ou seja, em que uma I apresentou mais de uma ϕ ,

pode ter aumentado, consideravelmente, a porcentagem de hesitações envolvidas nas relações de proeminência em nível de I.

Quanto a U ser o segundo constituinte com maior porcentagem de ocorrências de hesitações em relação a proeminência relativa, muitos enunciados-respostas foram do tipo estruturas coordenadas em formato de enumeração – como exemplificado em 69. Como se pode ver, emerge na cadeia sintagmática do enunciado de S11 uma sequência de quadros que a criança diz ter feito durante a aula. Cada um dos quadros enumerados por S11 configura-se, prosodicamente, como uma I, situação que provoca uma relação de proeminência entre Is no interior de um mesmo U. Como o Exemplo 69, observamos outros em nosso material, a depender da proposta temática da entrevista, como o encadeamento de materiais usados na confecção de um bolo da planta moringa (ovo, farinha, fermento); nos instrumentos musicais vistos na sala de aula (violão, violoncelo), dentre outros. Embora não tenhamos verificado a quantidade desse tipo de enunciado-resposta, certamente ela pode ter influenciado a quantidade de hesitações presentes em nível de U em relação à proeminência relativa nesse nível da hierarquia.

Destaque-se, ainda, que essas características específicas de nosso material confirmam Nespor e Vogel (1986), bem como Scarpa (1998). Com efeito, de acordo com essas autoras, I e U seriam os constituintes que apresentam mais fortemente a relação de proeminência, visto serem eles os constituintes aos quais a estrutura entonacional da língua está mais fortemente relacionada.

Passemos a C. Como vimos, este foi o terceiro constituinte com maior porcentagem de ocorrências hesitativas envolvidas nas relações de proeminência. Esse terceiro maior percentual, a nosso ver, se deve ao fato de muitas hesitações incidirem exatamente sobre o elemento clítico que compõe esse nível da hierarquia – como no Exemplo 68 em *do:: + do + hum + das* e no Exemplo 69 em *a + de e dos dos* – elemento que, de acordo com o algoritmo que define o funcionamento desse plano da hierarquia prosódica, necessariamente recebe o valor fraco no interior de estruturas com essa configuração prosódica.

Portanto, por um lado, o contraste entonacional entre porções prosódicas maiores no interior de constituintes mais altos e, por outro lado, o contraste entre características prosódicas de um elemento de classe gramatical fechada (o clítico) seguido de um elemento de classe gramatical aberta (por exemplo, a dos substantivos) estariam na base dos maiores percentuais de ocorrências de hesitação em I, U e C. Em outras palavras, pode-se dizer que, por um lado, o contraste fraco/forte que se detecta na proeminência relativa entre

características prosódicas relacionadas à extensão dos constituintes prosódicos, características que estão na base da direção preferencial da proeminência prosódica em constituintes superiores da hierarquia, determinariam a emergência de hesitações nesses dois constituintes. Mas também se pode dizer que, por outro lado, características prosódicas relacionadas à transição entre um elemento de classe gramatical fechada e outro de classe gramatical aberta, transição prosódica marcada justamente pela ausência (no clítico) de acento e pela presença (na palavra de conteúdo) do acento, é que preferencialmente provocariam a emergência de hesitações em C.

Essa duas tendências permitem, ainda, explicar o menor percentual de hesitações nos constituintes *frase fonológica* e *palavra fonológica*. Quanto ao primeiro, diferentemente do que ocorre no constituinte de que ele se compõe – o grupo clítico –, a relação de proeminência em seu interior não se dá entre a ausência/presença de acento, mas, sim, entre graus de acento dos grupos clíticos e/ou das palavras fonológicas que o compõem. Trata-se, então, aqui mais da direção preferencial das proeminências (a dos grupos clíticos e/ou das palavras fonológicas) que compõem a frase fonológica (lembremo-nos de que, no PB, a proeminência mais à direita nesse nível é que recebe o valor forte) do que de um contraste em que a própria ausência/presença do acento (que se verifica no nível do grupo clítico) é que esteja em questão.

Por fim, quanto ao percentual de hesitações no domínio da palavra fonológica, sua pequena extensão (relativamente à extensão dos constituintes acima de seu domínio) é que produziria esse baixo percentual.

Já quanto à segunda tendência, ou seja, maior porcentagem de ocorrência de hesitações em porções não proeminentes dos constituintes prosódicos, nossa hipótese foi confirmada. (Re)lembremos que, apoiando-nos em dados da literatura que investigou a relação entre hesitações e prosódia – exposta em nosso levantamento bibliográfico –, tínhamos como hipótese que as hesitações ocorreriam em porções fracas de cada constituinte prosódico. De fato, como buscamos demonstrar, os resultados a que chegamos corroboraram nossa hipótese e os dados relatados na literatura.

Nos trabalhos desenvolvidos sob coordenação de Scarpa, há a afirmação de que, quando as hesitações ocorrem, elas são identificadas preferencialmente em partes não proeminentes dos constituintes. Ou, nas palavras de Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012), as hesitações não tendem a ocorrer em trechos nucleares, mas, sim, em trechos “[...] periféricos e fronteiros anteriores ao núcleo, isto é, [...] antes da cabeça de constituinte prosódico”

(SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN, 2012, p.30). Em outras palavras, as autoras verificaram que a distribuição das hesitações não foi prosodicamente aleatória, mas, sim, que respeitou um padrão geral de comportamento prosódico, já que ocorreram mais em início dos domínios prosódicos *frase fonológica* e *frase entonacional* e menos em sílabas finais de unidades rítmicas e entonacionais. Em nossos dados, de fato, foram identificadas ocorrências hesitativas que incidiram sobre posições fracas – ou seja, anteriores à proeminência relativa –, como demonstramos nos exemplos 39 e 40 no domínio do enunciado fonológico, nos exemplos 43 e 44 no domínio da frase entonacional, nos exemplos 47 e 48 no domínio da frase fonológica, nos exemplos 51 e 52 no domínio de grupo clítico e 55 e 56 no domínio de palavra fonológica.

Ainda quanto à segunda tendência, embora nossos dados tenham confirmado a literatura, chama-nos a atenção uma afirmação de Scarpa (2015): “A rigor, **nunca encontrei**, em dados de disfluência [hesitações], casos de repetição hesitativa [...] incidindo sobre as sílabas portadoras de acento frasal.” (id, p. 41, *grifo nosso*). Destaque-se que, para a autora, os acentos frasais incidiriam sobre as sílabas proeminentes (cabeças) das frases fonológicas. Assim, no exemplo dado pela autora “com **calda** de abacaxi”, há dois acentos frasais – demonstradas pelas sílabas em negrito (SCARPA, 2015, p. 33).

No entanto, em nossos dados, foram identificadas situações semelhantes àquela que destacaremos a seguir:

Exemplo 70: (situação de entrevista 01)

D01 e o tambor também é feito de corda?

S02 não + tambor é feito + é fe::ito + com negócio embaixo com pra::to

[[[[*não*]_C]_φ]_I + [[[[*tambor*]_C]_φ [[*é feito + é fe::ito* +]]_C]_φ reestruturada [[*com negócio*]_C [*embaixo*]_C]_φ [[*com pra::to*]_C]_φ]_I

Nesse exemplo, a ocorrência hesitativa incide sobre uma frase fonológica reestruturada, composta por dois grupos clíticos (*é*) e (*feito*). Nessa ocorrência, foi identificada a repetição hesitativa de toda a estrutura; portanto, também de sua porção forte (*feito*). Diferentemente do que Scarpa (2015) encontrou em seus dados, ocorrências como do Exemplo 70 mostram que as repetições hesitativas, embora em menor grau, podem incidir também sobre o elemento proeminente da frase fonológica.

Portanto, embora a posição fraca tenha apresentado, em todos os constituintes, maior porcentagem de ocorrência, também encontramos em nossos dados uma parcela de

ocorrências hesitativas identificadas em posição forte. Além do Exemplo 70 que exemplifica a posição forte em nível de frase fonológica, também podemos observar os exemplos 37 e 38 em enunciado fonológico, os exemplos 41 e 42 em frase entonacional, os exemplos 49 e 50 em grupo clítico e os exemplos 53 e 54 em palavra fonológica. Pode-se, pois, pensar que não apenas o valor fraco, em si, provocaria a emergência de hesitações, mas, ainda, que, embora em menor percentual, essa emergência poderia decorrer (também) da relação de proeminência entre porções de um mesmo constituinte – o que explicaria sua presença (também) em porções prosodicamente fortes.

Passemos, agora, à **terceira tendência** encontrada em nossos resultados, ou seja, a da diferença estatisticamente significativa entre ocorrências hesitativas identificadas em posições forte e fraca na maioria dos domínios prosódicos, com exceção da palavra fonológica – embora a diferença estatística nesse constituinte tenha se mostrado no limite da relevância estatística. A partir desse resultado, mais uma vez podemos afirmar que as hesitações ocorrem, preferencialmente, em porções prosodicamente fracas, assim como já apontado pela literatura que investigou sua relação com constituintes prosódicos. (SCARPA, 1995 e 2006; SCARPA; ILIOVITZ, 2002; RAMOS; SCARPA, 2007; SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN; 2012 e SCARPA, 2015).

Por fim, quanto à **quarta tendência**, verificamos que, dentre as ocorrências hesitativas que incidiram em posição fraca, o grupo clítico foi o constituinte que mais esteve envolvido, percentualmente, nessa posição. É considerado como o nó fraco nesse nível da hierarquia o elemento clítico que o compõe. Dessa forma, as hesitações em posição fraca desse constituinte envolveram, justamente o elemento clítico.

O clítico fonológico coincide com a categoria que Marcuschi (1999), em sua classificação dos tipos de palavras sobre os quais incidem hesitações, chama de itens funcionais – tais como os artigos, as preposições e as conjunções. Observe-se, uma vez mais, que, embora o estudo desse autor seja desenvolvido com metodologia diferente daquela que orienta nossa pesquisa (ao não relacionar hesitações a constituintes prosódicos fonológicos) e, ainda, seja desenvolvido com população diferente (a fala de adultos), nossos resultados convergem com aqueles relatados por esse autor, ao afirmar que 50% das hesitações encontradas em seu estudo com a fala de adultos envolveu os itens funcionais. Com resultado semelhante, Delfino e Magalhães (2010), afirmam que “[...] pontos de grande possibilidade de escolha fazem com que o falante tenha dificuldade em selecionar a palavra seguinte no fluxo da fala” (DELFINO; MAGALHÃES, 2010, p. 203). Para os autores, as palavras funcionais

representam uma dificuldade menor de formulação do que palavras de conteúdo. Deve-se, pois, pensar que, no jogo de proeminência relativa característico de cada nível da hierarquia prosódica, o mais significativo para a emergência de hesitações seja o grupo clítico pelo fato de esse jogo envolver não diferentes graus de proeminência (como ocorre nos níveis superiores ao do grupo clítico), mas a própria ausência/presença de proeminência, já que se trata da relação entre uma palavra desprovida de acento e uma palavra provida dele.

* * *

De modo geral, a análise que fizemos das diferentes formas de proeminência relativa em nossos dados de fala infantil permitiu, além de compreender melhor suas próprias características e seu papel nesse tipo de fala, comprovar a eficácia de um modelo de organização prosódica que se sustenta nesse princípio. Como verificamos, os diferentes graus da proeminência fazem com que os fenômenos da língua vinculados a porções prosodicamente fortes e fracas de enunciados relacionem-se diferentemente com elas, a depender desses graus. Assim, um mesmo fenômeno – como, no nosso caso, a relação entre hesitações e posições prosodicamente fracas e fortes de enunciados – pode receber diferentes interpretações, já que essas interpretações vão depender do plano no qual se busca descrever o seu funcionamento na análise. É o que vimos com as ocorrências de hesitações: vistas em relação a toda a hierarquia prosódica, tal como proposta por Nespor e Vogel (1986), seu funcionamento mostra-se como extremamente complexo. Com efeito, são múltiplos os pontos de vista – ou seja, são múltiplos os diferentes domínios prosódicos – pelos quais esse funcionamento pode ser descrito, além de que cada ponto de vista (cada domínio) se configura de diferentes maneiras, uma vez que estão em questão, na organização de cada constituinte prosódico, diferentes formas de relação entre a informação fonológica e a informação que com ela se relaciona, vinda de outros planos da gramática.

7. CONCLUSÃO

Levando-se em consideração a quantidade de amostras de fala analisadas neste estudo, chegamos a algumas conclusões. Em primeiro lugar, verificamos que as hesitações distribuíram-se por toda a materialidade linguística e ocorreram em todas as 147 situações de entrevistas, fato que corroborou a literatura que apontou que as hesitações se mostram em todos os tipos de textos falados. Verificamos, em seguida, que mais do que incidirem sobre amostras de fala, as hesitações não se apresentaram aleatórias do ponto de vista prosódico (em interface com outros componentes da gramática).

Em busca da verificação da localização prosódica em que as hesitações estariam relacionadas, dividimos os constituintes em dois grupos: mais altos e mais baixos. Baseados na literatura, buscamos verificar se as hesitações, que incidiram nos dois grupos de constituintes prosódicos, estariam relacionadas a dois planos simultâneos de planejamento da fala, como sugeriu Goldman-Eisler (1961), bem como trabalhos de cunho cognitivista. Concluímos que as hesitações estariam, sim, relacionadas aos dois grupos de constituintes, mas apresentamos outra interpretação para essa relação: mais do que planos simultâneos de planejamento da fala, a língua se organizaria de dois modos, e a hesitação enquanto constitutiva da língua mostraria, antes, conflitos na seleção e na combinação de elementos linguísticos na emergência de uma cadeia sintagmática. Desse modo, buscamos demonstrar que, nos momentos em que a hesitação emergiu em níveis mais altos da hierarquia, a integração sintaxe/semântica/prosódia entre os elementos que se combinam na cadeia sintagmática do enunciado ocorreu de forma conflituosa. Por outro lado, nos momentos em que a hesitação emergiu em níveis mais baixos da hierarquia foi a seleção de um elemento, dentre outros elementos passíveis de figurar num ponto específico da cadeia, é que se mostrou conflituosa.

Embora as hesitações tenham se mostrado como dependentes desses dois modos de organização da língua, verificamos que, na fala das crianças analisadas, as hesitações estiveram mais fortemente envolvidas com os constituintes mais baixos. Verificamos, portanto, que as hesitações identificadas demonstraram haver maior envolvimento/conflito com a seleção de elementos menores – grupos clíticos e palavras fonológicas / itens lexicais e morfológicos – do que com a combinação de elementos maiores – frase entonacional e frase fonológica / estrutura sintática e semântica.

Nossos dados mostraram, também, quatro tendências na distribuição das hesitações em relação à proeminência relativa de cada um dos cinco constituintes. Na primeira tendência,

observamos haver, na relação ocorrências hesitativas e proeminência relativa (independente das posições forte x fraca), maior porcentagem de hesitações em frase entonacional, seguida de enunciado fonológico, de grupo clítico, de frase fonológica e de palavra fonológica. Na segunda tendência, observamos haver preferência percentual pela ocorrência de hesitações identificadas em posição fraca, ou seja, ocorreram mais hesitações em porções não portadoras de proeminência prosódica. Esse fato, na terceira tendência, foi verificado em termos estatísticos, já que essa diferença entre posições forte e fraca mostrou-se significativa na maioria dos domínios prosódicos, com exceção da palavra fonológica. Por fim, na quarta tendência, observamos que, das ocorrências hesitativas que incidiram sobre posições fracas, o grupo clítico foi o constituinte que mais esteve envolvido, percentualmente, nessa posição.

Desse modo, verificamos que a análise que fizemos das diferentes formas de proeminência relativa em nossos dados de fala infantil permitiu, além de compreender melhor suas próprias características e seu papel nesse tipo de fala, comprovar a eficácia de um modelo de organização prosódica que se sustenta nesse princípio.

Essas foram algumas conclusões a que a análise de nosso *corpus*, considerando o tempo que tivemos disponível, permitiu chegar. No entanto, ao olharmos para os dados, podemos verificar tantas outras análises possíveis e capazes de revelarem diferentes alcances do fenômeno da hesitação. Ficam, portanto, em aberto novas inquietações, tais como: relacionar os diferentes tipos de hesitações e sua relação com os domínios prosódicos; verificar a interação entre os tipos de oficinas realizadas com as crianças e a emergência de hesitações; verificar os papéis das motivações pragmáticas/interpessoais entre documentadora e criança durante as entrevistas; dentre muitas outras possibilidades de análise que nossos dados e as hesitações nos permitem analisar.

REFERÊNCIAS

- ALTIPARMAK, A.; KURUOGLU, G. An analysis of speech disfluencies of Turkish speakers based on age variable. **Journal of Psycholinguistic Research**, v. 47, p. 699-718, 2018.
- ANDRADE, C. R. F. Gagueira Infantil. In: ANDRADE, C. R. F.; MARCONDES, E. (Orgs.). **Fonoaudiologia em Pediatria**. São Paulo: Sarvier, v. 1, 2003. p. 61-69.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990.
- AZEVEDO, N. P. S. G.; LUCENA, J. A. Perspectiva linguístico-discursiva na terapêutica da gagueira. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 51, n. 2, p. 167-186, 2009.
- BELIAO, J.; LANCHERET, A. Disfluency and discursive markers: when prosody and syntax plan discourse. In: The 6th Workshop on Disfluency in Spontaneous Speech, 6., 2013, Stockholm, Sweden, v. 54, n. 1, 2013. p. 5-9.
- BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001. p.229-250.
- BRAUN, A.; ROSIN, A. On the speaker-specificity of hesitation markers. In: International Congress of Phonetic Sciences, 18th., 2015, Glasgow, UK: The University of Glasgow, p. 731-5, 2015.
- BUTTERWORTH, B. Hesitation and Semantic Planning in Speech. **Journal of Psycholinguistic Research**, v. 4, n. 1, p. 75-87, 1975.
- CAMILLO, M. **Hesitações em deslizamentos do dizer de sujeitos parkinsonianos e não parkinsonianos: um estudo comparativo**. Orientador: Lourenço Chacon Jurado Filho. 2011, 182f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.
- CARNEIRO, C. R. Refletindo sobre a gagueira de um ponto de vista linguístico. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 35, p. 448-453, 2006.
- CARNEIRO, C. R. Gagueira e os efeitos dessa fala. **Anais do SETA**, Campinas, v. 2, p. 111-115, 2008.
- CARNEIRO, C. R. Violações da continuidade/descontinuidade da língua e o efeito em falas gagas. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 894-904, 2011.
- CARNEIRO, C. R.; SCARPA, E. Singularidade nas manifestações de fala gagas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 67, n. 1, p. 155-167, 2012.
- CARVALHO, M. Uma reflexão sobre a (dis)fluência. In: Congresso Internacional Asociación de Lingüística y filología de América Latina (ALFAL), 17., 2014, João Pessoa – Paraíba.
- CHACON, L. Dificuldade de início de movimentos na produção de enunciados falados de sujeitos parkinsonianos. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 35, p. 1171-1178, 2006.

- CHACON, L.; VILLEGA, C. C. S. Hesitações na fala infantil: indícios da complexidade da língua. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 67, n. 1, p. 81-95, 2012.
- CHACON, L.; VILLEGA, C. C. S. Aquisição da linguagem: hesitações no par dialógico pergunta/resposta. **Communication Disorders, Audiology and Swallowing (CoDAS)**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 73-9, 2015.
- CHOUPINA, C. M. e GUEDES, C. Interface sintaxe-fonologia nos domínios acima do grupo clítico. **Revista eletrônica de linguística dos estudantes da universidade do Porto (ElingUP)**, Porto, v. 2, n. 1, p. 11-37, 2010.
- CORLEY, M.; STEWART, O. W. Hesitation disfluencies in spontaneous speech: the meaning of *um*. **Language and Linguistics Compass**, v. 2, n. 4, p. 589-602, 2008.
- CRESCITELLI, M. F. C. Hesitação e interrupção do ponto de vista interacional. **Revista Investigações**, Recife, v. 21, n. 2, p. 133-151, 2008.
- CRUZ, M. **Gaguez. Em busca de um padrão prosódico e entonacional**. Orientador: Sónia Frota e Fernando Martins. 2009, 188f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras, Lisboa.
- DELFINO, A.; MAGALHÃES, J. O. Estudo prosódico das disfluências de reparo. **Revista virtual de estudos da linguagem (ReVEL)**, v. 8, n. 15, p.181-207, 2010.
- FARIA, P. Sintaxe e prosódia: antissimetria, hierarquia e isomorfismo. **Revista digital do programa de pós-graduação em letras da PUC-RS**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 346-358. 2015.
- EDRINGTON, J. L.; BUDER, E. H.; JARMULOWICS, L. Hesitations in third graders' productions of derived words. In: International congress of phonetic sciences (ICPhS), Saarbrücken, 2017. p. 6-10.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. O par dialógico pergunta-resposta. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. Gramática do português culto falado no Brasil. Campinas: UNICAMP; 2006. p. 133-166.
- FREITAS, M. C. C. Relações entre fluência e aquisição fônica em crianças com desvios fonológicos: GT Evidências fonéticas e elaboração de modelos fonológicos. In: Anais do CELSUL, 2008. p. 1-9.
- GAYER, J. E. L. Uma breve história dos constituintes prosódicos. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 149-172, 2015.
- GOLDMAN-EISLER, F. Hesitation and Information in Speech In: CHERRY, C. (org.). **Information Theory: fourth London Symposium**. London: Butterworths, 1961. p. 162-174.
- HAWKINS, P. R. The syntactic location of hesitation pauses. **Language and Speech**, v. 14, n. 3, p. 277-288, 1971.
- JONES, P. A. Elaborated speech and hesitation phenomena. **Language and Speech**, v. 17, n. 2, p. 199-203, 1974.

JUBRAN, C. C. A. S. Introdução a Perspectiva Textual-Interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil** – v.I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 27-36.

JUBRAN, C. C. A. S.. Uma gramática textual de orientação interacional. In: MORAIS, M. A. T.; CYRINO, S. M. L.; CASTILHO, A. T.; LOPES, L. E. V. (orgs). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas; São Paulo: Pontes/FAPESP, 2007. p. 313-327.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2000. 134 p.

KRIVOKAPI, J. Prosodic planning: effects of phrasal length and complexity on pause duration. **Journal of Phonetics**, v. 35, n. 2, p. 162-179, 2007.

LEVELT, W. J. M.; CUTLER, A. Prosodic marking in speech repair. **Journal of Semantics**, v. 2, n. 2, p. 205-217. 1983.

LEVIN, H.; SILVERMAN, I. Hesitation phenomena in children's speech. **Language and Speech**, v. 8, p. 67-85, 1965.

LIMBERGER, B. K.; RATTOVA, S. S. O processamento de estruturas linguísticas recursivas: contribuições da interface entre Sintaxe Gerativa e Psicolinguística. **Via Litterae**, Anápolis, v. 8, n. 1, p.43-64, 2016.

MARCILESE, M.; CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R. N. Recursividade na sintaxe da língua e na aritmética: interdependência ou independência entre domínio? Um estudo experimental. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p.250-277, 2014.

MARCUSCHI, L. A. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. **Gramática do Português Falado: novos estudos**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1999. p. 159-194.

MARCUSCHI, L. A. Hesitação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil** – v. I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 48-70.

MARCUSCHI, L. A. Hesitação. In: JUBRAN, C. C. A. S. (org). **Gramática do português culto falado no Brasil** – v. I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2015. p. 49-68.

MARTIN, J. G.; STRANGE, W. The perception of hesitation in spontaneous speech. **Perception & Psychophysics**, v. 3, n. 6, p. 427-438, 1968

MARTINS, V. O, ANDRADE, C. R. F. A. Perfil evolutivo da fluência da fala de falantes do Português Brasileiro. **Revista Pró-Fono**, Barueri, v. 20, n. 1, p. 7-12, 2008.

MATZENAUER-HERNANDORENA, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**, 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001. p.11-89.

MELO, C. G. **Funcionamento das pausas na aquisição da linguagem**. Orientador: Lourenço Chacon Jurado Filho. 2013, XXf. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC em

Fonoaudiologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília.

MELO, C. G. Hesitações na organização da frase entonacional na aquisição da linguagem. Orientador: Lourenço Chacon Jurado Filho. 2016, 159f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília.

MELO, C. G., CHACON, L. Relações entre pausas e constituintes prosódicos na fala de crianças com desenvolvimento típico de linguagem. **Audiology-Communication Research**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 18-23, 2016.

MERLO, S. Hesitações na fala semi-espontânea: análise por séries temporais. Orientador: Plínio Almeida Barbosa. 2006, 209f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MERLO, S.; BARBOSA, P. A. Hesitation phenomena: a dynamical perspective. **Cognitive Processing**, v. 11, p. 251-261, 2010.

MERLO, S.; BARBOSA, P. A. Séries temporais de pausas e de hesitações na fala espontânea. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 67, n. 1, p. 11-24, 2012.

MONIZ, H.; BATISTA, F.; TRANCOSO, I.; MATA, A. I. Prosodic context-based analysis of disfluências. In: Annual Conference of the International Speech Communication Association (INTERSPEECH), 13th., 2012, Portland. p. 1961-1964. Disponível em: <https://www.isca-speech.org/archive/archive_papers/interspeech_2012/i12_1961.pdf>

MONIZ, M. **Contributo para a caracterização dos mecanismos de (dis)fluência no Português Europeu**. Orientador: Ana Isabel Mata da Silva. 2006. 169f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa.

MONIZ, H.; MATA, A. I.; VIANA, M. C. Mecanismos de (dis)fluência em contexto escolar. In: **Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, 23., 2008, Lisboa. *Resumos...APL*: Lisboa, 2008. p. 329-343.

MONIZ, H.; MATA, A. I.; TRANCOSO, I. A classificação das disfluências como mecanismos de (dis)fluência e os seus contextos prosódicos. In: **Textos selecionados do Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, 26., 2012, Porto. *Resumos...APL*: Porto, p.?, 2012.

NASCIMENTO, J. C. **Fenômeno hesitativo na linguagem: um olhar para a doença de Parkinson**. Orientador: Lourenço Chacon Jurado Filho. 2005, 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.

NASCIMENTO, J. C. **Uma perspectiva discursiva sobre a hesitação**. Orientador: Lourenço Chacon Jurado Filho. 2010, 128f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” São José do Rio Preto.

- NASCIMENTO, J. C. Uma visão enunciativo-discursiva da hesitação. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 67, n. 1, p. 42-67, 2012.
- NASCIMENTO, J. C.; CHACON, L. Por uma visão discursiva do fenômeno da hesitação. **Alfa**, São José do Rio Preto, v. 50, p. 59-76, 2008.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986. 327 p.
- ORLANDI, E. **As formas do silêncio no movimento de sentidos**. 6ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2007. 184 p.
- PINTO, R. C. N. O conceito de Fluência nos estudos das afasias. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 67, n. 1, p. 117-134, 2012.
- PRETTI, D.; URBANO, H. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**: materiais para seu estudo. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor/FAPESP, 1998.
- RAMOS, S.; SCARPA, E. M. Hesitações e rupturas em aquisição da linguagem: os processos reorganizacionais na fala infantil. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 348-367, 2007.
- RAGSDALE, J. D.; SISTERHEN, D. H. Hesitation phenomena in the spontaneous speech of normal and articulatory-defective children. **Language and Speech**, v. 27, n. 3, 1984.
- SCARPA, E. M. O jogo, a construção e o erro: considerações sobre a linguagem da criança pré-escolar. **Ideias** (UNICAMP), v. 10, p. 54-64, 1990.
- SCARPA, E. M. Sobre o Sujeito Fluente. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 29, p. 163-184, 1995.
- SCARPA, E. M. Apresentação. In: SCARPA, E. M. (org.). **Estudos de prosódia**. 1. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1999. p. 7-20.
- SCARPA, E. M. (Ainda) Sobre o Sujeito Fluente. In: LIER-DE-VITTO, M. F.; ARANTES, L. (orgs.). **Aquisição, patologia e clínica da linguagem**. São Paulo: Editora PUC-SP, 2006. p. 161-180.
- SCARPA, E. M. Disfluências e estrutura prosódica na fala adulta e infantil. **Revista Pró-língua**, Paraíba, v. 10, n. 1, p. 30-42, 2015.
- SCRPA, E. M.; FERNADES-SVARTSMAN, F. A estrutura prosódica das disfluências em Português Brasileiro. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 67, n. 1, p. 25-40, 2012.
- SCARPA, E. M.; ILIOVITZ, E. R. Lapsos, Disfluências e a Estrutura Prosódica. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 31, 2002.
- SELKIRK, E. O. **Phonology and syntax, the relation between sound and structure**. Cambridge: CUP, 1984.
- SERFATY, M. A. B. **Estudio acústico-prosódico de los fenómenos de hesitación: análisis contrastivo entre los dialectos andino y central**. Orientador: Elsa J. Mora. 1999, 56f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Los Andes, Mérida.

TENANI, L. Fonologia Prosódica. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. L. (orgs). **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017. p.115-123.

TUMANOVA, V.; ZEBROWSKI, P. M.; THRONEBURG, R. N.; KAYIKCI, M. E. K.. Articulation rate its relationship to disfluency type, duration, and temperament in preschool children who stutter. **Journal of Communication Disorders**, v. 44, p. 116-129, 2011.

VILLEGA, C. C. S. **Hesitações em início de enunciados de crianças em aquisição de linguagem**. Orientador: Lourenço Chacon Jurado Filho. 2014, 249f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília.

VIEIRA, R. C. R. **Doença de Parkinson: deslizamentos do dizer marcados por hesitações em contexto fonético-fonológico recorrente**. Orientador: Lourenço Chacon Jurado Filho. 2009, 106f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.

WIEDEMER, M. L. A correlação entre hesitação e tipo textual: aspectos da fala do interior paulista. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 1388-1410, 2017.

ANEXO A

Normas de transcrição das sessões de conversação – adaptadas de Pretti; Urbano (1988), Marcuschi (1998) e Koch (2000).

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda + () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os +éh::: + o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o banco + central + certo?
Qualquer pausa	+	são três motivos + ou três razões + que fazem com que se retenha moeda +
Comentários descritos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- -	+ a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	{ligando as linhas	A. na {casa da sua irmã B. {sexta-feira?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasinó... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

ANEXO B

Marcas hesitativas consideradas para transcrição e análise de nosso material.

MARCA HESITATIVA	SÍMBOLO	EXEMPLO
PAUSA SILENCIOSA (PS)	+	(situação de entrevista 02) <i>S06 ++ correram no amigo dele</i>
PAUSA PREENCHIDA (PP)	<i>Hum</i> <i>éh</i> <i>ah</i>	(situação de entrevista 05) <i>S23 hum:: + chocolate eh:: + eh:: + não lembro mais</i>
CORTE BRUSCO (CB)	/	(situação de entrevista 07) <i>S20 hum +++ hum ++ hum + t/ + violão</i>
ALONGAMENTO HESITATIVO (AL)	::	(situação de entrevista 03) <i>S13 + ali perto do:: muro</i>
REPETIÇÃO HESITATIVA (RH)	Transcrição do elemento repetido	(situação de entrevista 04) <i>S08 o ratinho do campo + ficou / ficou correndo</i>
GAGUEJAMENTO (GA)	Seguimento repetido, seguido de barra inclinada	(situação de entrevista 08) <i>S18 + ah:: n/não é assim que começa não vou voltar</i>
FALSO INÍCIO (FI)		(situação de entrevista 10) <i>S16 + éh:: + éh:: + a do:: éh + a da:: + do lu/ quer dizer a do:: a do luciano hu::ck</i>

Fonte: marcas hesitativas baseadas em Marcuschi (1999 e 2006), complementadas por Nascimento (2005), Vieira (2009) e Camilo (2011).